

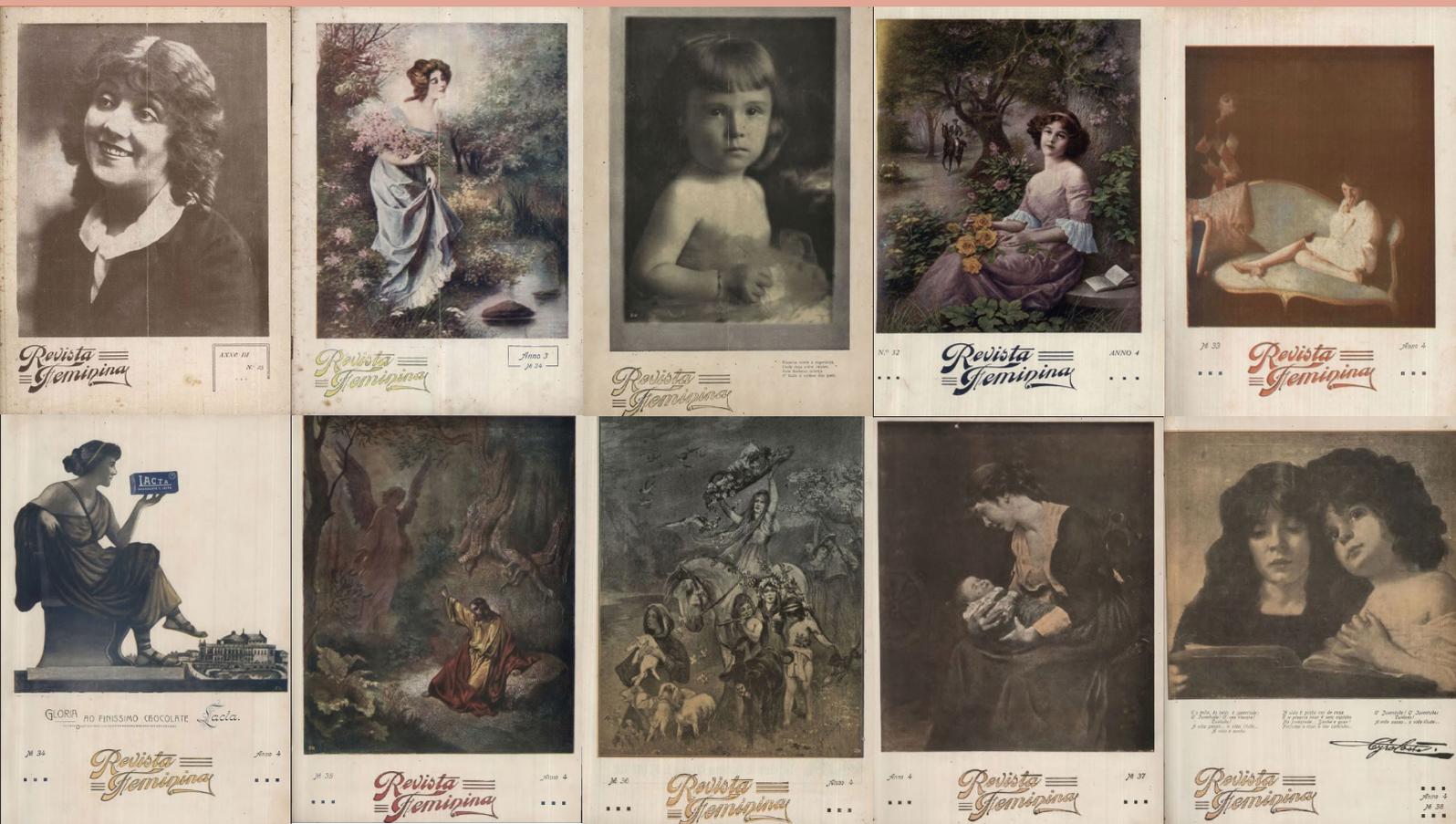


Relatório final de pesquisa de iniciação científica - FAPESP

Revista Feminina: domesticidade, gênero e taylorismo

Marcela Moreira Momi

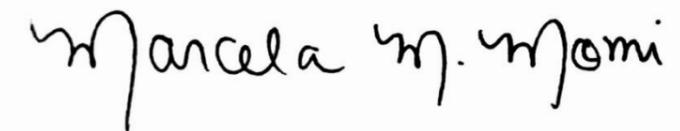
Orientadora: Prof^a Dr^a Joana Mello de Carvalho e Silva



Revista Feminina: domesticidade, gênero e taylorismo

Relatório final de pesquisa de iniciação científica

FAPESP n. 2018/08908-5

Handwritten signature of Marcela M. Momi in black ink on a light background.

Bolsista FAPESP: Marcela Moreira Momi

Handwritten signature of Joana Mello in black ink on a light background.

Orientadora: Prof^a Dr^a Joana Mello de Carvalho e Silva

Universidade de São Paulo

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto

Julho de 2019



1. RESUMO	5
2. INTRODUÇÃO	7
3. REVISTA FEMININA: ORIGEM, VALORES E MISSÃO	15
4. A(S) MULHER(ES) NA REVISTA FEMININA	23
I. A MULHER E A FAMÍLIA	23
II. A MULHER E A CASA	27
III. A MULHER NA SOCIEDADE	35
5. O ESPAÇO DOMÉSTICO	45
I. “UMA COZINHA MODELO”, “UM REFEITÓRIO PARA CRIANÇAS” - 1917	50
II. “O PEQUENO QUARTO DE UMA MOÇA” - 1917	52
III. “A COSINHA MODERNA” - 1917	54
IV. “A COZINHA MODERNA” - 1918	58
V. “OS DEVERES DE UMA DONA DE CASA” - 1923	62
VI. “COMO ORGANISAR A MINHA CASA: A COZINHA IDEAL” - 1924	66
VII. “UMA COSINHA BEM MONTADA” - 1925	69
6. EFICIÊNCIA E RACIONALIDADE: OUTRAS APLICAÇÕES	75
I. OBJETOS DOMÉSTICOS	75
II. AS MENÇÕES A HENRY FORD	84
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
8. REFERÊNCIAS	95



1. Resumo

Focando em uma temática ainda pouco abordada pela historiografia da arquitetura, esse projeto de pesquisa se propõe a investigar a relação entre os ideais de domesticidade e a lógica industrial taylorista na economia doméstica, a partir de um foco na figura da mulher. O estudo se dará pela análise da difusão desses ideais em um periódico que circulou entre 1914 e 1936 na cidade de São Paulo e ganhou alcance nacional ao longo dos anos: a *Revista Feminina*.

A pesquisa busca associar a análise bibliográfica e de fontes tradicionais da história da arquitetura com o levantamento de dados em fontes alternativas não eruditas, como a revista em questão. Dessa forma, há um interesse pela pesquisa em fontes primárias com o intuito de construir uma aproximação com as dinâmicas da sociedade paulistana do início do século XX.

Abstract

By focusing on a topic little addressed by the historiography of architecture, this research project intends to investigate the relation between the ideals of domesticity and the taylorist industry logic applied to the domestic economy, with a focus on the woman's figure. The study will analyze the propagation of those ideals at the time's periodicals, with the *Revista Feminina* as the center of the research. This magazine has been in circulation between 1914 and 1936 in the city of São Paulo and has reached national level within the years.

The research intends to associate the analysis of the bibliography and the traditional history of the architecture sources with the non-scholarly alternative sources, as the referred magazine. In this way, there is an interest in researching in primary sources in order to create an approach with the São Paulo's society's dynamics of the 20th century.



2. Introdução

Vejam as minhas amigas, o quadro que representam as cozinhas no tempo de nossas avós. Que é que vemos nesse tempo? Todas as mulheres da casa, estão fiando, lavando, cozinhando, junto á lareira, ao clarão da lampada domestica. Em outra parte da habitação, faz-se o resto do trabalho [...] o lar de nossas avós era uma verdadeira manufactura e um deposito de provisões. Seguio-se a este periodo, uma transformação tão gradual, que ás mulheres, quasi passou despercebida. O trabalho de tecer, fiar, preparar as conservas; a preparação do pão, etc, foi, pouco a pouco transferindo-se da casa para a fabrica. Realisou, em grande parte esta transformação, o maravilhoso desenvolvimento que tomaram as machinas, o vapor, a electricidade: como, porém, esta substituição effectuava-se paulatinamente, era natural que ás mulheres, escapasse toda a sua significação e alcance. Mais tempo e liberdade ficaram á disposição das donas de casa. E aqui tem inicio a nova sciencia domestica. A mulher, então, era principalmente productora. Gradualmente, foi-se transformando em consumidora, afinal; o que quer dizer, que tem que adquirir o que antes produzia em sua própria casa. Tornou-se de tal arte, a principal consumidora da economia domestica. De fóрма, que hoje a sua principal missão no lar, consiste em gastar o mais acertadamente possivel. Vemos assim, que o seu papel, como factor economico da familia, mundou completamente. [...] A verdadeira diferença entre a antiga dona de casa e a dona de casa actual é esta: o trabalho da antiga dona de casa era puramente material e executado de portas a dentro; o trabalho da moderna dona de casa, pondo em mãos mercenarias o esforço physico desse mesmo trabalho, converte-se, como é natural, em vigilância e fiscalisação [...]. Phisicamente, o trabalho da moderna dona de casa, é muito mais facil do que antigamente. A responsabilidade, porém, é inegavelmente, maior. E é preciso que acceitemos completamente esta responsabilidade. (Revista Feminina, 1923, n. 108, pp. [53-54])¹.

¹ Fala apresentada por Julian Hath, presidente da Liga Nacional das Donas de Casa e “conceituada feminista americana” às suas companheiras de associação.

Tomando como panorama as diversas transformações urbanas e processos sociais modernizantes pelos quais a cidade de São Paulo passava na transição do século XIX para o século XX, a presente pesquisa de iniciação científica busca entender as mudanças ocorridas no ambiente doméstico neste período. A pesquisa busca se inserir nos estudos de habitação e domesticidade que associam a nova produção do espaço urbano e a assimilação de conceitos industriais de racionalidade, eficiência e produtividade no espaço doméstico, e identificam como essencial nesse processo a participação das mulheres. Dessa forma, aproximando-se dos estudos de gênero, a pesquisa investiga o papel das mulheres na assimilação dos conceitos acima apontados no ambiente doméstico, tendo como fonte de estudo principal a *Revista Feminina*.

A *Revista Feminina* foi um periódico de publicação mensal que surgiu em São Paulo no ano de 1914 e esteve em circulação até 1936, ganhando alcance nacional ao longo desses anos. Em um período de escassez de opções de leitura para as mulheres, a *Revista* ganhou notoriedade e se consolidou como o primeiro grande periódico do gênero, podendo ser considerada a precursora das grandes revistas femininas atuais (BUITONI, 1986, pp. 36-45; MASCARO, 1982, pp. 7-8).

Com seu caráter aconselhador, a *Revista* funcionava quase como um manual para as mulheres e as instruía a respeito das atividades domésticas, higiene e conforto do lar, cuidados com as crianças, comportamento perante o marido e a sociedade, preparo de receitas, dicas de moda e beleza, confecção de trabalhos manuais, entre outros. Não somente isso, o periódico teve papel fundamental ao relatar e discutir o avanço da luta pelo voto feminino no Brasil e no mundo, assim como de outras reivindicações do feminismo do começo do século passado.

Dessa forma, compreendendo a *Revista Feminina* como importante veículo de comunicação, principalmente entre as classes mais abastadas, e voltado para os temas ditos “femininos”, como o universo doméstico, o periódico atende aos objetivos da pesquisa ao trazer em suas páginas conceitos de racionalidade e eficiência

aplicados ao lar e permitir compreender como estes conceitos eram divulgados e assimilados pelas leitoras.

Nos Estados Unidos da América, as reflexões a respeito do trabalho doméstico a fim de torná-lo mais eficiente, diminuindo a esforço e o tempo necessários para a execução de tarefas pela dona de casa, datam de meados do século XIX. Muitas mulheres, como Catherine Esther Beecher (1800-1878), Ellen Richards (1842-1911), Mary Pattison (1869-1951) e Christine Frederick (1883-1970) publicaram estudos a esse respeito de forma instrutiva para outras mulheres. Esses estudos questionavam a condição do trabalho doméstico e muitas vezes propunham soluções espaciais para essas questões, ilustrando a aplicação da melhor disposição do mobiliário visando à economia de espaço e de movimentos desnecessários da mulher.

Simultaneamente, também nos Estados Unidos, o engenheiro Frederick W. Taylor desenvolvia o seu método de gestão científica focado no aumento de eficiência do trabalho do operário visando uma maior produção em menor tempo. Os conceitos nos quais esse novo sistema industrial se baseava foram publicados no livro *The Principles of Scientific Management*, em 1911.

O questionamento que orientou a pesquisa era o da possibilidade de as mulheres brasileiras terem entrado em contato com essa discussão ainda nas primeiras décadas do século XX. Embora o debate em torno das disposições internas da casa – principalmente dos desenhos de cozinha – só tenha tomado proporção a partir da década de 1930, “soluções esparsas, advindas dos Estados Unidos já eram visíveis por aqui ainda nos primeiros anos do século XX” (ATIQUE, 2007, p. 106).

Na história da arquitetura, é comum que se coloque as décadas de 1930-1940, como marco da assimilação da industrialização pela arquitetura brasileira, tendo o movimento moderno como principal vetor desse novo pensamento. No entanto, a pesquisa aponta que mesmo antes já havia um debate a respeito, em grande medida levado a cabo pelas mulheres e veículos como a *Revista Feminina*, permitindo assim,

questionar a historiografia e investigar possíveis antecedentes dos ideais que orientaram o movimento moderno no Brasil.

Metodologia

O processo metodológico dessa pesquisa de Iniciação Científica se constituiu pela associação entre as referências bibliográficas e a fonte primária: a *Revista Feminina*. Os exemplares analisados estão disponíveis para consulta online no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Assim, a partir do período de existência da *Revista* e da disponibilidade do Arquivo Público, delimitou-se o recorte temporal de estudo entre 1915 e 1925.

O projeto de pesquisa no momento de sua formulação propôs a leitura completa dos 129 exemplares disponíveis até o ano de 1925, além do exemplar de julho de 1926, único disponível desse ano. Para análise de todo o material levantado, foram criadas planilhas que possibilitaram a organização dos exemplares e seus assuntos de acordo com o modelo disponível na página 11. As entradas temáticas, definidas inicialmente no projeto de pesquisa, foram revistas ao longo do levantamento documental, assimilando temas novos e/ou subdividindo-os em função do debate de época e dos objetivos da pesquisa.

No entanto, algumas alterações foram feitas ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Dentre elas, está a exclusão do exemplar de 1926, que foi decidida por se entender que um único exemplar isolado não pode ser representativo de todo um ano de produção da *Revista*. Além disso, focou-se a leitura e investigação pela presença dos conceitos tayloristas aplicados ao ambiente doméstico, a partir do segundo semestre de vigência da bolsa, nos anos de 1917 a 1925, já que os exemplares analisados de 1915 e 1926 não apresentaram resultado satisfatório nesse quesito. Ao todo, foram lidos e catalogados 115 exemplares entre os anos de 1915 e 1925.

		Exemplar nº130 - Marco/1925. Fonte: Acervo do APESP	
Mulher	O papel da mulher	Dona de casa	pp. [43-45]. "Como embelezar nossos lares: um punhado de lindos modelos em arte applicada oferecidos á habilidade das leitoras".
		Esposa	pp. [36-37]. "Noções de puericultura: aleitamento mercenario - Amas".
		Mãe	pp. [73-74]. "Conselhos ás mães: a saúde das crianças".
	Família		
	A mulher na sociedade		pp. [13-15]. "Vida Feminina - Arte, Sciencia, Letras". Ensino rural destinado ás moças francezas; "Mulheres pedreiras"; "Uma bibliotheca Feminina"; "A mulher argentina na marinha mercante"; "A moda e o feminismo"; "O feminismo na Austria - Creação de um ministerio da mulher"; "O feminismo nos Estados Unidos"; "Feira Mundial da Mulher"; "A mulher franceza nos conselhos municipaes"; "O voto feminino na Italia - parecer contrario a esse projecto".
	Corpo: higiene, estética e saúde		pp. [16-17]. "A Arte de Prolongar a Vida: hygiene ou doutrina da saúde". pp. [24-25]. "A moda".
Espaços	Espaços: Funcionalidade, eficiência e racionalidade		pp. [70-72]. "Uma cosinha bem montada". Entre os melhoramentos que nesses ultimos cincoenta annos vierra trazer á nossa vida um pouco mais de conforto o de facilidade, a cozinha sobretudo parece ter, em grandes proporções, beneficiado o esforço dispendido. Infelizmente, a esse respeito estamos ainda muito longe dos paizes estrangeiros, onde os laboratorios culinarios funcionam com uma perfeição quasi ideal. [...] Eis entfim [...] o relógio cuja ausência muito compromette o horário e a exatidão das refeições. [...] A ultima feira de Paris expoz, reduzidos e accessiveis, alguns engenhosos specimens desses minusculos fogões. Quando for resolvido o meio de os installarmos em nossas casas, tudo se tomará, em materia de cozinha, muito mais simples e facil'. pp. [40-41]. "A influencia das cores sobre a Belleza e a Saude". "Um provérbio muito em uso na Italia diz que "onde a luz não penetra, entra o medico". E é um facto indiscutivel a hygiene das construcções modernas a respeito da utilização da luz". pp. [70-72]. "Uma cosinha bem montada". Agora, dotou-a de melhoramentos e de enfeites o bom gosto dos nossos constructores. É uma dependencia espaçosa, banhada pelos raios de sol. Paredes, tectos, moveis e prateleiras, tudo é branco, de um branco leitoso que lhe dá um aspecto de limpeza e de alegria. Até uma altura de dois metros, a parede é coberta, de ladrilhos igualmente brancos. [...] Sem duvida, muito ainda temos que realizar, nesse sentido antes de conhecer o conforto simples e pratico que nascerá amanhã com o uso da cozinha electrica.
	Conforto e hygiene no espaço doméstico		
Objetos	Objetos: Funcionalidade, eficiência e racionalidade		pp. [9]. Anúncio: "Ha uma certa differença entre diferentes ferros de engommar eléctricos. Dos muitos aparelhos eléctricos que teem sido inventados para facilitar as tarefas da humanidade, não ha nenhum em que se encontre tanta differença em qualidade como no ferro de engommar electrico."
Doutos	Referências estrangeiras: revistas		
	EUA como modelo		

Por fim, alguns pontos importantes precisam ser esclarecidos a respeito do texto que se seguirá. O primeiro deles é que se optou pela manutenção da grafia original dos trechos extraídos diretamente da *Revista Feminina*, de forma que muitas passagens não estarão de acordo com a atual norma vigente da língua portuguesa.

O segundo ponto diz respeito à indicação do número de página nas citações à *Revista Feminina*. Essa indicação está de acordo com a numeração original, quando disponível. Nos casos em que o exemplar não possui numeração, a indicação de página aparecerá escrita entre colchetes e diz respeito ao número de página do arquivo digital (PDF).

Por último, todas as imagens reproduzidas nesse trabalho respeitam as dimensões originais da página da Revista Feminina. Buscou-se, sempre que possível, representar com fidelidade a disposição e aparência das páginas do periódico, permitindo ao leitor um contato mais direto com o documento e uma leitura cruzada com as interpretações aqui desenvolvidas.



3. Revista Feminina: origem, valores e missão

Pertencente à Empreza Feminina Brasileira, a *Revista Feminina* surgiu em 1914, originalmente com o título *A Luta Moderna*. Com a tiragem de 30 mil exemplares no seu primeiro ano, o periódico paulistano rapidamente conquistou espaço em nível nacional, passando, no ano seguinte, a adotar *Revista Feminina* como seu nome definitivo.

Fundada e dirigida por Virgínia de Souza Salles (?-1918), senhora pertencente a uma tradicional família da elite paulista, a *Revista Feminina* surgiu em resposta à falta de um periódico em São Paulo que abordasse todos os temas de interesse do público feminino. Na época, as opções de conteúdo para mulheres se restringiam a alguns poucos periódicos publicados em português, mas com corpo editorial composto por homens, além de alguns outros publicados em idiomas estrangeiros (MASCARO, 1982, pp. 7-8). Atendendo a demanda por uma revista feminina, brasileira e feita por mulheres, a iniciativa de Virgínia se destacou: “Ha um facto que nenhuma senhora brasileira deve hoje ignorar e é que existe no Brazil uma *Revista Feminina*, dirigida exclusivamente por senhoras, dedicada exclusivamente ás senhoras” (*Revista Feminina*, 1916, n. 21, p. 5).

O conteúdo pensado como de interesse feminino dizia respeito, principalmente, a aspectos da vida doméstica, da família e, posteriormente, da participação da mulher na sociedade política e economicamente. De forma geral, a *Revista* entendia suas leitoras como mulheres que desempenhavam quatro principais papéis: dona de casa, mãe, esposa e profissional, de forma que o conteúdo veiculado buscava dialogar com as necessidades e as vivências desse público.

Assim, a *Revista Feminina* se dividia em sessões sobre decoração, boa gestão e conforto no lar, trabalhos manuais, moda, beleza, saúde, higiene do corpo e da casa, alimentação da família, puericultura, conselhos à noiva e à esposa, entre outros. Destacam-se também as muitas páginas dedicadas a diversos anúncios:

equipamentos elétricos, medicamentos, cosméticos, e grande variedade de comércio e serviços.

Além disso, principalmente a partir do ano de 1916, as páginas da *Revista Feminina* passam a conter cada vez mais conteúdo relacionado ao feminismo, à campanha pelo voto feminino e aos avanços das conquistas femininas nos campos político, econômico e social. A seção “Vida Feminina” - uma das poucas sessões fixas da *Revista*, surgindo em agosto de 1915 (MASCARO, 1982, p. 122) e estando presente até o último exemplar analisado nessa pesquisa (dezembro de 1925) -, destacava-se pelas extensas páginas dedicadas à publicação de avanços feministas no Brasil e no mundo.

Outra seção fixa de destaque é o “Jardim Fechado”, que surgiu em resposta à sugestão de uma leitora para criação de um espaço na *Revista* onde fosse possível ler a correspondência das e entre as leitoras com uso de pseudônimos. Assim, o “Jardim Fechado” foi publicado pela primeira vez em fevereiro de 1918 e se tornou um espaço para poemas autorais, conselhos, questionamentos e correspondência geral entre as próprias leitoras, ou mesmo entre leitoras e a *Revista*, desde que os assuntos fossem “tratados com certa gravidade e algum stylo” (Revista Feminina, 1918, n. 45, p. 62). A seção carregava esse nome, pois se tratava

[...] de um jardim privado onde só são recebidas as pessoas da nossa intimidade. Quer isto dizer que as pessoas, cujos nomes não estão incluídos no nosso livro de assinantes, não serão recebidas no nosso ‘Jardim’ (Revista Feminina, 1918, n. 45, p. 62).

A respeito disso, é necessário destacar a importância das assinantes para a sobrevivência do periódico:

Desde os nossos primeiros números declaramos que não nos movia nenhum interesse subalterno de lucro na fundação da <Revista Feminina>, que era apenas a bandeira de uma cruzada: a da leitura útil, san e moral para os nossos lares, assediados pela corrupção impressa. E que assim, todo o auxílio financeiro que viesse ao encontro de nossa iniciativa; sob forma de nossas assinaturas e de

aumento da edição, seria empregado totalmente no desenvolvimento da <Revista>, até que ella pudesse attingir a importancia das grandes revistas femininas europeas e norte americanas (Revista Feminina, 1917, n. 34, p. [39]).

Por conta disso, é constante nas páginas da *Revista Feminina* o apelo por mais assinaturas, principalmente por meio da divulgação da revista pelas leitoras assinantes. Esse apelo era geralmente publicado em páginas com o título “Todas as senhoras devem ler” e não deixava de demonstrar às leitoras as dificuldades de se dirigir um periódico e os esforços que por vezes não geravam resultados práticos.

É evidente que essa argumentação faz parte de um discurso comercial e de convencimento para a venda da *Revista*, mas é interessante notar a forma de articulação com quem a lê. Nesse sentido, destaca-se o uso intensivo de adjetivos reafirmando a qualidade do periódico e também qualificando o esforço para manutenção deste, assim como o apelo direto e emocionado. “Que custaria a cada uma de nossas leitoras arranjar-nos uma nova assignante?” e “[...] só não arranjará uma nova assignante, aquella de nossas leitoras que não se quizer dar a um ligeiro esforço, em prol de um assumpto que interessa directa e especialmente ao sexo a que ella pertence” (Revista Feminina, 1916, n. 21, p. 5) são alguns dos trechos importantes para entender esse discurso (ver imagem p. 18).

A exaltação da revista também é frequentemente relacionada à sua fundadora, Virgínia. Esse fato, que já era presente desde seus primeiros números, torna-se ainda mais forte após sua morte, em maio de 1918. A partir de então, o sucesso e continuidade da *Revista* passam, também, a ser incentivados como homenagem à falecida diretora e a sua dedicação ao periódico. Novamente, os apelos emocionados auxiliam na promoção da *Revista*.

PROPRIEDADE
DA EMPREZA
FEMININA
BRASILEIRA

Revista Feminina

DIRECTORA:
VIRGILINA DE
SOUZA SALLES

REDACÇÃO:
ALAMEDA GLETTE, 87

Preço para venda avulsa:
600 réis

ASSIG. ANNUAL PARA TODO O
BRASIL 7000
TELEPHONE No. 5004

FEVEREIRO

(Todas as senhoras brasileiras devem ler)

HA um facto que nenhuma senhora brasileira deve hoje ignorar e é que existe no Brazil uma *Revista Feminina*, dirigida exclusivamente por senhoras, dedicada exclusivamente ás senhoras e que pela selecção apurada do seu texto é a verdadeira leitura do lar: — util, atrahente e educativa. Ainda mais: Que a *Revista Feminina* está no seu III anno de existencia e que os seus dois primeiros annos foram dois annos de luta abnegada e incessante, de sacrificio continuo de dinheiro e de esforço, sem o menor resultado pratico, nem mesmo o de consolidar definitivamente a primeira tentativa methodica e ordenada do espirito feminino no Brazil.

E toda a somma ingente de trabalho e todo o heroismo que esse trabalho representa, quasi que o devemos exclusivamente á nossa directora, cuja acção têm sublimidades apostolares e desprendimentos que deviam valer-lhe uma consagração. Não se limita a nossa directora a bordar uma chronica, a escrever um artigo, a dirigir os serviços das officinas e o serviço do escriptorio. E' ella mesma quem vae de casa em casa de commercio, procurar annuncios, orgulhosa do seu trabalho, sem falsos escrupulos e sem a soberbia que caracteriza a nossa megalomania tropical. Junto da sua acção o trabalho de nós outras, que a acompanhamos no sublime apostolado, apaga-se e desaparece na poeira opaca de uma bruma vaga, que apenas vale por destacar-lhe o brilho.

Ouçam agora as senhoras brasileiras; ouçam uma cousa dolorosa, que á minha penna de mulher custa escrever! Todo o sacrificio que temos feito para manter uma publica-

ção feminina, séria, escolhida, de san moral e de optima leitura, tem passado despercebido e quasi ignorado de nossas patricias. De alguns milhões de mulheres que habitam o nosso grande Paiz, apenas um pequeno pugilo, que se conta por dezenas, veio em nosso auxilio.

E' bem verdade que grande numero de senhoras nos tem enviado calorosos applausos, mas infelizmente essas manifestações platonicas de encorajamento, que são deliciosas para o nosso subjectivismo, não têm curso no terreno escabroso do — Deve e Haver —, que tanto têm lastimado os nossos pobres e inexperientes pés femininos, que um dos mais inexoráveis dos nossos parnasianos, já teve a habilidade de proclamar «o subtil apoio da divindade sobre a terra»!

E' uma cruel injustiça, é uma dolorosa injustiça!...

Que custaria a cada uma de nossas leitoras arranjar-nos uma nova assignante? Um ligeiro esforço apenas, um esforço quasi nullo, em prol de uma obra tão importante para as senhoras brasileiras, que têm vivido até hoje desprezadas e envoltas nas trevas da ignorancia, como se fossem incapazes de tomar parte activa na vida intellectual do Paiz, como si fossem um *peso morto*, apenas necessario para estabilisar o balanço da renovação da raça!

E' uma injustiça que não deve continuar, que não póde continuar; é uma indiferença que só poderia justificar o conceito de indolencia e de inercia, com que se tenta acabrunhar a reputação da mulher brasileira, conceito que a nossa fé repelle.

Renovamos pois o appello que já por estas columnas temos feito ás nossas patricias.

Não nos abandoneis, porque o nosso trabalho é util e proveitoso a todas vós. Não se trata de uma revista de exploração mercantil e sim do orgão de uma cruzada, que é a do destaque e da elevação do espirito

feminino no Brazil. O augmento da nossa receita será todo elle empregado em melhorar a nossa Revista, em augmentar-lhe o numero de paginas, em distribuir trabalhos e amostras, como fazem as revistas femininas estrangeiras.

Queremos e devemos ter no Brazil uma revista de senhoras tão completa e tão boa quanto ás melhores revistas estrangeiras e quando conseguirmos o nosso desideratum, teremos obtido a consagração que merece a mulher brasileira — meiga, affectiva, arguta e superiormente intelligente.

Para chegarmos a tal fim basta apenas que cada uma das senhoras que lêr estas linhas, se apresse em enviar-nos uma nova assignante. A assignatura custa uma insignificancia e só não arranjará uma nova assignante, aquella de nossas leitoras que não se quizer dar a um ligeiro esforço, em prol de um assumpto que interessa directa e especialmente ao sexo a que ella pertence.

Temos certeza que si se tratasse de uma subscrição a favor das creancinhas beigas, ou das victimas de qualquer terremoto de terras estrangeiras, distantes e quasi desconhecidas — não faltariam obulos.

Pois bem; trata-se agora não de uma subscrição, mas de uma permuta de interesses que redundará, não em beneficio de victimas distantes e desconhecidas, mas em beneficio de nós mesmas, de nossas irmans, da nossas filhas...

Trabalhemos um momento pelo nosso sexo e pela grandeza da nossa Patria e lembremo-nos que na hora tremenda, em que a nossa nacionalidade fracassa e se esphacela, de encontro ao duro pedregal da ambição desmedida dos individuos e do despudor delirante das camarilhas politicas, não podemos continuar indifferentes á sorte da nossa raça, envenenando com as trovas de um sentimentalismo desleixado, os ultimos luars em que os nossos irmãos e os nossos filhos amortaiham a nossa cara, extremosa e unica Patria...

Anna Rita Malheiros.

Além das assinaturas e das páginas de anúncio, outra fonte importante de recursos para a *Revista Feminina* eram os produtos vendidos pela Empreza Feminina Brasileira e também os concursos promovidos pela revista². Os primeiros se tratavam, principalmente, de cosméticos, medicamentos e livros, enquanto os segundos geralmente desafiavam a leitora a produzir algum trabalho manual e se diferenciavam por não serem explicitamente fontes de lucro para a *Revista*. A natureza desses concursos e dos trabalhos manuais será abordada com mais profundidade posteriormente.

Por fim, a respeito da análise do seu discurso e conteúdo em sua totalidade, é importante situar a *Revista Feminina* dentro dos movimentos feministas brasileiros das primeiras décadas do século XX. Nessa perspectiva, o periódico defendia e reproduzia o discurso do que se pode chamar de feminismo católico (BESSE, 2008, p. 203).

Movida por ideais conservadores e pautada pela moral religiosa, a *Revista Feminina* defendia a luta sufragista, a emancipação política da mulher, sua educação, formação científica e profissional, ao mesmo tempo em que exaltava os tradicionais papéis femininos — voltados aos deveres domésticos e familiares — acima das novas conquistas políticas e econômicas:

O feminismo sem base, sem orientação, sem moral religiosa, e sem tendências definidamente sociaes, esse sim, poderá trazer, inconscientemente, consigo, germens de anarchia. Não o que pregamos, o feminismo creado dentro das próprias normas actuaes da vida social, não como elemento de reacção contra o domesticismo, mas, pelo contrario, como elemento fortalecedor desse mesmo systema. Nunca destas columnas nos insurgimos contra a direcção masculina do lar, nem o poderíamos fazer porque entendemos a mulher, mais fraca, e menos aparelhada para a luta, a amorosa companheira do homem, que não deve nelle ver rival, contendor, ou inimigo, mas, apenas, o collaborador, o companheiro, o amigo de sua vida constituída em familia. (*Revista Feminina*, 1922, n. 96. p. [18]).

² O discurso de ausência de interesses lucrativos da *Revista Feminina* cai um pouco em contradição quando se vincula o periódico à propriedade da Empreza Feminina Brasileira. Futuramente, caberia investigar a abrangência dessa empresa e o que teria justificado a publicação de um periódico que não visava ao lucro. Também a esse respeito, ver MASCARO, 1982.

Por hora, é importante ter em mente que o viés feminista e católico da *Revista Feminina* também era frequentemente utilizado para argumentação e convencimento de seu público alvo. Tal abordagem recebia também o apoio de homens conservadores e de importantes figuras públicas, como o Cardeal Arcoverde (ver imagem p. 21). Assim, conquistando a mulher leitora, não sendo combativa com seu marido e seus privilégios masculinos e recebendo o apoio de pessoas e instituições de prestígio, a *Revista Feminina* “dentro de poucos anos, tornou-se a revista de maior circulação no Brasil [...] e recomendada como a verdadeira leitura do lar católico”. (Revista Feminina, 1917, n. 34, p. [39]).



Exma. Sra D. Virgínia de Souza Salles

A visita que acabo de receber da “Revista Feminina” dirigida por V. Excia. impressionou-me muito bem. Notava-se entre nós a falta de uma Revista, nestes moldes, redigida com certa elevação e distinção de sentimentos e largueza de vistas e dirigida de modo especial ás senhoras e senhorinhas de nossa sociedade, ás quaes, ao lado da leitura amena, instructiva e substancial ministrasse tambem uma secção do que respeita ás modas e novidades relativas ás mesmas modas e adornos, de que podem usar aquellas senhoras e senhorinhas, sem comprometter o decoro, os bons costumes e as graves tradições da familia brasileira. Em boa hora, pois apresentou-se V. Ex. Senhora D. Virgínia, com sua brilhante e bem elaborada Revista em cuja composição procura conciliar o util com o agradável, no sentido de acompanhar o evoluir das modas, no trajar das senhoras e senhorinhas de sociedade sem, porém, ultrapassar os limites do decoro e da decencia, a que é obrigada qualquer Dama ou senhorinha de sociedade, que se prese, e queira deixar de si boa impressão e bom exemplo em qualquer reunião. Neste sentido poderá sua Revista desenvolver um movimento salutar, que acompanhando as conveniências sociais, na moda, ponha cobro aos abusos e excessos do trajar, nunca admissiveis nas familias da sociedade fina. Si V. Ex. com sua Revista Feminina conseguir alguma reforma nesse sentido, muitos applausos e benções lhe advirão de toda parte; mas de preferencia daquellas distinctas familias que ainda guardam com fidelidade as nobres tradições, sempre fôram a defesa e o baluarte dos nossos lares. Sejam esses os fructos da leitura assidua e por toda a parte diffundida da “Revista Feminina”. E V. Ex. que neste momento se empenha em tornal-a conhecida, recolherá com gloria os louros do seu zelo e de sua utilissima propaganda.

A V. Ex. Exma. Sra. D. Virgínia, meus applausos e minhas benções muito cordiaes por tão util quão opportuno apostolado

De V. Ex.

Servo em Nosso Senhor

muito att.º e muito obr.º

Rio de Janeiro, 12 de Janeiro de 1917

J. Card. Arcebispo do Rio de Janeiro



4. A(s) mulher(es) na *Revista Feminina*

Tratando-se de um periódico destinado ao público feminino e com direção exclusivamente feminina, é imprescindível analisar quem era essa mulher (ou mulheres) com quem a *Revista Feminina* dialogava. Ainda, é necessário refletir sobre a diversidade (ou não) de mulheres leitoras da revista e suas possíveis vivências e demandas.

Em primeiro lugar, o “ser mulher” no período de análise estava ainda vinculado à conceituação de sexo – “o nosso sexo” ou “o bello sexo” como muitas vezes se refere a Revista. Não se falava ainda em gênero, por ser esta uma discussão conceitual que só começou a tomar forma a partir da metade do século XX, oriunda das discussões do chamado feminismo de segunda onda (PEDRO, 2005, p. 79). No entanto, essa pesquisa utiliza a categoria “gênero” por acreditar na importância contemporânea da análise não essencializada da leitora da *Revista Feminina* e, conseqüentemente, da mulher paulistana do início do século passado.

Serão discutidos aqui três papéis principais a serem desempenhados pela mulher, de acordo com o discurso da *Revista Feminina*: (1) o papel familiar da mulher, ou seja, sua participação, comportamento e deveres em relação ao marido e aos filhos; (2) seu papel como dona de casa, também relacionado ao papel familiar, mas com foco na gestão do espaço e outras atividades imbricadas ao mundo doméstico; e (3) sua participação social, política e econômica, ou seja, seu papel perante a sociedade.

I. A mulher e a família

Um dos setores principais da vida da leitora da *Revista Feminina* é o ambiente familiar. Essa mulher, que geralmente é casada – ou, de alguma forma, tem o casamento como horizonte futuro –, desempenha seu papel familiar focado na felicidade do marido e dos filhos.

Perante o marido, a esposa deve se caracterizar principalmente pela amabilidade, abnegação e submissão. Para os filhos, a lógica é parecida, acrescentando apenas a função educadora:

“Esposa” dedicada e moderna, companheira fiel e assidua do eleito de seu coração, quer na prosperidade, quer nos revezes da vida, tão communs em nossos dias, levará uma vida de harmonia, reverenciando ao chefe da sua nova família, interessando-se pelos seus negocios, procurando agradar-lhe em tudo [...]. O marido por sua vez retribuir-lhe-á com benevolencia. E, mesmo que ás vezes não o faça, ella deve dar-se por feliz, satisfeita em haver cumprido o seu dever. “Mãe” carinhosa, paciente, economica e habil dará bons exemplos aos filhinhos que lhe alegam a casa, sacrificando-se sendo preciso, pela felicidade e educação d’essas joias preciosas que lhe foram confiadas; jamais se lastimando. (Revista Feminina, 1915, n. 12, p. 12).

A maior parte dos homens são aquilo que suas mães o fizeram ser. O pai que permanece fora da casa quase todo o dia não tem sobre os filhos a metade da influencia que, sobre elles exerce a mãe. [...] Tal o jardineiro, assim é o seu jardim; tal a mulher, assim é toda a sua familia. Antes que uma nova raça apareça no mundo, é preciso haver verdadeiras mães. (Revista Feminina, 1916, n. 21, p. 12).

Esse aspecto mais subordinado à figura masculina aparece também de formas menos explícitas, como na seção “O menú de meu marido” (ver imagem p. 25). Já pelo título, percebe-se que, apesar da leitura ser dirigida à mulher, é o homem que aparece como protagonista. Entende-se que o “menú” preparado pela esposa tem como objetivo final não a satisfação pessoal da mulher, mas sim a aprovação do marido e dos filhos. Essa hipótese se confirma também pela imagem: a mulher exhibe feliz a refeição pronta aos dois filhos e ao marido, que aguardam sentados e igualmente satisfeitos com o resultado.



O MENU' DE MEU MARIDO

Coque-flôr com molho de tomate

Limpa-se bem a couve-flôr e cozinha-se n'agua e sal. Depois de cozidas corta-se os cahinhos e arranja-se n'uma travessa que sirva para ir ao forno e á mesa. Deita-se por cima molho de tomate feito do seguinte modo: Em um pouco d'agua cozinha-se alguns tomates grandes passa-se em peneira fina aquece-se e junta-se um pouco de manteiga misturada com uma colher de farinha de trigo, uma pitada de assucar, fervendo um pouco está prompto. Em lugar da farinha pôde-se por miolo de pão, para cozinhar com os tomates e masse-se tudo. Despeja-se por cima da couve-flôr

Guoechi

Cozinha-se tres batatas doces e amassa-se com um garfo. Depois põe-se um pouco de sal fino, um ovo inteiro e farinha de trigo, amassa-se bem até que fique bom de enrolar. Faz-se um cordão da grossura de dois dedos, corta-se os pedacinhos e passa-se no ralo do lado avesso. Vae-se pondo sobre uma mesa forrada com farinha de trigo. Cozinha-se em agua fervendo com sal. No mais procede-se como macarrodada.

Rim guisado com batata

Parte-se o rim em bocadinhos, junta-se-lhe algumas tirinhas de presunto e põe-se tudo a cozer num refogado de azeite cebola picada, raminhos de salsa e uma colher de agua. Tempera-se com sal e deixa-se apurar muito bem, e estando cozido deitam-se-lhe rodela de batatas; quando estiver prompto deita-se-lhe um pouquinho de vinagre e serve-se.

Bifes assados de cebolada

Refogam-se em boa manteiga duas ou tres cebollas grandes em rodas e uma ou duas colheres de tomate e sal. Estando a cebola meio loura e quasi cozida, lança-se uma colher de vinagre ou de vinho branco, deixando-o ferver. Entretanto, assam-se na xrelha alguns bifes de carne de vacca, deitam-se-lhes por cima a cebolada com seu competente molho.

Omeleta á Doctorosse

Quebram-se ovos numa vasilha e salgam-se levemente, acrescentase um calix de rhum para cada meia duzia de ovos, bate-se muito bem e faz-se a omeleta.

Na hora de servir recheia-se com marmelada de pecego ou de maçan, enrola-se e serve-se. Polvilha-se bastante assucar por cima; despeja-se rhum e faz-se arder até que a omeleta fique caramelizada. E' necessario empregar rhum de muito boa qualidade.

Sorvete de chocolate

Mistura-se meia chicara de chocolate em pó com uma pitada de sal, uma chicara de assucar e uma colher de fecula de batata; acrescenta-se um copo bem cheio de leite escaldado e põe-se para cozer sobre agua quente durante vinte minutos. Tira-se do fogo e acrescentam-se dois ovos bem batidos, um copo de nata, uma colher de extracto de baunilha e uma chicara de succo de morangos. Gela-se e serve-se em taças apropriadas com creme e fructas confeitadas em cima.

KOLA SOEL — ANEMIA, FRAQUEZA, RACHITISMO, MOLESTIAS do ESTOMAGO
UTIL NO CRESCIMENTO DAS CRIANÇAS

O bem-estar familiar, além de ser interpretado muitas vezes com base em argumentos religiosos como responsabilidade natural da mãe e esposa, é relacionado ao sucesso moral da nação. Dessa forma, sobre a mulher recai também a responsabilidade pela formação adequada dos cidadãos:

É sublime e encantador o viver tranquilo e abençoado de uma esposa criteriosa e prudente! [...] A esposa de valor e merito é toda aquella que se contenta com os abundantes ou poucos recursos que lhe distribua o esposo [...]. A esposa de verdadeiro merito é aquella que vê nas ordens dadas por seu esposo uma lei, um preceito sagrado; é toda aquella que faz do respeito, da amizade, da fidelidade e da tolerancia para com o esposo, um verdadeiro culto; sendo ainda os seus constantes sonhares a economia, os zelos e os cuidados, na direcção do seu lar, onde se encontram os objectivos do seu bello viver, de affectuoso, puro e sincero amor. [...] a mulher-esposa [...] é incontestavelmente a base da familia e as esperanças da patria. (Revista Feminina, 1923, n. 106, p. [6]).

Mães, não só para cumprirem a sua missão material, mas para formarem o espirito, a alma, o character de seus filhos, isto é, do homem do porvir. [...] Mãe — pedra fundamental para a formação do lar, que por sua vez é a base onde se firmam os valores da sociedade, valores estes que são a concretisação da grandeza de um povo. [...] É portanto necessário que a mulher comprehenda e pratique a sua missão que é formar o character do homem futuro, que saiba despertar na alma da infancia o sentimento da bondade, amor á verdade, á justiça e ao dever e todos esses predicados que são o apanagio da superioridade individual. (Revista Feminina, 1923, n. 104, p. [35]).

As relações entre o bem-estar familiar garantido pela mulher a formação moral da pátria estão mais relacionados à atividade feminina no ambiente doméstico, o que será relatado e discutido a seguir.

II. A mulher e a casa

Relacionada ao seu papel familiar, sua atuação como dona de casa é a principal atividade da mulher retratada pela *Revista Feminina*. Tudo o que envolve o ambiente doméstico é de responsabilidade da dona de casa, a “rainha do lar” como muitas vezes é chamada.

As instruções e conselhos a respeito dessas atividades estão presentes nas diversas páginas dedicadas à descrição de receitas, passo-a-passo de trabalhos manuais, questões de economia doméstica, e outras, além de diversos anúncios de produtos e serviços de interesse doméstico. Essas seções, que são geralmente fixas, ocupam grande volume em cada exemplar da *Revista Feminina*.

O periódico dá especial atenção aos trabalhos manuais, muitas vezes chamados de “trabalhos femininos” ou mesmo “arte feminina”. A própria *Revista Feminina* incentivava essa atividade por meio de concursos ou pela exposição desses trabalhos na sua sede.

Os concursos, que aparecem principalmente no ano de 1920, desafiavam a leitora a produzir uma peça, geralmente de decoração, com técnicas de costura. Aventais, centros de mesa, toalhas para criado-mudo e toalhas de chá foram alguns dos temas propostos para esses concursos. As participantes deveriam submeter seus trabalhos para a redação, a vencedora receberia o prêmio em dinheiro e o trabalho passaria a ser propriedade da *Revista*. Os demais seriam devolvidos às participantes mediante pedido ou, caso contrário, seriam colocados para exposição e venda na sede da *Revista Feminina*, sendo o valor arrecadado remetido às autoras das peças.

Mas antes mesmo desses concursos, a *Revista* já incentivava a produção desses trabalhos. Além das seções “Trabalhos femininos” e “Como enfeitar minha casa” que ensinam técnicas de trabalho com agulhas, a *Revista Feminina* mantinha em sua sede uma exposição permanente de trabalhos manuais, as “prendas”.

NOSSA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS

Essa exposição, que surgiu em 1917, objetivava, principalmente, propor uma forma de a mulher lucrar com seu trabalho ou mesmo ajudar com o aumento da renda familiar (ver imagem p. 29). Ainda, há sempre o incentivo a essa atividade e a defesa de que não há vergonha alguma em ganhar dinheiro pelo seu trabalho e ajudar o marido com as despesas da casa:

As senhoras brasileiras podem, de ora avante, augmentar de modo facil, a receita do seu lar, ganhando <para os alfinetes>, com o producto dos mimos de graça, em que seus dedos trabalham [...] O interesse do lucro activa essa pequena industria que passa a concorrer, como fonte real de receita, para o orçamento domestico, ao mesmo tempo que expulsa do lar as phantasias malsans, que as horas inoccupadas geralmente perfilham e que são fundamente [sic] prejudiciaes ao equilibrio da família. Entre nós ha a mania do luxo e o luxo da ociosidade. As senhoras têm vergonha de trabalhar ou de confessar que, por necessidade, o fazem. [...] Preconceito tão arraigado é difficil vencer nos primeiros passos. Uma propaganda lenta fará comprehender aos espiritos embuidos de tão falsa noção, que o trabalho é sempre nobre e edificante e que digna é de piedada [sic] a vida do ocioso [...]. (Revista Feminina, 1917, n. 34, p. [14]).

Essa questão da economia de recursos e do orçamento do lar é de especial atenção para a leitora da *Revista Feminina*. Em diversos momentos, pode-se identificar que o periódico se dirigia, geralmente, a mulheres de classe média ou da elite. No caso das primeiras, o controle de gastos domésticos e o risco constante de declínio social e econômico da família burguesa eram tópicos bastante abordados:

Não ha ninguém que esteja absolutamente seguro contra os revezes da fortuna, a menos que tenha comsigo os meios de se fazer dono das circumstancias. A fortuna é sempre instavel. O millionario de hoje póde ser o pobretão de amanhã. No nosso paiz, então, não ha nada mais instável que o dinheiro. No nosso paiz não ha nada que esteja organizado, nem o governo, nem a politica, nem a lavoura, nem o trabalho. A desorganisação ameaça, a cada passo, derruir as instituções que suppomos mais solidas. [...] Ora, nessa perpetua instabilidade das coisas, quem póde afirmar que é dono de sua fortuna? (Revista Feminina, 1919, n. 58, p. [30]).

BELLA, eficaz e desde logo triumphante, podemos dizer que foi, desde seu inicio, a idéa da exposição permanente de trabalhos de nossas leitoras e assignantes.

Não ha, talvez, em todo Brazil uma unica casa em que as senhoras não occupem suas horas vagas com pequenos primores que lhes saem das mãos num bordado caprichoso, no qual parece tecerem-se as imagens de seu scismar, desse scismar vago da alma feminina, que tem suavidades de aurora e angustias dissimuladas de crepusculo.

Todas as pequenas coisas que assim se produziam estavam fadadas á vida ephemera do dilettantismo. Não havia um lucro que as interessasse, nem mesmo um proposito caridoso que as determinasse.

Uma vez concluidas eram largadas a um canto. Perdia-se tempo, trabalho e capital.

Ora todo esse lindo mundo de pequenas curiosidades podia ser transformado em receita util para o lar, num momento agudo como o que financeiramente atravessamos.

O exemplo vinha-nos da Europa que tão autoritariamente dicta á nossa impessoalidade suas modas e sua moral. Com a explosão da guerra deuse em todos os lares uma applicação util ás horas do dilettantismo feminino: — todas as senhoras empregaram-se em fazer tricot para os soldados. Uma fonte enorme de renda — ou seja de economia. — surgiu, então, do pequeno trabalho feminino.

Entre nós, felizmente, não temos guerra, não temos soldados a equipar. Ha, porém, uma angustia igualmente grande... É a difficuldade de toda a especie que assalta o lar, que desequilibra o orçamento de cada família, que traz o marido apprehensivo e de mau humor, e que ameaça a felicidade da casa. Façamos, pois, tricot para o nosso lar...

E foi esta idéa que levou a *Revista Feminina* a montar em seu escriptorio a exposição e a venda de trabalhos femininos, na qual não ha necessidade de que se saiba quem é a expositora, de modo que, desaparece o «vexame», que a nossa ridicula megalomania, estabeleceu para o trabalho honesto.

No primeiro mez foram vendidos trabalhos na importancia de 8:122\$000.

No segundo mez, a venda elevouse até o dia 20 a 5:374\$500.

Em dois mezes, pois, nossa exposição produziu 13:496\$500, importancia esta que foi immediatamente remetida ás nossas expositoras.

As senhoras brasileiras podem, de ora avante, augmentar de modo facil a receita do seu lar, ganhando para os "alfinetes"... Neste momento, de aguda crise, é dever da mulher não só reduzir as despesas de casa, como ainda, augmentar a receita, ajudando seu marido a ganhar... A «Revista Feminina» fornece-vos um meio de, com vosso trabalho e «sem vexame», concorrerdes para augmentar o rendimento de vosso marido...

Não são necessarios comentarios. A demonstração concreta ahi está, clara e evidente, em algarismos. Estamos recebendo, dia a dia, novos trabalhos que, pelo bem acabado de sua factura e pela modicidade de seus preços, atraem grande concurrencia de compradores, ao nosso escriptorio.

Lembramos as nossas leitoras que os artigos mais procurados são: roupinhas para crianças; roupa branca para senhoras; pequenos trabalhos em lingerie etc.

Temos recebido grande numero de visitas de senhoras da mais alta sociedade paulista que nos vêm trazer applausos, vibrantes pela nossa nova iniciativa, que abre um novo campo á actividade feminina, ao mesmo tempo que occupa com um interesse, horas vãs do lar que, muitas vezes, se prestam a todas as fermentações malsans de ociosidade.

Entre ellas muito nos penhorou a da exma. sra. baroneza de Arary, uma das figuras mais em destaque e uma das almas femininas mais genuinamente paulista, pela nobreza de suas tradições, que aclaram com sua virtude a nossa sociedade. A baroneza de Arary adquiriu diversos trabalhos de nossas expositoras, bem como, uma collecção completa e encadernada de nossa REVISTA, penhorando-nos com a declaração de que ia expor uns e outros no salão nobre de seu palacio, como propaganda permanente no circulo de suas relações, da nossa utilissima iniciativa.

Esperamos dentre em breve, abrir uma segunda exposição permanente na nossa filial do Rio, onde nossas expositoras encontrarão mais largo mercado para seus pequenos primores.

Seja-nos permittido lembrar que todo o trabalho formidavel que temos desenvolvido e que está dando tão promissores resultados, não teve e não tem outro fim que não seja a exaltação das virtudes e do espirito da mulher brasileira, por tanto tempo relegada a um papel secundario na nossa sociedade. Toda nossa receita é empregada exclusivamente em melhorar a nossa *Revista*, em augmentar os seus serviços, em tornal-a um poderoso centro de crystallisação das soberbas energias da alma feminina brasileira. Eis a razão

de ter tão rapidamente attingido uma edição de 15.000 exemplares; eis a razão de terem chegado tão rapidamente a um resultado que nenhuma outra *Revista* conseguiu obter no Brasil, em tão curto lapso de tempo.

Isto dá, porém, lugar a que nunca tenhamos saldo, nem grandes reservas.

O augmento consideravel do preço do papel veio concorrer para a diminuição de nossas reservas, como aliás succedeu com todos os jornaes do Brasil, tendo sido obrigado o «Estado de S. Paulo», um dos mais importantes, de nossos diarios, a restringir sua edição e a augmentar de 30% o preço de sua assignatura.

É preciso, pois, que neste momento difficil, nossas patricias não nos abandonem. Pedimos-lhes uma cousa facil: — obter algumas assignaturas entre suas amigas.

Bastaria que cada uma de nossas patricias nos desse uma nova assignatura, para que pudessemos dar á nossa *Revista* a extensão que ella pode e deve ter.

Não é muito o que lhes pede o grupo de senhoras que, sem nenhuma remuneração, ha tres annos está trabalhando infatigavelmente para fornecer ao lar brasileiro uma leitura util e agradável, ao nível de nossa civilisação, do pudor do nosso sexo e da tradição quasi extincta da moral que fez a gloria serena e immarcexível de nossos avós.

V. S.

BALANÇO DE NOSSA EXPOSIÇÃO

Mezes de fevereiro e março (até 20) de 1917

Trabalhos remetidos:	Vendidos:
	Em fevereiro . 8:122\$000
	Em março . . 5:374\$500
Pela estimativa das expositórias . . 19:450\$000	Porcentagende despesas . . 1:109\$000
	Dinheiro remetido ás expositoras . . 12:338\$500
	Despesas do correio, vale postal, etc. . . 49\$000
	13:496\$500
19:450\$000	Em exposição 5:958\$500
	19:450\$000

PLACAS DE CRYSTAL
TEIXEIRA, RUSSO & COMP.

TABOLETAS, LETREIROS
DECORAÇÕES

Rua do Carmo, 19 — Caixa Postal, 1244
São Paulo

Além dos trabalhos manuais, outro ponto extensivamente abordado pela *Revista Feminina* diz respeito à decoração da casa. Essa atividade carrega diversos significados (CARVALHO, 2008; MALTA, 2011), mas aqui cabe analisar dois deles: a relação feminina com a ornamentação doméstica e o conforto vinculado à elevação moral dos moradores.

[...] tanto o corpo como o espirito, sentem o bem-estar que proporciona, não só material, sinão moral e intellectualmente, uma casa em que tudo nos lembre doçura, amor e belleza. E esta delicada e exquisita missão está ser a preocupação constante de toda mãe e toda esposa. [...] No lar, é onde deve extremar-se esse cuidado: que haja nelle, principalmente, socego e conforto; depois, si não tendes fortuna para quadros magníficos, tapetes, porcelanas, crsytas, as mais bellas produções de arte, — não vos preocupeis. Com um pouco de bom gosto, podeis enfeitar, embellezar vossa casa sem sacrificios pecuniários. [...] Quando vosso filho se tornar homem, e sua esposa fôr igual a vós, manterá esse culto á belleza do lar. Si ele tiver pesares e preocupações, a vista de agradaveis objectos acalmará e distrahirá seu espirito; si estes, ao contrario, forem feios e de mau gosto, isto o intristecerá e o tornará infeliz. [...] Porque vós, acima de tudo, amáveis, cuidadosas, transmittindo á vida a belleza de uma alma boa e cultivada, sereis o melhor ornamento do vosso lar. [...] Vós sois, esposas e mães, o centro e a alma do vosso lar; toda a vida e todo o calor emana de vós!. (Revista Feminina, 1925, n. 128, pp. [70-73])

Essa associação direta entre a decoração do lar, seus objetos, o conforto e a figura feminina – “o melhor ornamento do vosso lar” – não é rara nas páginas do periódico e foi largamente apresentada e analisada por Vânia Carneiro de Carvalho, em seu trabalho *Gênero e Artefato: O Sistema Doméstico na Perspectiva da Cultura Material – São Paulo, 1870-1920*. No trecho acima apresentado, percebe-se a “aderência do corpo feminino ao cenário da casa” (CARVALHO, 2008, p. 86), estando a mulher relacionada com a ideia de conforto visual do lar.

Não somente a mulher, mas esse conforto visual criado pelo ambiente organizado por ela, são responsáveis pela garantia de felicidade e harmonia do lar:

As ultimas correntes estheticas modificaram o "interior" das casas de bom gosto. [...] As leitoras precisam ter muito cuidado no arranjo do seu interior, procurando tornal-o o mais agradável possível. Não raro, a felicidade de um casal depende desse cuidado por parte da esposa. O chefe da família, ao voltar á tarde para casa, após a sua tarefa no escriptorio, na loja, na usina, na praça, necessita, a par do carinho da esposa e da paz do ambiente doméstico, que esse ambiente, pela graça com que foi preparado, pela arte com que foram dispostos os ornatos, e pelo asseio rigoroso que preside a tudo, seja também agradável á vista e impressione delicadamente a imaginação. [...] É mister, pois, que a esposa ou a filha prepare o seu lar com carinho, pondo ao serviço delle o máximo de bom gosto de que disponha, para, assim, tornal-o um ninho de repousante ventura para o marido ou pae. [...] O que é absolutamente condemnavel é o desleixo. (Revista Feminina, 1920, n. 70, pp. [32-34]).

As noções de conforto no lar e felicidade doméstica dialogam, também, com questões de moralidade e virtude dos moradores dessa casa:

Nada poderá impressionar peor o marido do que a casa em desalinho, embora elle seja homem pouco arranjado [...] Geralmente, porém, o marido acaba por adoptar gostosamente o bom methodo da esposa, porque a regularidade, tanto nas coisas como nos pensamentos e habitos, contêm em si, além de muitas e consideradas vantagens praticas, uma verdadeira seducção [...]. O marido que encontra constantemente na sua casa o mesmo conforto, os mesmos cuidados e atenções, sem imprevistos que perturbem a tranquillidade corrente duma vida calma e feliz identifica-se, por fim, tanto com habitos de bem estar, que por nada do mundo os abandona depois. É nisso que consiste o triumpho material e moral da bõa dona de casa. (Revista Feminina, 1918, n. 46, p. 46).

No nosso clima vive-se muito fóra de casa. A maior parte do tempo corre fóra do lar, na rua, no escriptorio, no armazém, no theatro, no cinema. Ha pouca vida de família. [...] sem a vida de família não ha sociedade e não ha patria. Não são assim os povos do Norte, o inglez, por exemplo. [...] O tempo que pode passa-o em sua casa, junto dos seus, no doce convívio amoroso do lar. [...] Talvez o segredo esteja no carinho com que a mulher ingleza sabe dispor a sua casa, de molde a convertel-la num fôfo ninho de innocente prazer, de captivante bem estar. [...] Alem do asseio absoluto, meticoloso,

atrahente, ella sabe rodear os seus do máximo conforto. É um processo de prender as tentações que vem de fóra, de reter em casa os que procuram o repouso, a distracção, o esquecimento da tarefa de cada dia [...]. A mulher brasileira precisa de realizar esse milagre de prender em casa o marido e os filhos. Não é necessário muito para isso. Alem de ser affectuosa e boa cumpre-lhe adornar o seu lar e tornal-o um pequeno ou grande ninho de verdadeiro aconchego e de verdadeira felicidade. Não é preciso gastar muito para isso. (Revista Feminina, 1918, n. 50, p. [18]).

Esse argumento de que o conforto do lar pode “domesticar” o homem e livrá-lo das “tentações que vem de fora” está bastante relacionado à análise feita por François Beguin em seu texto *As maquinarias inglesas do conforto* (1991). Nele, o autor pontua a passagem do “conforto selvagem” – aquele vinculado a satisfações corporais e muitas vezes atribuído a aspectos degradantes e imorais – para o “conforto civilizado” – vinculado ao bem-estar que pode ser adquirido com objetos. Esse último está bastante relacionado com o lar burguês e seu modo de vida, uma vez que envolve a privacidade, a higiene, a vida em família e o lar ordenado.

Os trechos transcritos acima, em especial o último, ilustram todos os aspectos levantados por Beguin a respeito do conforto civilizado. A criação do gosto no homem pela manutenção do lar organizado é um processo que cabe à mulher, como uma forma de “domesticação” desse homem que tem a tendência natural de buscar a vida fora do lar. Assim, a mulher deve “realizar esse milagre de prender em casa o marido e os filhos” por meio do conforto. É possível dizer também que esse discurso encontra bastante apoio na moral católica em que a *Revista*, de forma geral, sustenta-se.

O conforto no lar é, ainda, garantia de manutenção da força de trabalho masculina. “O marido vê sua mulher e sua família melhor instalados que antes, possui uma casa e um jardim mais agradáveis, isto o encoraja a trabalhar e [...] torna-se consciente que tem alguma coisa a perder” (CHADWICK, 1842 apud BEGUIN, 1991, pp. 47-48). Ou seja, causa e consequência se misturam: não apenas o marido escolherá o trabalho porque tem um lar organizado e feliz que garante seu descanso e

possibilita que ele trabalhe melhor, como também a própria manutenção desse lar depende do trabalho masculino e os recursos obtidos com ele.

Por fim, a análise da atuação doméstica da mulher, sobretudo no Brasil, não pode deixar de levar em conta outra importante presença feminina no lar, além da dona de casa: a empregada doméstica. Essa figura, presente principalmente no cotidiano das classes mais abastadas, tem menções escassas na *Revista Feminina*, mas ainda assim é digna de nota.

Muitas vezes o periódico se dirige a mulheres que não possuem criados, logo, a mulheres que devem executar o trabalho doméstico por conta própria. No entanto, a menção aos empregados como regra é mais comum que o contrário, de forma que a ausência deles muitas vezes é atribuída à “crise dos criados”:

A crise dos creados, de quando em quando se faz sentir, mais ou menos intensamente. Muitas pessoas que se dedicavam a essa profissão por circunstancias que não vem aqui explicar, preferem buscar em outro gênero de trabalho os meios da própria subsistência; outras levadas pelo falso conceito de inferioridade social que implica o exercicio dessas funções, esquecidas de que todo o trabalho honra, dedicam suas energias a outras actividades; de forma que, muitas vezes a dona de casa vê-se em palpos de aranha para trazer seu lar em perfeita ordem, e os serviços inherentes a elle, executados a tempo e lugar. (Revista Feminina, 1924, n. 117, pp. [8-9]).

Apesar disso, a presença deles é, via de regra, comum no lar da leitora da *Revista Feminina*. Por isso, o periódico dá particular foco à divisão de tarefas entre dona de casa e seus empregados:

Nas proprias familias ricas, nunca é bom que a dona da casa se desinteresse dos trabalhos caseiros, entregando a administração do lar ao cuidado de servos, por mais que elles mereçam uma absoluta confiança. A dona de casa prejudica-se, desdenhando dos pequenos interesses da administração do seu lar. [...] Em todas as familias é indispensavel a intervenção mais ou menos constante da senhora da casa. Quando não trabalhe manualmente no arranjo domestico, deve, pelo menos vigia-lo e dirigi-lo, instruir os criados por forma que cumpram o seu dever segundo os bons habitos estabelecidos. A

esposa, numa palavra, deve ser trabalhadeira, ou em lida manual, ou dirigindo os trabalhos com espirito pratico, porque só assim poderá conseguir aquella ordem, que, como vimos, é uma das condições basilares da felicidade domestica. [...] Finalmente, uma das mais inestimaveis qualidades praticas da boa dona de casa é a previdencia. Muitas mulheres há que, por deficiente educação positiva, governam a sua casa com todo o zelo, na verdade, mas attendendo apenas ás necessidades do dia presente, sem se preocuparem com o dia seguinte. É uma prejudicial disposição de espirito, porque favorece as despezas e põe de lado as economias. A mulher previdente não esquece nunca as necessidades presentes e futuras, e assim toma solidamente as suas resoluções. (Revista Feminina, 1918, n. 47, p. [49]).

Aqui vale destacar alguns pontos. Em primeiro lugar, a diferença entre o trabalho da dona de casa e dos criados é clara: enquanto a eles cabe a execução dos trabalhos domésticos, a ela cabe a gerência, a direção, a vigilância dessas atividades e, ainda, o embelezamento do lar com vistas a garantia do conforto. A *Revista* é enfática em relação a isso:

Uma senhora sensata dirigirá ella mesma a sua casa, não a entregando nunca ás mãos de outra pessoa extranha. Por mais ordem que esta tenha e por maior habilidade para dirigir uma casa, nunca esta se apresentará atrahente e agradável, hospitaleira e confortavel — para o marido sobretudo — como quando por ella dirigida. Nada lhe deve escapar até aos menores detalhes, devendo vigiar, o mais possível, os atos dos seus creados. (Revista Feminina, 1917, n. 34, p. [27]).

Em segundo lugar, o texto defende que, mesmo nas famílias mais ricas, a dona de casa se interesse pela direção do lar, tendo tudo sob seu controle. Isso inclui o orçamento doméstico, que é motivo de constante preocupação da leitora da *Revista Feminina*. A contabilidade do lar ficava a cargo dessa mulher porque era ela quem conhecia detalhadamente todas as despesas domésticas e necessidades presentes e futuras (AGUILAR, 2017, p. 40).

Além do controle de gastos domésticos, a dona de casa das classes mais altas desempenhava principalmente as tarefas de fiscalização e inspeção, não apenas do

serviço doméstico, mas também “das compras feitas, entregues na porta pelos fornecedores ou trazidas pelos empregados [...]”. Todas as manhãs, deve a boa dona de casa ler os jornais e procurar quais foram os negociantes multados pelo serviço de fiscalização da Higiene Pública” (Revista Feminina, 1923, n. 104, pp. [16-17]). Aqui verifica-se o importante papel que a dona de casa tem, junto aos médicos sanitaristas e engenheiros, para a garantia de higiene e saúde da habitação. Esse aspecto será abordado posteriormente quando falarmos da aplicação dos princípios tayloristas aos espaços domésticos e como noções de conforto e higiene se relacionam a essas mudanças.

III. A mulher na sociedade

A participação social da mulher discutida pelo periódico estudado é aquela que acontece para além do ambiente doméstico, ou seja, presente no meio público, político, profissional. Dentro dessa abordagem, a *Revista Feminina* trazia o assunto por meio de três principais tópicos: a atuação feminina na guerra (Primeira Guerra Mundial, 1914-1918), as discussões acerca do emprego formal feminino e, principalmente, a luta (e a reação a ela) pelo sufrágio feminino no Brasil e no mundo.

A Primeira Guerra Mundial foi fundamental para a discussão a respeito das reivindicações femininas quanto ao seu lugar na sociedade. Também foi por diversas vezes objeto de interesse da *Revista Feminina*, aparecendo principalmente nos artigos de abertura do periódico, escritos quase sempre pela colunista Anna Rita Malheiros³. Ainda que muitas vezes a atuação feminina na guerra seja descrita com base na experiência norte-americana, a colunista destaca a ação das brasileiras dentro e fora do combate (ver imagens p. 36 e 37):

O papel da mulher brasileira na situação de guerra em que nos achamos, não pode, nem deve limitar-se ás preocupações affectivas

³ Anna Rita Malheiros era o pseudônimo utilizado por Claudio Souza (1876-1954) – escritor, teatrólogo e irmão de Virgilina de Souza Salles – para publicar na *Revista Feminina* (MASCARO, 1982, p. 46).

Assignatura annual para todo o Brasil Rs. 10\$000

Preço para a venda avulsa: 1\$000

O assignante tem direito, pelo preço de assignatura, aos números extraordinários (que são vendidos avulsamente a 2\$000) e aos brindes.

ANNO V

B

SÃO PAULO, FEVEREIRO DE 1918

REVISTA FEMININA

FEVEREIRO (A MULHER BRASILEIRA NA GUERRA)



papel da mulher brasileira, na situação de guerra em que nos achamos, não pode, nem deve limitar-se às preoccupações affectivas e caridosas que a levam, despidida de luxo e futilidades, a equalar-se sob o branco anonymato dos linhos da Cruz Vermelha, que têm a pureza dos lyrios e a frescura consoladora que leva allivio ás chagas; e, não qual, as gotas de sangue que porejam das armas fraticidas estellam-se numa cruz de perdão e misericórdia.

E' muito nobre, muito generoso, muito feminino o nosso gesto de prepararmos para esta primeira missão de caridade junto ao leilo dos que se offercerem em holocausto á causa impessoal e sagrada de uma pátria que é nossa, e que desejamos livre, grande e respeitada.

Nem todas as brasileiras, porém, poderão por esta forma cumprir a obrigação que a cada uma de nós cabe, de levarmos nosso concurso á causa collectiva em que se empenha a nossa nacionalidade. Nem uma decima parte das brasileiras se poderá alistar na Cruz Vermelha, e desnecessárias a tal mister seriam em tão prodigioso numero.

Ainda agora, na America do Norte, a febre de bem servir á Patria levou, segundo os telegrammas, vinte milhões de americanas a inscreverem-se na Cruz Vermelha. Ora, como a America do Norte não poderá enviar para a guerra mais de um milhão de soldados, caberiam a cada soldado duas enfermeiras... gastando o paiz mais com as enfermeiras do que com os feridos!

As brasileiras fremem igualmente do desejo de offerer seus serviços ao seu paiz, mas serviço util, methodico, disciplinado, que não derive para os exaggeros que geram a confusão e o desperdicio de energias uteis.

Na guerra actual o papel da mulher tem sido de dupla energia, que classificariamos, sem pretensão, no desalinhavo desta palestra, em energia "estatica", que é a que se limita a consolar e a curar nos hospitais de sangue, e a energia "dynamica", a que produz novas forças bellicas, e que equivale ao esforço masculino, para a victoria.

Não falando do batalhão de mulheres russas que marcharam para a frente de batalha, — organização que deixamos de commentar pela ogeriza que nos causam todas as manifestações mais ou menos ridiculas de despropositado feminismo — a mulher, entre os belligerantes, tornou-se de um momento para outro um elemento de enorme eficiencia, de valor definido, como factor de victoria, substituindo o braço masculino na lavoura, no commercio, nas industrias — e, principalmente — nas industrias de guerra.

Tornou-se a fada fecunda que vidiu e faz produzir o campo, surgindo de entre suas alvas mãos a chuva de ouro das louras espigas do trigo. São suas pequeninas mãos que amanhão o campo, que o afófam, que o dispõem para receber a semente; que acompanham a germinação; que roçam a herva brava que, como hostes inimigas, invade a seara; que colhem o grão, que preparam a farinha que deve alimentar com o pão, o corpo do soldado, e com a hostia, a alma do crente que agoniza, morrendo pelo ideal supremo...

Mas ella é tambem a torça terrivel e silenciosa, como as forças cosmicas que se acobertam e apenas se adivinham no mysterio das coisas universaes; é ella que, muda e grave, com suas mãos delicadas, vae encapsulando a morte nos explosivos que serão vomitados pelos canhões, despejados dos aeroplanos, e cuspidos pelos submarinos... Seu coração atunultuado anela de febre pela victoria de suas hostes; nos seus olhos, compasivamente femininos, ha quasi o paradoxo brilhante de uma gotta de lagrima, pela morte que ella prepara... E assim, na pequenina e alva petala que é sua mão — e que, hontem, unguida de snaves e custosas essencias era corolla que se desfazia ao calor dos beijos — cabem a vida e a morte, cabe o Universo infinito, cabem a colheita e a destruição. Num dos coxins em que se ella divide cresce a haste gracil do trigo; em outro atea-se a lingua rubra do incendio que devora... E entre e outro ha o M symbolico, que é a creença, que é o nome maravilhoso de Maria Santissima, que é a prece em que sua alma mystica se embala, posta assim á prova entre a

suavidade de uma ecclosão e o pavor das finalidades!

Seu papel na guerra actual tem sido preponderante e quasi decisivo; sem ella, faltaria o alimento e a veste ao soldado! o alimento e a fé aos canhões.

Quando terminar a barbara refrega, as patrias não saberão a quem mais agradecer: si á força que apenas executou a sua missão, si á fraqueza e á meiguice que se revestiram de heroismo; si ao homem que occupou a trincheira, si á mulher que foi o braço que creou e produziu, a cabeça que engenhrou e o coração que muito amou...

Sirvam-nos seus grandes exemplos. E' evidente que não ha ainda necessidade de nosso concurso no campo, nas officinas, nas fabricas, no commercio; e que elle só será requisitado quando se moverem nossos exercitos para a luta.

Devemos, porem, fazer desde já o que longa e silenciosamente fez a Alemanha durante a paz, com seu genio incontestavelmente disciplinador, methodisador, e portanto, fecundo: — o preparo da mulher para os misteres que lhe poderá amanhão confiar a Patria. De seu preparo moral, sem despesa para o Estado e sem ruído espalhafato, se poderão incumbir as nossas professoras de escolas superiores, bem como todas as intellectuaes brasileiras, por meia de palestras diarias, organizadas em todas as cidades do interior, na sala da Camara, num theatro ou num club. Palestras exclusivamente femininas, sem pedantismo e sem a declamação dos chorrilhos rhetoricos, que têm sido o nosso peccado, deverá ser o seu programma a suggestão da belleza do papel que caberá á mulher brasileira na guerra, e a noticia das heroínas nacionaes e estrangeiras, que têm illustrado as paginas da Historia com o exemplo de sua abnegação pela causa collectiva. Estas conferencias, que não deverão durar mais de meia hora, serão seguidas de preparo physico, constituido por demonstrações e conselhos praticos, por especialistas, sobre a utilização da terra e das machinas de industria, e principalmente, sobre o fabrico de munições de guerra, dividido todo este ensino, por turmas e por secções, de modo a preparar os

elementos de substituição nos diferentes sectores das industrias e da lavoura, quando se fizer necessario o nosso concurso. Isto, que aos espiritos superficiaes poderá parecer idealismo — mesmo porque ainda ha janotas e peralvilhos, que se referem ao que é nosso e ao nosso Brasil com o conceito obtuso do realismo dos cochinos de Epicuro, para os quaes a abstracção de um ideal é indigesta — será um preparo util e pratico, tenhamos ou não immediata necessidade de pol-o em acção, porque formará, ao mesmo tempo, o espirito da joven brasileira, escaroadando-a da poeira da frivolidade que a vestia com as saias de uma meia-moralidade, que ameaçava submergir o espirito são da mulher de antanho, da formadora do nosso lar, onde viviam duas fidelidades e duas imagens: a de Deus e a do marido, a dupla fidelidade da creença e do amor.

Ella terá, assim occasião de ver a vida a través de um prisma de imagens menos enganadoras do que as que lhe propiciam as miragens de seus romancistas; terá occasião de ver a vida-vida; acordará na sua fibra intima o desejo da immolação e do sacrificio, que é a gloria da feminilidade, que é a suave missão de magua crepuscular, que dóe e encanta, e que Deus nos confiou na terra, como uma flôr muito melindrosa que só nossas almas poderiam comprehender.

Formem-se comissões de senhoras em todas as cidades do Brasil; de senhoras corajosas que saibam receber com superior tolerancia o remoque do coque da grande parte que á imbecilidade coube no genero humano...; arrostem, como nós arrostamos, os sorrisos demolidores dos incredulos e os turpiloquios dos que vêm na mulher apenas um instrumento de suas baixas paixões; façam desta Revista o seu orgam; e a idéa vingará, como vingou esta nossa Revista, que foi, tambem, recebida como uma empresa fallaz, que não devia durar mais que as rosas historicas...

Alem deste aspecto de nossa colaboração ao lado de nossos soldados, ha ainda um outro, que irá recolher os esforços de todas as senhoras que, pelos encargos de familia e outros, não poderem acudir ao appello industrial: — é o da economia. A guerra actual póde chamar-se a guerra dos metaes, expressão que me acode, sem pre-

tenção de originalidade. Disputam-se o cobre, o nickel, o manganéz, a prata, o oiro, o ferro; quem mais metaes tiver, mais assegurada terá a victoria. Todos os povos, neste momento, tentam thesaurisar os metaes, evitando que elles emigrem para o estrangeiro com a importação do superfluo e do voluptuario. Temos que seguir-lhes o exemplo; e quanto temos que nos esforçar para *torqarmo-nos brasileiros*, para *nacionalisarmo-nos*, quando, de ha seculos, com a importação constante e crrscente de ideas, modas e usos frandunos, fizemos todo o possivel para deixar de ser brasileiros!.. para só comprar o que é estrangeiro,

mestico ao vestuario com que sahi-mos á rua, devemos preferir, sem hesitação, o artigo nacional, o que a terra nos dá, a terra que, como a nossa, é grande, é feraz e prestadia.

Limitando nosso commercio ao commercio interno, nossa fortuna não diminuirá, porque, circulando o dinheiro sempre entre nossas mãos, do consumidor ao productur, teremos um phenomeno semelhante ao da evaporação das aguas dos rios, que de novo voltam á terra, pelo orvalho e pelas chuvas.

Preparemo-nos, assim, para cumprir o nosso dever; preparemo-nos para honrar as tradições de nosso feminismo, e demon-

trar, com vigor, que a brasileira de hoje não é, como falsamente se exhibem alguns specimens, a boneca de rosto mascarado com pó de Pariz, e m'pasta do de estuques e de cremes de harens, e com o cerebro delirando de desabudadas philosophias de raças que decáem no vicio da luxuria, atravessando o asfalto das avenidas nos reboleios epilepticos de um *rag-time* ou de um maxixe.

— Ella é ainda como tal se mostrará — a linda e brava mulher, de seios fecundos, que

procreou os heróes que enfloraram de louros as paginas curtas, porém heroicas, de nossa historia...

ANNA RITA MALHEIROS

(Para a Revista Feminina, de S. Paulo)

PARA TINGIR OS CABELLOS

Podemos annunciar ás nossas leitoras que, com grandes esforços, conseguimos obter uma nova remessa de PETALINA, o admiravel e inoffensivo preparado, que tão grande successo está fazendo em todo o mundo e que dá ao cabelo uma linda cor, desde o castanho claro, até o negro azoviche. Os pedidos devem ser acompanhados da importancia de Rs. 10\$000, inclusive 500 réis para a despesa do correio.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURA ANNUAL — 10\$000

As assignaturas podem começar em qualquer mez, terminando um anno depois, no mez correspondente.

Toda senhora que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis.

Requisamos ás senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que depem mandar reformal-as quanto antes, editando assim que lhes seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada á REVISTA FEMININA deve ser dirigida á directora Virgíllina de Souza Salles, Palaceta Bricola, R. do Rosario — S. Paulo do Brasil.

A REVISTA FEMININA precisa de bons agentes em todas as localidades do Brasil.

e caridosas [...]. É muito nobre, muito generoso, muito feminino o nosso gesto de prepararmos-nos para essa primeira missão de caridade [...]. Nem todas as brasileiras, porém, poderão por esta forma cumprir a obrigação que a cada uma de nós cabe [...]. Na guerra actual, o papel da mulher tem sido de dupla energia, [...] energia "estatica" que é a que se limita a consolar e a curar nos hospitaes de sangue, e a energia "dynamica", a que produz novas forças bellicas, e que equivale ao esforço masculino, para a victoria. Não falando do batalhão de mulheres russas que marcharam para a frente de batalha, – organização que deixamos de commentar pela ogeriza que nos causam todas as manifestações mais ou menos ridiculas de despropositado feminismo – a mulher, entre os belligerantes, tornou-se de um momento para outro um elemento de enorme eficiencia, de valor definido, como factor de victoria, substituindo o braço masculino na lavoura, no commercio, nas industrias – e, principalmente – nas industrias de guerra [...]. Seu papel na guerra actual tem sido preponderante e quasi decisivo; sem ella, faltaria o alimento e a veste ao soldado! o alimento e a fé aos canhões. (Revista Feminina, 1918, n. 45, p. 11).

Ainda que a participação brasileira em combate não tenha se concretizado – e menos ainda a participação feminina brasileira –, a *Revista* à época convocava suas leitoras a se prepararem:

É evidente que não há ainda necessidade de nosso concurso no campo, nas officinas, nas fabricas, no comercio; e que elle só será requisitado quando se moverem nossos exércitos para a luta. Devemos, porem, fazer desde já o que longa e silenciosamente fez a Allemanha [...]: o preparo da mulher para os misteres que lhe poderá amanha confiar a Patria. (Revista Feminina, 1918, n. 45, pp. 11).

De qualquer forma, os principais fatores a serem destacados aqui em relação à guerra na Europa são a importância dada à atuação feminina – do cuidado com os feridos até a garantia de suprimentos – e a ocupação feminina dos postos de trabalho deixados pelos homens nas indústrias, comércio e serviços, assim como no meio rural.

Independentemente da guerra, o crescimento da força de trabalho assalariada feminina nas primeiras décadas do século XX já era uma realidade. Susan Besse em *Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-*

1940 atribui isso a uma série de fatores, dentre eles “a adoção pelas próprias mulheres do valor burguês do trabalho, o que promovia seu desejo de maior autossuficiência econômica e realização profissional” (BESSE, 1999, p. 143).

Nesta época de vida terrivelmente cara, em que o padrão da subsistencia está a uma altura nunca vista, é muito natural que nos preocupemos com ganhar dinheiro para auxiliar os nossos esposos, pais ou irmãos, nas despesas diárias. Nós, as mulheres que abraçamos uma profissão da qual nos advém um rendimento para enfrentarmos às necessidades da vida, devemos nos esforçar com toda a alma para bem desempenhá-la e cumprir o nosso dever escrupulosamente afirmando de que não nos venha a faltar essa fonte de independencia. Ainda que nos não seja preciso ajudar a família, por ser abastada, não devemos, por isso, conservar-nos inúteis e ociosas, vivendo do rendimento dos outros e a eles nos encostando como “parasitas”. (Revista Feminina, 1921, n. 80, p. [19]).

Dessa forma, o emprego feminino passava a ser gradativamente aceito por mulheres e homens, desde que não gerasse mudanças estruturais radicais. Por exemplo, o trabalho assalariado feminino não poderia comprometer os deveres domésticos da mulher e muito menos poderia a esposa concorrer profissionalmente com seu marido. A esse respeito, a Revista Feminina tem um posicionamento claro:

O feminismo sem base, sem orientação, sem moral religiosa, e sem tendências definitivamente sociais, esse sim, poderá trazer, inconscientemente, consigo, germens de anarchia. Não o que pregamos, o feminismo creado dentro das próprias normas actuaes da vida social, não como elemento de reacção contra o domesticismo, mas, pelo contrario, como elemento fortalecedor desse mesmo systema. Nunca destas columnas nos insurgimos contra a direcção masculina do lar, nem o poderíamos fazer porque entendemos a mulher, mais fraca, e menos aparelhada para a luta, a amorosa companheira do homem, que não deve nelle ver rival, contendor, ou inimigo, mas, apenas, o collaborador, o companheiro, o amigo de sua vida constituída em familia. As contingências da vida moderna fazem, porém, que muitas vezes, não baste o trabalho do homem para a manutenção do lar, e para a organização do patrimônio que todo o casal deve tratar de estabelecer não só para a firmeza do edificio,

como para educação dos filhos, e arrimo da velhice ou da invalidez. (Revista Feminina, 1922, n. 96, p. [18]).

Assim, unindo interesses morais de manutenção da família burguesa às necessidades econômicas que a período exigia, o emprego feminino é incentivado e direcionado de forma que a atividade profissional dessas mulheres seja uma como uma extensão das suas tarefas domésticas (BESSE, 1999, p. 145).

Isso leva à análise do terceiro ponto de reivindicação por participação da mulher na sociedade: a política. As discussões a respeito do sufrágio feminino estavam ocorrendo no Brasil e no mundo e estão presentes desde os primeiros exemplares da *Revista*. Um dos argumentos contrários a essa demanda frequentemente é o de que a mulher, podendo votar e ser votada, iria se dedicar à carreira política, abdicando dos seus deveres domésticos e desestruturando a família.

Muitos sociologistas e feministas querem entronizar a mulher, ou fazer d'ella um homem de saias. Não! A esfera da mulher que lhe foi marcada pelo Creador e com a qual muitas não se satisfazem, é entretanto sublime! Tirando a mulher de sua esfera natural – o seio da família – ella faltará a sua vocação, e o resultado será; a desorganização da família e da sociedade. (Revista Feminina, 1915, n. 12, p. 12)

No entanto, o próprio posicionamento da *Revista* a esse respeito não é constante ao longo de seus anos de existência. Nos primeiros exemplares, era comum que a *Revista* se colocasse ainda de forma mais conservadora, ou mesmo que se ausentasse da discussão: “A nossa revista, em absoluto, não aborda assumptos politicos, que não consideramos materia da qual resulte vantagem para a educação moral do paiz e muito menos para as mulheres brasileiras.” (Revista Feminina, 1917, n. 34, p. 42). Ao mesmo tempo, a partir de 1916, a coluna “Vida Feminina” começa a aparecer com alguma periodicidade, trazendo informações a respeito das conquistas das mulheres no contexto nacional e internacional, principalmente quanto aos movimentos pelo voto feminino.

O tempo todo a *Revista Feminina* tensiona questões referentes à participação política da mulher. A abordagem e o próprio posicionamento do periódico não trazem consigo uma ideia de progresso linear, ou seja, não existe uma evolução de discurso em um único sentido, tornando-se cada vez mais favorável à luta feminista. O que ocorre são constantes questionamentos e mudanças a fim de um posicionamento favorável, mas as críticas existem e aparecem – algumas vezes, de forma humorada e irônica (ver imagem p. 42) – simultaneamente aos elogios.

Essa não linearidade se mostra, por exemplo, em um artigo de fevereiro de 1923, relatando a fala de Maria Jacobina de Sá Rabello para um “auditorio numerosissimo e culto”:

Não, mil vezes não! Não é opportuno o voto feminino no Brasil. A mulher não deve votar, o seu papel não é na política, e fatalmente esta entrará em conflicto com o lar. Não alleguem as adeptas, que na America a mulher tem o direito do voto, sem conhecer a americana. Em nada nos parecemos com ella, que nos differencia, já no temperamento, já na educação. A acção da mulher na politica deve ser indirecta, formando o character dos filhos para que se façam bons cidadãos, capazes de honrar o nosso paiz. A mulher brasileira deve viver da sua intelligencia, sempre apurada e forte, do seu coração, sempre sensível e bom. Sua mesa eleitoral deve ser o lar, ahi ha uma grande energia e uma grande actividade a despender, e applicar; não é mister dispersal-as lá fora, e assim, só assim, a meu ver, poderemos honrar e glorificar o nome da mulher brasileira'. (Revista Feminina, 1923, n. 105, pp. [5-9]).

No entanto, no mesmo ano e em outros antes e depois dessa fala, a *Revista* se posiciona, por diversas vezes, contrária a esse argumento e a favor do voto feminino:

Qual o inconveniente da liberdade do voto? Julgam as minhas patrícias que é preciso abandonar o santuario domestico para estacionar diante das urnas eleitoraes? Que, na sua totalidade serão as mulheres obrigadas a votar e ser votadas, como se fossem regimentos que partissem para a guerra? Que todas deverão ser deputadas e senadoras? Que irão discursar e palrar fútil e incessantemente nas sessões parlamentares? Nenhum receio... nada disso succederá. [...] A admissão da mulher ás profissões liberaes

O
LAR
DE
UMA
SUFFRA-
GETTE...



O marido, depois de arrumar a casa, faz dormir o filhinho.



... Elle vae trocar o seu chinellinho de salto alto e pôr uma fita no cabelo.



... O chá em doce só-á-só. Elle com sua blusa de renda; ella com seu fraque. E' elle a servir emquanto ella lê o artigo político.

...Ella vae em seguida para o escriptorio. Elle dá-lhe um beijo de despedida.



...E, ficando só em casa, vai lavar a roupa da familia, enquanto sua mulher, medica, advogada, engenheira, et cetera estará no escriptorio.

TECIDOS

bordados crêpes, organdis, linons e batistes de linho proprios para blusas e roupas brancas

procurem na **CASA GUERRA**
Rua S. Bento, 84 e 86—S. PAULO

não impelle todo o sexo feminino á aquisição de um titulo scientifico e aquellas que o possuem continuam a ser esposas, mães e educadoras, dirigindo intrepidamente o seu lar com orientação talvez mais segura, porque se sentem um pouco mais desafogadas, um pouco menos dominadas. (Revista Feminina, 1922, n. 93, pp. [17-18]).

Physicamente e psychicamente, a mulher não é inferior ao homem. [...] Dois argumentos merecem ser considerados, dentre as provas em que se estribam os anti-feministas. Um é o de que se desorganizará a familia, desde que a mulher troque o remanso doméstico pelo fragor das lutas partidárias. A isso respondo que o sexo effectivo ha muito exerce immensa actividade extralararia, na medicina, na engenharia, na advocacia, no ensino, na burocracia, no balcão das casas commerciaes, nas estradas de ferro e nas fabricas, e, no emtanto, ainda não se desorganizaram as famílias a que pertencem essas admiráveis heroínas do trabalho mental ou manual. [...] De 54 nações independentes, 28 já deram ás mulheres o direito de voto. [...] Será pena si, em meio dessa marcha ascencional do universo civilisado, ficar o Brasil estacionario, mantendo em escravidão política aquella que, vencendo todas as resistências do homem, já o domina em tudo e por tudo. (Revista Feminina, 1925, n. 128, p. 52).

Essa aparente contradição pode ser explicada por duas hipóteses. A primeira é a de que os textos da *Revista* não eram escritos por apenas uma pessoa, o que se comprova pelas identificações de autoria nas páginas. Essa diversidade de autoras e autores gerava também uma diversidade de opiniões publicadas. Ainda, muitos textos são anônimos, outros possivelmente escritos com pseudônimos, de forma que não é possível identificar com precisão todos os autores. Outra hipótese é a de que a *Revista*, tratando-se de um produto comercial, precisava representar diversos pontos de vista em suas páginas, a fim de não se posicionar radicalmente e agradar um número maior de leitoras. De forma geral, pode-se dizer, então, que se tratava de um periódico feminista, sendo representativo do discurso do feminismo conservador e católico.



5. O espaço doméstico

A casa é objeto constante de análise da *Revista Feminina*, o que se justifica a partir da sua importância para a leitora do periódico – mulher casada, de classe média ou de elite e, acima de tudo, dona de casa, como foi visto anteriormente. A respeito do ambiente doméstico, três tópicos são de especial atenção para esse trabalho: (1) a decoração a ser desenvolvida pela mulher, ou seja, a preocupação com aspectos físicos do mobiliário e sua disposição; (2) aspectos de conforto e higiene, principalmente vinculados ao sanitarismo e à política higienista; e (3) a funcionalidade, eficiência e racionalidade do espaço, com destaque para as cozinhas e dormitórios.

O primeiro tópico foi discutido quando se falou do papel das mulheres como donas de casa. Uma das atividades que deveriam ser de sua responsabilidade era a boa decoração da casa, preocupando-se com a harmonia visual e tratando de dar ao ambiente características de seus moradores e, principalmente, da mulher. Esse fato foi amplamente discutido por Vânia Carneiro de Carvalho (2008) e é explicitado nos trechos a seguir:

A arte do mobiliário que, como todas as coisas, atravessou a evolução humana, marcando uma época, constitui modernamente a preocupação talvez mais palpitante de uma dona de casa, apresentando uma infinita variedade de estilos. O mobiliário é, além de tudo, um como revelador do gosto de seu possuidor, revelando-se por ele, ora um temperamento finamente aristocrático, ora, frio, ou melancólico. (*Revista Feminina*, 1917, n. 34, p. [48]).

As mãos da mulher sabem criar em cada canto da casa, com pequenos e delicados labores, uma individualidade própria a seu lar, e que, desde logo, tornando-o inconfundível, traduzem a psicologia dos que o habitam. Uma casa ricamente mobiliada e cheia das mil alfaias que diariamente fabricam as indústrias de luxo, mas que não disponha desses pequenos labores femininos, assemelha-se a um hotel — como elle, incharacterístico e impessoal — porque é naquelles delicados

mimos da alma da mulher que se adivinha o affecto, o carinho, o ar de amistosa intimidade que devem caracterisar o lar. (Revista Feminina, 1919, n. 56, p. [23]).

O segundo tópico a ser abordado diz respeito à influência da política higienista no espaço doméstico e a aplicação de conceitos tayloristas de racionalização e funcionalidade. Para isso, é preciso entender a casa paulistana inserida no contexto de radicais transformações urbanas e modernizantes que marcavam a cidade de São Paulo na passagem do século XIX para o século XX.

As mudanças, principalmente em termos de infraestrutura – instalações de redes de iluminação a gás, de coleta de esgoto, de distribuição de água e, posteriormente, de energia elétrica – modificavam o cotidiano do habitante paulistano do começo do século passado. E é evidente que essas transformações na escala urbana também atingiram a escala doméstica.

É nesse momento que a casa passa a ser alvo das políticas higienistas, principalmente no que se refere à casa operária. Plantas e programas sofrem alterações, a fim de garantir ambientes mais salubres pela presença, principalmente, de luz natural e ventilação. As antigas alcovas sem janelas são extintas e a cozinha deixa de ser o ambiente de paredes enegrecidas pela fuligem do forno à lenha.

Especialmente nas casas mais pobres, a invasão dos preceitos higienistas é vinculada à uma ação moralizante e educativa. A criação de um ambiente confortável e higiênico objetivava fixar o morador ao lar e à família, como já visto anteriormente.

Nesse momento, a participação de médicos e engenheiros nas mudanças da cidade e das casas foi essencial. Mais ainda, no interior doméstico, a figura feminina é responsável pela propagação desses ideais e também pela manutenção da higiene do lar, assim como da saúde dos seus moradores. Por isso, esses conceitos são muito divulgados pela *Revista Feminina*:

O dormitório, para uma senhorinha dessa idade póde ser feito sem grave damno no proprio quarto de toilette, mas, se pouder tel-o separado é preferível, pois o menor tempo que se passar longe do

quarto de dormir é melhor, porque assim podemos conservar o mesmo aberto o dia quasi que todo, a bem da hygiene. Sim, a bem da hygiene, porque não é recommendavel se fazer o quarto de dormir e toilette em um só aposento, dado o facto de ficar não somente o quarto atravancado de moveis, anti-esthetico, como ainda obriga a pessoa vir para o mesmo muitas vezes no dia, trazendo consequentemente impurezas na sala, e ainda o perfume dos extractos e loções vicia o ar, tornando-o irrespirável. A ventilação por mais perfeita que seja é ainda insufficiente, pois o perfume, mesmo o mais brando de um extracto ou essencia se infiltra pelos estores, cortinas, etc., prejudicando sensivelmente a saude da pessoa, principalmente no somno (Revista Feminina, 1923, n. 105, p. [19]).

A acção dos ventos tem, também, uma grande importância; ha ventos que são agradaveis e salubres, outros incommodos e insalubres (quando não reunam estes dois inconvenientes); a tal respeito deve a pessoa que edifica uma casa de moradia guiar-se pela experiencia local. Os ventos seccos são geralmente excitantes, ao passo que os humidos deprimem. [...] O ar secco e frio, não tendo uma temperatura muito baixa, é estimulante e tonico [...]. Um ar quente e humido reúne as peiores condições de salubridade [...] É sob a influencia do calor e da humidade que se desenvolvem as fermentações pútridas e se formam os miasmas com todas as suas terríveis consequências. Quanto ás correntes de ar não são só nocivas pelo calor e humidade que adquirem no trajecto como tambem pela poeira, insectos incommodos, exhalações infectas, e até miasmas pantanosos que arrastam consigo. [...] São estas, regras que, embora não pareça, seguidas á risca pelas pessoas que edificam, redundam em grandes vantagens para o bem estar e para a saude, e que, portanto não devem ser despresadas. (Revista Feminina, 1924, n. 119, p. [39]).

Finalmente, cabe falar sobre a entrada de conceitos de racionalidade e eficiência e a busca pela economia de tempo e de esforços no ambiente doméstico. Nos Estados Unidos da América, isso foi trazido, principalmente, pelos estudos de donas de casa e reformadoras do lar a partir de meados do século XIX. Dentre essas mulheres, quatro nomes são frequentemente mencionados: Catherine Esther Beecher (1800-1878), Ellen Richards (1842-1911), Mary Pattison (1869-1951) e Christine Frederick (1883-1970).

A primeira delas, Beecher, é considerada pioneira dos estudos de economia doméstica, tendo sido descrita como precursora da arquitetura moderna por importantes historiadores como Siegfried Giedion. Seu livro *A Treatise on Domestic Economy, for the Use of Young Ladies at Home and at school* (1841) trazia indicações da disposição interna da cozinha, assim como a localização detalhada de seu mobiliário e instalações. Apesar de não ser arquiteta, Catherine Beecher desenhou esses ambientes internos da casa com detalhes técnicos que os livros de arquitetura da época não tinham (RYBCZYNSKI, 1996, pp. 166-167), propondo, com isso, discussões acerca do conforto e da economia de espaço. Em 1869, junto com sua irmã Harriet Beecher Stowe, Catherine publica *The American Woman's Home*, onde retoma conceitos abordados no estudo de 1841, traz ilustrações detalhadas e plantas da disposição das cozinhas, seu mobiliário e suprimentos (GIEDION, 1978, p. 524), já demonstrando um estudo avançado em prol da eficiência do trabalho doméstico.

Na mesma época, as discussões a respeito da racionalização do trabalho nas fábricas já estavam acontecendo, mas é só com Frederick W. Taylor (1856-1915) que os fundamentos dessa questão seriam sistematizados em torno do nome “gestão científica”. Desde a década de 1880, o engenheiro já investigava o processo de trabalho fabril pelo estudo do tempo, mas é só em 1911 que publica o seu texto *The Principles of Scientific Engineering*. Para ele,

Todo o supérfluo deve desaparecer, pelo bem da eficiência e [...] para facilitar o trabalho e seu rendimento funcional. O trabalho deve ser efetuado com facilidade e, dentro do possível, sem fadiga. Mas por trás disso sempre houve a meta constante pela qual o período se sentia magicamente atraído: a produção, maior produção a qualquer preço. O corpo humano foi estudado para averiguar até que ponto poderia ser transformado em um mecanismo (GIEDION, 1978, p. 112. Tradução nossa).

Muito da lógica aplicada por Taylor no processo industrial se assemelha com os estudos feitos pelas reformadas do lar durante as mesmas décadas. O próprio

autor aponta esses possíveis desdobramentos em seu *The Principles of Scientific Engineering*:

Os mesmos princípios podem ser aplicados com igual força para todas as atividades sociais: para a gestão de nossos lares; a gestão de nossas fazendas; a gestão dos negócios dos comerciantes, grandes e pequenos; das nossas igrejas, nossas instituições filantrópicas, nossas universidades e departamentos governamentais. (TAYLOR, 1919, p. 8. Tradução nossa).

De fato, a aplicabilidade de conceitos posteriormente chamados “tayloristas” no ambiente doméstico já estava sendo sugerida e testada por donas de casa anos antes do homem que lhe originou o nome nascer. Apesar disso, as investigações referentes à casa mecanizada só começaram a ser feitas com maior profundidade no início do século XX, ainda que os estudos pioneiros de Catherine Esther Beecher apontassem para o que futuramente seria chamado de gestão científica do lar.

No entanto, Margareth Rago e Eduardo Moreira destacam que a proposta de Taylor poderia ser aplicada apenas parcialmente no lar, já que esta considerava que “cada atividade deveria ser subdividida em seus gestos consecutivos, analisados minuciosamente e encarregados a um especialista”, enquanto o serviço doméstico “deveria ser realizado pela mesma pessoa” (RAGO; MOREIRA, 1984, p. 98). Dessa forma, os conceitos mais aplicados à lógica doméstica são aqueles que envolvem principalmente a economia de tempo, de esforços e de espaço.

Em linhas gerais, são esses conceitos que permeiam a boa organização e o bom funcionamento do ambiente doméstico nas primeiras décadas do século XX. A seguir, serão analisados detalhadamente alguns artigos extraídos da Revista. Esses são todos os artigos ilustrados encontrados nos exemplares de 1915 a 1925, e que trazem conceitos tayloristas aplicados ao ambiente doméstico, principalmente às cozinhas, mas também aos quartos. Dos artigos encontrados, o mais antigo data de janeiro de 1917, e o mais recente data de março de 1925.

I. “Uma cozinha modelo”, “Um refeitório para crianças” - 1917

Revista Feminina, jan. 1917, n. 32, p. [29].

No primeiro registro da aplicação de conceitos de eficiência no trabalho doméstico encontrado no periódico, vê-se uma cozinha que já apresenta algumas questões importantes em termos de organização espacial e processo de trabalho. Apresentada como um modelo a ser seguido, ela possui “cada coisa no seu lugar”, o que se nota, principalmente, pela existência de um suporte específico para panelas e outros utensílios semelhantes.

Há uma sugestão de racionalidade também na disposição dos móveis. Isso é indicado pela linearidade no conjunto formado pela pia e as duas superfícies laterais, mas também pela disposição das outras duas mesas: a primeira, de frente para a pia, apesar de aparentar ser um obstáculo à circulação, é muito funcional quando se pensa no seu uso auxiliar à pia. Por fim, a mesa com cadeiras garante maior conforto para execução das tarefas mais delicadas e demoradas – escolha dos grãos ou descasque de alimentos diversos – e também é possível que seja utilizada para refeições rápidas.

Outro aspecto importante diz respeito à higiene do espaço. “Luz e aeração asseguradas por duas janelas e por uma porta” garantem a solução para as questões de salubridade. “Soalho e parede ladrilhados de branco” e “mesas cobertas de vidro ou de mármore” facilitam a limpeza e a sua verificação, por serem superfícies lisas e refletoras. Quanto aos ladrilhos brancos, a figura não parece corresponder – apesar da qualidade da impressão, existem outras superfícies brancas bem evidentes, como a pia, as cortinas ou o avental da mulher, o que leva a crer que o piso e as paredes, se fossem ladrilhados, também seriam visíveis –, mas a instrução está indicada em texto.

O refeitório para crianças segue os mesmos princípios. “Prático e higienico”, possui superfícies brancas que, assim como a mesa coberta de mármore, garantem o asseio e a limpeza fácil, que podem ser verificados também graças à disponibilidade de luz natural.



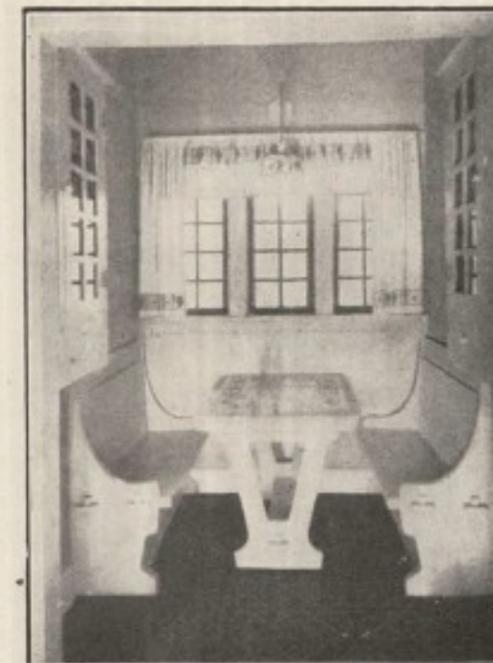
UMA COZINHA MODELO

UM REFEITÓRIO PARA CRIANÇAS

A nossa primeira gravura reproduz uma cozinha modelo: cada coisa no seu lugar, luz e aeração asseguradas por duas janelas e por uma porta, cercada de arame, por cima da pia. Soalho e parede ladrilhados de branco. Mesas cobertas de vidro ou de mármore.

A segunda gravura representa um refeitório para crianças, prático e higienico, que se pôde adaptar a um canto da casa.

Uma grande janella, ao fundo com cortinas brancas, com



estamparia de bonecos e brinquedos infantis. Duas janellas lateraes. Chão ladrilhado. Mesa baixa, coberta de mármore, que dispensa o trabalho e que é facilmente lavavel.



APPLICAÇÕES de todos os formatos para centros de mesa e outros trabalhos, procurem a CASA GUERRA

R. S. BENTO, 84 e 86
S. PAULO

II. "O pequeno quarto de uma moça" – 1917

Revista Feminina, mar. 1917, n. 34, p. [28].

Nesse artigo, a Revista apresenta a aplicação de princípios de ordem e otimização do espaço em um dormitório. A justificativa para sua publicação é a de que "o espaço livre de um quarto é a preocupação constante das pessoas que já dispõem de pequenos apartamentos ou casas".

O primeiro destaque está na união de um guarda-roupa à parte de baixo de uma cama. Essa ideia aproveita o espaço disponível, dispensando a necessidade de um móvel separado nas mesmas dimensões. O texto também sugere que uma colcha pode servir para cobrir o móvel e escondê-lo.

O outro destaque vai para o gabinete organizado de forma que se vê que "cada coisa está em seu lugar". As peças de roupa são organizadas por tipo e tamanho, de forma que algumas estejam penduradas em cabides, outras estejam em ganchos e outras ainda em prateleiras.

Apesar do texto não trazer diretamente referências a palavras como "funcionalidade", "eficiência" ou "economia", é possível dizer que esses princípios foram empregados, ainda que timidamente, na organização do espaço e na concepção de seus objetos.

O PEQUENO QUARTO DE UMA MOÇA

O espaço livre de um quarto é a preocupação constante das pessoas que já dispõem de pequenos apartamentos ou casas, e para elles os objectos expostos nesta pagina são muito apropriados, desde que collocados com ordem.

UM invisível guarda-roupa pôde ser ajustado a uma cama de metal, contendo o mesmo varios compartimentos.

UMA vez feita a cama, uma colcha pôde servir de cortina para occultar o guarda-roupa que está em baixo, coisa aliás muito facil de fazer.

UM gabinete para resguardar os objectos de uso ás vistas estranhas e lhes occultar a desagradavel apparencia.

EM uma das paredes do quarto podem ser collocadas bolsas de cretonne para sapatos e chinelos.

GANCHOS appensos para pendurar casacos, corpetes etc.

MOSTRANDO o gabinete (2) dobrado.

NESTA illustração se vê que cada coisa está em seu lugar, apresentando no genero o que ha de mais extremamente elegante.

III. “A cosinha moderna” - 1917

Revista Feminina, dez. 1917, n. 43, p. [54].

Economisar tempo, passos e trabalho é uma das melhores normas que uma boa dona de casa deve procurar seguir. Isso, para ella e para os seus, representa comodidade e conforto e torna mais suave a tarefa dos creados, [...] porque se torna cada vez mais difficil encontrar, como antigamente, creados dedicados e pouco exigentes.

Com essa introdução, o artigo do exemplar de Natal de 1917 resume todos os conceitos que permeavam a discussão de racionalidade do trabalho doméstico. O discurso da economia de passos é muito comum, principalmente quando se analisam as tarefas da cozinha: “Uma boa dona de casa e uma boa creada anda dentro de casa e sem ser preciso, alguns kilometros por dia, perdendo tempo e esforço”.

Ainda, o trecho chama atenção para a presença de empregados domésticos e para a chamada “crise dos criados” que já foi mencionada antes. Assim, a racionalização do espaço e do trabalho tornaria as tarefas mais simples, compensando a falta de empregados domésticos que trabalhem bem “como antigamente”. Aqui cabe questionar rapidamente a qual “antigamente” a redação se refere, e se esse período não coincidiria com uma época ainda de escravidão da população negra – escravidão essa considerada ilegal há apenas 30 anos.

A argumentação a respeito da organização espacial da cozinha também está presente, assim como da disposição dos utensílios:

O trabalho da cozinha, às vezes bastante duro, póde suavisar-se por uma boa disposição dos instrumentos de trabalho e pela collocação mais intelligente do mobiliario. Com os fogões economicos e sobretudo com os fogões a gaz, essa dependência da casa diminuiu de proporções nos edificios modernos, impondo portanto, melhor criterio no aproveitamento do espaço.

Uma cosinha convenientemente disposta, em que tudo esteja á mão facilita extraordinariamente o trabalho e satisfaz essa necessidade imperiosa de conforto que as cosinheiras sentem, como toda a gente

e torna-se um meio de as prender ao serviço, afeiçoandoas ao lar onde prestam os seus serviços. [...] Procure-se, pois, melhorar a situação material da cosinheira e para isso tanto basta introduzir na cosinha um pequeno numero de regras bem praticas e uma installação sufficientemente commoda.

Assim, quando se fala de empregados, a racionalidade da disposição dos móveis e utensílios não objetiva simplesmente trazer maior conforto na execução das tarefas. Mais que isso, a consequência do conforto é o apego da empregada doméstica ao lar em que trabalha, condição ideal para a classe média urbana que enfrenta a “crise dos criados”.

O “pequeno numero de regras bem praticas” a ser introduzido na cozinha é ilustrado por algumas imagens, acompanhadas de textos explicativos. A primeira imagem (parte superior direita) representa um armário com “uma boa disposição de pregos para collocar os utensílios e tel-os sempre á mão”, com uma lógica de organização muito parecida com aquela vista no artigo anterior, contando ainda com opções de suportes na porta para os objetos que não podem ser pendurados. O texto ainda aconselha que esse armário deva ser colocado “o mais perto possivel da pia de lavar, afim de evitar os passos inuteis”.

À esquerda desse armário, ainda na primeira imagem, existe um outro destinado a diversos objetos de louça. Uma aproximação mais detalhada pode ser vista na segunda imagem, à esquerda e abaixo da primeira. A presença de gavetas de dimensões diferentes possibilita a alocação tanto de utensílios pequenos, como talheres, quanto de utensílios de formatos maiores, como panelas e bandejas. Aqui também vale notar a diversidade de pequenos recipientes, provavelmente de cerâmica, com tamanhos e formatos variados, adequando-se ao seu conteúdo.

Por fim, a última imagem demonstra como é possível “aproveitar a mesa grande da cosinha para engomar”. Vale notar a presença de um suporte para pendurar as peças já passadas e também a utilização de um ferro que já é elétrico.

O artigo termina com um apelo à higiene do espaço, apoiando-se nas políticas públicas higienistas: "Sempre varrido, esfregado, luzidio deve ser tudo diariamente. Por isso, é que se aconselha e até mesmo a hygiene municipal obriga o soalho e as paredes de azulejo, as pias de marmore, etc".

Uma boa dona de casa deve zelar particularmente pela sua cozinha, que é o laboratório da familia, para que haja o maior asseio, a maior commodidade, o preciso conforto. Lembre-se também que a economia é uma das mais imperiosas virtudes e veja se pôde poupar na lenha, no carvão, no gaz, na luz, nos mantimentos, etc, etc. O que não deve poupar é no sabão e na lixívia para manter a mais escrupulosa limpeza.

A aparição do conceito de cozinha como "laboratório" indica ainda mais a aplicação de conceitos de gestão científica no espaço doméstico. Desde a hygiene exigente até a disposição planejada dos elementos no espaço, tudo é pensado meticulosamente a fim de obter o melhor resultado em menor tempo e com menor necessidade de esforços inúteis e também com menor gasto econômico.

A COZINHA MODERNA

Economisar tempo, passos e trabalho é uma das melhores normas que uma boa dona de casa deve procurar seguir. Isso, para ella e para os seus, representa commodidade e conforto e torna mais suave a tarefa dos creados, pois é preciso fazer entrar sèriamente em linha de conta esta questão, porque se torna cada vez mais difficil encontrar, como antigamente, creados dedicados e pouco exigentes que, pouco a pouco, se irmaçavam com a familia e ficavam a fazer parte da casa.

O trabalho da cozinha, ás vezes bastante duro, pôde suavisar-se por uma boa disposição dos instrumentos de trabalho e pela collocação mais intelligente do mobiliario. Com os fogões economicos e sobretudo com os fogões a gaz, essa dependencia da casa diminuiu de proporções nos edificios modernos, impondo portanto o melhor criterio no aproveitamento do espaço.

Uma cozinha convenientemente disposta, em que tudo esteja á mão, facilita extraordinariamente o traba-



aproveitar a mesa grande da cozinha para engomar. E' tão claro e tão simples que não exige explicações.

Uma das coisas que mais attenção demandam numa cozinha é a pia. E' preciso dispor as cousas de maneira que ella fique bem ao alcance e faça evitar passos inúteis. Conviem notar que uma boa dona de casa e uma boa creada andam dentro de casa e sem ser preciso, alguns kilometros por dia, perdendo tempo e esforço.

Veja-se que tudo anda bem limpo. Ha certas cozinhas e certas cozinheiras que se a gente as vize ao trabalho, não teria coragem de comer...

Sempre varrido, esfregado, luzidio deve ser tudo diariamente. Porisso, é que se aconselha e até mesmo a hygiene municipal obriga o soalho e ás paredes de azulejo, as pias de marmore, etc.

Quem houver de comprar baterias de cozinha ou reformar algumas peças, deve preferir a louça de aluminio. E' mais cara mas dura mais, economisa calor e é mais limpa.

Uma boa dona de casa deve zelar particularmente pela sua cozinha que é o laboratório da familia, para que haja o maior asseio, a maior commodidade, o preciso conforto. Lembre-se também que a economia é uma das mais imperiosas virtudes e veja se pôde poupar na lenha, no carvão, no gaz, na luz, nos mantimentos etc, etc. O que não deve poupar é no sabão e na lixívia para manter a mais escrupulosa limpeza.



lho e satisfaz essa necessidade imperiosa de conforto que as cozinheiras sentem, como toda a gente e torna-se um meio de as prender ao serviço, e aficçando-as ao lar onde prestam os seus serviços. Ainda uma vez, esta questão das creadas complica-se mais e mais e hoje, a não haver muita paciência, muito tacto, muita condescendência, uma dona de casa andará constantemente mudando de pessoal, o que é um grande aborrecimento para todos e um principio de desordem.

Procure-se, pois, melhorar a situação material da cozinheira e para isso tanto basta introduzir na cozinha um pequeno numero de regras bem praticas e uma installação sufficientemente commoda.

As illustrações que publicamos nesta pagina são assás claras. A primeira representa um armario bem construido, contendo varios utensilios de cozinha. E' de construção muito simples e qualquer carpinteiro é capaz de o fazer. Na parte interna leva uma boa disposição de pregos para collocar os utensilios e telas sempre á mão. Na parte posterior da porta ha umas prateleiras para as peças que se não possam pendurar.

Este armario deve collocar-se o mais perto possível da pia de lavar, afim de evitar os passos inúteis.

Á esquerda vê-se outro armario para diferentes utensilios de louça e a mesma disposição se esclarece melhor no gravura do centro.

Em baixo vê-se como intelligentemente se pôde



IV. “A cozinha moderna” - 1918

Revista Feminina, dez. 1918, n. 55, pp. [79-80].

Em um primeiro momento, o que chama a atenção nesse artigo é a familiaridade com a imagem da primeira página. De fato, é a mesma fotografia utilizada para ilustrar o artigo “Uma cozinha modelo” de janeiro de 1917, mas dessa vez acompanhada por outra importante imagem, na página seguinte, do que aparenta ser o mesmo espaço visto por outro ângulo.

No artigo, a cozinha é apresentada como espaço diretamente ligado à eficiência e à comodidade. Relaciona também esses aspectos à ideia de modernidade, propondo também a criação de um modelo de cozinha:

Uma cozinha deve estar aparelhada de maneira que haja o máximo de eficiência e comodidade para o trabalho, que tem de ser executado nella. Não nos referimos aqui à cozinha modesta das famílias que têm hábitos excessivamente frugais, mas à cozinha moderna, que tem de ser modelar.

Dessa forma, o texto foca invariavelmente nas cozinhas das famílias mais abastadas, que contam com o trabalho dos empregados. Para elas, a cozinha deve estar aparelhada para os “grandes serviços permanentes” e também para situações excepcionais, nas quais “a própria dona de casa vai superintender o serviço”. Essa situação excepcional pode ser entendida, a partir da “crise dos criados” sempre mencionada, como um momento em que a família, acostumada aos empregados domésticos, vê-se sozinha, cabendo à dona de casa não apenas a gerência, mas também a execução dos trabalhos.

O texto dá tamanha importância para a cozinha, por entendê-la como “a parte mais importante do lar”. Isso ajuda a explicar porque esse espaço é objeto de tantas discussões retratadas na *Revista Feminina*. Pela sua importância, deve ser um “lugar higiênico, escrupulosamente asseado, prático até ao exagero, comodo, muito comodo, tanto quanto o permitam as circunstâncias”.

Além disso, destaca-se a influência da cozinha para o comportamento daqueles que a frequentam:

uma cozinha alegre desperta alegria e inspira boa vontade para o esmero do serviço, e, sendo limpa, contribui para criar o verdadeiro apetite, que é o de que o organismo necessita para digerir e assimilar perfeitamente os alimentos.

Novamente, as boas condições espaciais da cozinha têm efeito moralizante, alterando o comportamento da cozinheira e garantindo um bom serviço, na mesma lógica de discurso vista anteriormente. E também tem efeito sobre a saúde dos moradores, não só pelas condições sanitárias, mas também por justificativas nutritivas.

O texto ainda dá foco para a correta localização dos móveis e armazenamento dos suprimentos. Vale ressaltar a opção que se dá pelo mobiliário flexível, como a substituição da mesa destinada ao preparo dos alimentos por um armário com uma “tábua postíça, que se puxa para fora, na ocasião do serviço, fazendo-a entrar depois do serviço executado”.

Junto à mesa, ou tábua auxiliar, deve-se ter uma banqueta alta, que permita à mulher um pequeno descanso enquanto prepara os alimentos, já que “muitas são as horas em que a cozinheira tem de estar em pé”. A banqueta também permite a movimentação entre a mesa e o fogão “comum ou econômico”, que deve estar ao lado. Além desse, também é necessário que haja outro, “elétrico ou de gás”.

A preocupação com a higiene é novamente abordada, assim como nos outros artigos. A localização do “lavandouro” (ou pia) deve ser preferivelmente diante de uma janela, para melhor averiguar a limpeza dos objetos, mas também para renovar o ar “necessário ao olfato de quem trabalha entre os diversos cheiros que erram no ambiente”, tornando a atividade menos desagradável. Quanto à iluminação artificial, é preciso que haja uma lâmpada no centro do ambiente e também outra em cima da pia.

Nas fotografias, observa-se a aplicação de muitos desses princípios, no entanto, na segunda fotografia, é possível ver que uma das regras de higiene do espaço mais citadas não está representada: o piso e paredes ladrilhados.

A cozinha moderna

Uma cozinha deve estar aparelhada de maneira que haja o maximo de eficiencia e commodidade para o trabalho, que tem de ser executado nella. Não nos referimos aqui á cozinha modesta das familias que têm hábitos excessivamente frugaes, mas á cozinha moderna, que tem de ser modelar.

Uma cozinha nestas condições, quer esteja aparelhada para os grandes serviços permanentes, quer a de familia, onde, por vezes, a propria dona da casa vai superintender o serviço, precisa accomodar-se a todas as necessidades, de fórma a, nas occasiões excepcionaes, poder funcionar sem faltas nem lacunas de especie alguma.

Na cozinha, que é, por certo, a parte mais importante do lar, deve-se pôr o maior cuidado, convertendo-a num lugar hygienico, escrupulosamente asseado, pratico até ao exaggero, commodo, muito commodo, tanto quanto permittam as circumstancias. Demais, uma cozinha alegre desperta alegria e inspira boa vontade para o esmero do serviço, e, sendo limpa, contribue para crear o verdadeiro appetite, que é o de que o organismo necessita para digerir e assimilar perfeitamente os alimentos.

Antes de mencionar os detalhes que são precisos para collocar uma cozinha á altura das exigencias que lhe dêo o titulo de modelar, devemos, em primeiro lugar, attentar nas seguintes coisas: na preparação dos alimentos antes de serem levados ao fogo ou ao forno, nos guisados em si proprios, e no modo como tem de servir cada prato. Como é de ver, tudo deve estar, com antecedencia, rigorosamente asseado, esfregado e polido. Só assim é que se comprehende uma cozinha modelo, preparando-a para attender a essas operações tão variadas, com a maior efficacia possivel.

E' mister que haja um lugar apropriado onde se guardem as provisões e uma mesa destinada ao seu preparo. Muitas senhoras, de indole pratica, preferem um armario, cuja parte inferior esteja provida de uma taboa postiga, que se puxa para fóra, na occasião do serviço, fazendo-a entrar, depois do serviço executado. Na parte da taboa para cima guardam-se certas provisões, como: arroz, assucar, pastas, conservas, e na parte de baixo, as batatas, os legumes, as verduras frescas e o azeite. A razão é porque, não só a parte inferior do armario é mais fresca por causa da visinhança do solo, como porque a taboa movel serve para isolar as provisões conforme a sua qualidade. A taboa, pois, substitue vantajosamente a mesa, e, o que mais é, economisa espaço e poupa passos inuteis.

Adopte-se, portanto, como elemento mais pratico, essa mesa auxiliar. O fogão deve estar ao lado. Essa mesa precisa ser recoberta de zinco ou de oleado branco, com bordos mais elevados, em feitto de taboleiro.

Serve isso para evitar que corram para o chão as gorduras e as aguas. Sobre essa mesa é que se executam todos os preparos que vão ser empregados na comida.

Um detalhe que merece attenção é o assento. Uma cadeira commum não serve, por causa do espaldar. O melhor é uma banquetta alta, que permitta á cozinheira estar sentada enquanto prepara as salsas ou descasca as batatas, servindo-lhe tambem para approximal-a do fogão de gaz, segundo os casos. Advirta-se

tambem que muitas são as horas em que a cozinheira tem de estar de pé e esses pequenos descansos são-lhe necessarios.

De resto, além do fogão commum ou economico, é requisito indispensavel que haja outro, electrico ou de gaz, e, entre um e outro, um deposito de agua quente, guardada no deposito, é providencia da cozinheira, que, sem ella, se vê forçada a malbaratar o seu tempo, a aquecer agua, toda vez que precisa.

Nas casas modernas esse mesmo deposito serve para abastecer de agua quente o compartimento de banho.

A installação da pia ou lavadouro é uma das coisas mais importantes da cozinha. A pia deve ser bastante ampla e de ferro esmaltado, servida por duas torneiras, uma quente, outra fria.

O rebordo plano que circunda a pia, onde se empilham os pratos e talheres para lavar, precisa ser levemente inclinado para dentro, para que as aguas enforçadas não escurram para fóra. O lavadouro terá a altura conveniente, porque, muito alto, fatiga terrivelmente os braços de quem trabalha sobre elle, e, muito baixo, obriga a pessoa a estar curvada, o que, como se sabe, compromette os rins.

Outro pormenor que não é para desprezar é o sitio onde se haja de collocar o lavadouro. E' preferivel deante de uma janella, para que recolha maior quantidade de luz afim de ser bem verificada a limpeza dos aparelhos, sem receio ás lacunas de asseio. Mas não é só pela luz mas porque, como o trabalho da limpeza e esfrega é summamente desagradavel para quem quer que se dedique a elle, o ar sempre renovado se faz necessario ao olfato de quem trabalha entre os diversos cheiros que erram no ambiente. Quanto mais perto estiver a pia do armario de pratos ou da prateleira onde se empilham as cassarolas e outros utensilios, melhor, e serão mais poupados os passos inuteis, considerando ainda que esteja na visinhança da despensa.

Os utensilios de outra especie, como escovas, esfregões, esponjas, sabões, tijolos de arear, frascos de desinfectantes, pannos, etc., requerem tambem um lugar apropriado e que esteja ao abrigo do pó. Inutil é acrescentar que a iluminação ha de ser perfeita. Além da lampada electrica no centro, para distribuição geral



A cozinha é um lugar hygienico, escrupulosamente asseado, pratico até ao exaggero, commodo, muito commodo, tanto quanto permittam as circumstancias.

da luz, ponha-se outra sobre a pia. Um refeitoriozinho hygienico, installado na propria cozinha, é um pormenor preciso e utilissimo, quer para a refeição dos creados, quer, em casos excepcionaes, para a propria familia que soffra momentaneamente a falta de creados.

Attentem as nossas leitoras, que se deram ao trabalho de ler estas considerações, nas gravuras que illustam as nossas paginas. Por ellas poderão orientar-se as donas de casa.

Dito isto, façamos algumas considerações geraes sobre a arte da cozinha. A preparação dos alimentos comprehende a escolha d'esses alimentos, e o modo de os preparar, segundo a sua natureza, antes de os pôr a cozer. A coacção significa ao mesmo tempo o modo de os cozer, e o gráo d'esse cozimento. Consiste nelle o verdadeiro segredo da cozinha. Ha quatro modos diferentes de submetter á cocção os alimentos: ferver-os em agua; cu-

ma panella caldo já feito, e lhe juntarem a carne, esta perderá menos substancias, porque a agua, ao passo que se concentra com as substancias que dissolve, perde a sua propriedade dissolvente. Obtem-se o mesmo resultado deitando na panella muita carne e pouca agua.

Na decocção, as carnes brancas perdem mais a substancia do que as outras. Fazendo-as cozer em muita agua, sem lhes juntar outra carne qualquer, a parte fibrosa é a unica que se não conserva insipida. Se, pelo contrario, se fizer cozer uma ave com muita carne e pouca agua, e haja o cuidado de a tirar quando começa a delir, conserva quasi toda a sua substancia, e torna-se um alimento saboroso.

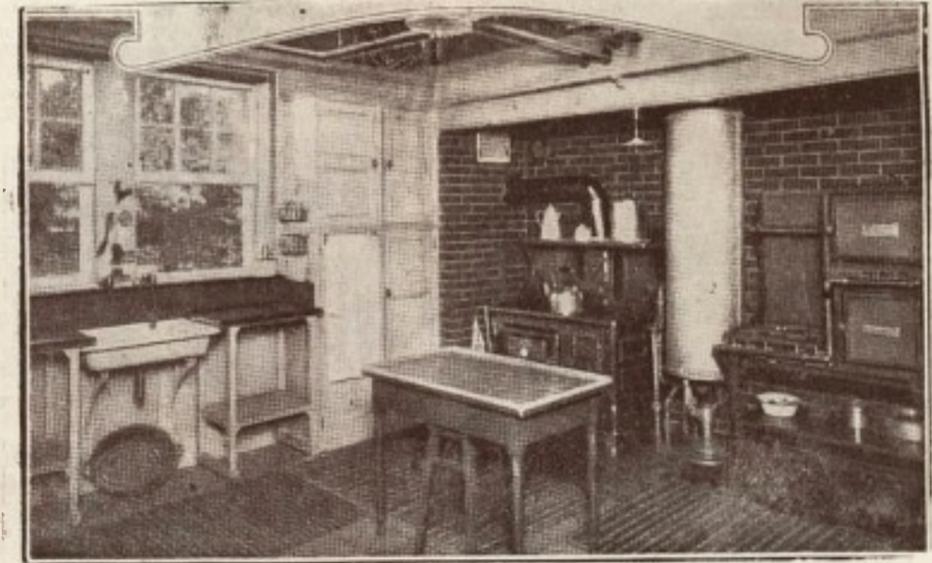
Vejam agora, para terminar, como se estufam as carnes, as aves, etc.

Colloca-se a carne em uma cassarola proporcionada ao seu tamanho, guarnece-se o fundo com pranchas de toucinho e tiras de vitella, ou de outra qualquer carne, e tempera-se. Podem juntar-se legumes, taes como, cebollinhas, cenouras, cogumellos, e um ramo de cheiros. Molha-se tudo, com um pouco de caldo, ou com metade caldo e metade vinho, ou mesmo com vinho só. Póde, igualmente, não se lhe juntar nem vinho nem caldo, mas nesse caso é necessario guarnecer a cassarola com pranchas de toucinho, e cozer a fogo lento. Será bom barrar com massa a tampa da cassarola, para evitar a evaporação mas nesse caso, como se não póde voltar a carne, deve usar-se de uma cassarola cuja tampa possa comportar brazas ou cinzas quentes. Por este meio a carne recebe a impressão do calor de todos os lados.

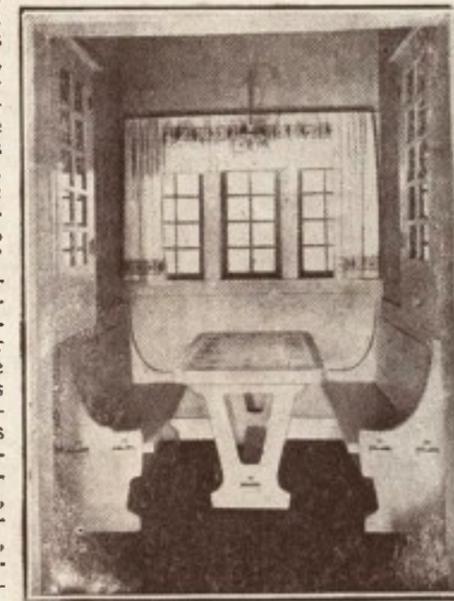
peixes e legumes pelo decocção na agua, mas é fóra de duvida que os alimentos cozidos em agua simples, apesar de mollificados pela decocção prolongada, são menos tonicos, menos appetitosos, do que se fossem fritos, grialhados, ou assados. A carne cozida, sobretudo, é a menos nutritiva por isso que foi submettida,

por maior tempo, á ebulição, que adespoja infalivelmente das suas partes aromaticas e nutritivas.

Diz, porém, um habil pratico, que é possivel cozer uma carne qualquer, por decocção, sem lhe roubar a sua substancia. Se, por exemplo, em vez de agua, deitarem n'u-



A cozinha moeda



Refeitorio hygienico dentro da propria cozinha

V. “Os deveres de uma dona de casa” - 1923

Revista Feminina, jan. 1923, n. 104, pp. [16-17].

A imagem que encabeça esse artigo é uma das mais representativas da cozinha e suas dinâmicas nesse período. Nela, podemos identificar conceitos relacionados à organização do espaço e do trabalho, à higiene e, principalmente, à relação entre as duas personagens femininas importantes ao trabalho doméstico: a dona de casa e a empregada.

Em primeiro plano, vemos duas mulheres. A da direita prepara uma receita, enquanto a da esquerda lê um livro e dá instruções. Em uma análise mais pautada na cultura material, pode-se entender as representações dos papéis dessas mulheres por meio dos objetos relacionados a cada uma. Para a mulher da direita, a panela e o avental amarrado à cintura. Para a mulher da esquerda, o livro e o avental abotoado, como de uma cientista. Enquanto a da esquerda ordena, a da direita prepara. A hierarquia de papéis está bem clara: a primeira é a dona de casa e a segunda, a empregada doméstica.

No segundo plano da imagem, temos um fogão a lenha ou carvão, o que se identifica pela sua chaminé. Sua posição e a presença de uma bancada de alvenaria alinhada e na mesma altura, dá a entender que existe alguma disposição linear na conformação do espaço. Ao fundo, a parede azulejada exhibe a preocupação com a higiene do ambiente, como já foi visto.

Acima de todo esse cenário, como que emoldurando o espaço, dois principais elementos se fazem notar. O primeiro, uma série de recipientes de mesmo formato e tamanhos diferentes, são organizados linearmente em ordem decrescente, tornando a identificação de seus conteúdos mais fácil e intuitiva. Finalmente, o último elemento a ser citado, e talvez o mais importante pela sua aparição pela primeira vez e posição de destaque, é o relógio. Com o formato semelhante ao de um cronômetro ou despertador, esse elemento é essencial para se discutir a presença e aplicação de

princípios tayloristas no lar. Isso porque o controle do tempo por meio da introdução do cronômetro para monitoramento do trabalho fabril foi uma das propostas de Taylor (RAGO; MOREIRA, 1984, p. 21).

Apesar da interessante imagem que abre o artigo, o texto não traz nenhuma informação relevante à respeito da organização física da cozinha ou da diminuição de esforços no trabalho doméstico. O que existe é a delimitação das tarefas da dona de casa (em um lar que conta com empregados), que se constituem, basicamente, pela inspeção dos alimentos quanto à sua qualidade e adequação às normas de higiene.

Por fim, vale analisar também a narrativa visual que se encerra com a última figura. Nela, vemos a dona de casa em posição de destaque à mesa, cercada de convidados admirados com os pratos servidos. A relação que se estabelece da primeira imagem para essa é interessante: a dona de casa, “rainha do lar”, aquela que dirige os serviços domésticos, ao fim da narrativa, é admirada pelo resultado obtido que, apesar de oriundo do trabalho físico da empregada doméstica, é atribuído a sua boa gerência.



Os deveres de uma dona de casa

Innumeras são as obrigações de uma dona de casa. A tudo tem que attender e providenciar desde a porta da rua ao quintal. Pela manhã, não raro vemos senhoras que na rua e nas visitas se primam pela elegancia, atarefadas, envoltas ainda nos chambres ou roupões de somno, dando ordens e auxiliando os creados nos arranjos. E' um grande mal, esse habito de muitas das nossas patricias deixarem os dormitorios e vestirem-se ligeiramente para cuidar da casa. Antes devem se dirigir ao quarto de vestir e fazer a toilette, com cuidado, pois, além de se mostrar aos seus serviços de uma maneira mais distincta, ainda está ao abrigo de uma surpresa pelo apparecimento de qualquer pessoa.

Conhecemos senhoras que levam esse assumpto muito a serio e não podemos deixar de louval-as, pois, tambem dão aos filhos uma bellissima lição de moral e ainda mais ensinam aos mesmos o cumprimento das suas obrigações, cada uma por sua vez.

As obrigações de uma boa dona de casa não se restringem somente á fiscalisação dos serviços e sim tambem á inspecção e verificação das compras feitas, entregues na porta pelos fornecedores ou trazidas pelos empregados. Além da verificação do peso ou medida, ainda deve uma senhora saber de que maneira ella pode ver se os generos comprados são de qualidade superior ou se estão estragados.

E' de uma importância capital esse ponto, pois as estatísticas publicadas pela Demographia Sanitaria dão uma cifra assombrosa para os obitos provenientes do aparelho digestivo. E, não se pode dizer que haja exagero, pois, ainda aquella repartição é uma das unicas que escapou á anarchia reinante e os dados por ella fornecidos á imprensa são rigorosamente certos... e significativos.

A escolha dos generos, com os quaes vamos preparar a nossa alimentação, merece das donas de casa a maxima attenção possível.

São muito communs as molestias do aparelho digestivo provocadas pelo azeite, leite e manteiga e não raro vemos constantemente queixas e reclamações pelos jornaes contra a ganancia de muitos negociantes sem escrupulo, porém, vamos dar nestas paginas alguns processos pelos quaes pode uma dona de casa se precaver:

Segundo o testemunho do sabio

clinico M. Payen o meio mais simples e muitas vezes o melhor, consiste na apreciação attenta e comparada, sendo possível, de uma boa qualidade de azeite puro com o cheiro e sabor do azeite suspeitado.

Um outro meio consiste em submitter o azeite (principalmente misturado com o azeite de cravo) ao resfriamento por effeito do gelo; e com effeito, o azeite de oliveira puro, torna-se esbranquiçado, opaco, consistente em uma temperatura de 6 a 8 graus acima de zero, enquanto que o azeite de cravo não se congela, tomando um aspecto e consistencia semelhantes só em uma temperatura mais baixa de 15 a 20 graus.

A mistura dos dois azeites, segundo as diversas proporções, congelam-se em temperaturas intermediarias que podem fornecer indicios. Comtudo, o certo é que quando nessa mistura é pequena a proporção do azeite de cravo, ninguém se pode fiar nesse exame.

Distingue-se a existencia do azeite de genjuba, pelo sabor a feijões que deixa na bocca, pela limpidez que conserva nas camadas superiores do liquido, enquanto que um deposito granuloso se forma logo que a temperatura desce a 6 graus acima de zero. Nas mesmas circunstancias, o azeite puro de oliveira se transformaria em uma massa esbranquiçada e opaca.

O leite dos animaes considerado de um modo geral, segundo as opiniões unanimes dos clinicos e dos medicos, constitue evidentemente um alimento completo, por isso que, durante um espaço de tempo mais ou menos consideravel, que em certas circunstancias se prolonga além de um anno, esse liquido alimenticio basta para a alimentação exclusiva das creanças, ou de um animal novo. A experiencia, porém, tem demonstrado que a composição e as qualidades dos differentes leites são muito variaveis, segundo as especies dos animaes que os fornecem, mesmo seguindo o regimen alimenticio a que esses animaes estão submettidos.

O leite de ovelha é o mais rico de todos em materias nutritivas e gordas, (manteiga); o leite de cabra segue-se logo; e o leite de vacca occupa unicamente o terceiro logar. Comtudo, o consumo deste ultimo é o mais consideravel e mais procurado.

Finalmente para que o leite seja



alimenticio e salubre é preciso que não o alterem com o contacto do ar e das vasilhas em que é deitado, nem falsificado com agua e outras substancias estranhas.

Para tranquillisar completamente o publico sobre a natureza e os inconvenientes de certas falsificações praticadas, segundo dizem, no commercio do leite, basta appellar para o proprio testemunho de M. Payen.

Pretendeu-se e publicou-se que se fabrica, com a mira de lucros exaggerados, liquidos que só tem de leite a apparencia com o auxilio de certas emulsões oleosas ou amylaceas, ou mesmo deitando na agua miollos de animaes mortos de doenças. Comtudo as numerosas investigações dos membros do Conselho de Hygiene publica e de salubridade no departamento do Sena e as experiencias mais recentes feitas em Londres, onde se haviam corrido os mesmos boatos, não justificaram semelhantes receios. Em França assim como no Brasil as fraudes do leite limitam-se geralmente ás praticas seguintes: O uso mais vulgar é tirar a nata ao leite da vespera para a vender separadamente por maior preço; ás vezes mistura-se o leite já sem nata com o que acaba de ser mugido e á mistura junta-se metade do seu volume de agua e ás vezes mais. Succede muitas vezes tambem que para dissimular a cor azulada que dá a addição da agua e a ausencia de uma parte de nata, juntam-lhe uma materia colorante, extracto de chicorea, caramello ou tintura de petalas de malmequeres.

Experimentou-se além disso falsificar o leite vendido em Paris ajuntando-lhe não agua simples, mas uma solução um pouco mucilaginoso da sua fervura na agua e passada pela peneira.

O leite de boa qualidade deve ferver sem mudar de aspecto, accrescenta M. Payen; evaporando-se produz pelliculas que se formam de novo á medida que se tiram; chama-se frangipana aquella especie de leite solidificado, que é menos consideravel no leite falsificado com agua. O processo mais facil e exacto consiste em usar-se um instrumento chamado cremometro ou lactometro. Este instrumento baseia-se no principio reconhecido que o leite é melhor quanto mais consideravel é nelle a proporção de nata ou materia gorda.

Toda gente conhece perfeitamente a manteiga fresca. isto é, a manteiga natural que não offerece ao paladar, grovando-a, o sabor rançoso que adquire rapidamente, quando é exposta ao ar, sobretudo no verão.

A alteração da manteiga por vetustez reconhece-se pelo gosto e pelo cheiro, mas ha uma alteração perigosa devida á presença do cobre; reconhece-se por meio do cyanureto amarello que faz tomar a manteiga uma cor carmezim. A manteiga falsificada com giz reconhece-se pela effervescencia que apresenta com o contacto dos acidos (o vinagre, por exemplo). E' tambem facil separar o giz pela fusão da manteiga, pois, o giz precipita-se no fundo da vasilha como o faria qualquer outra substancia extranha mais pesada que a manteiga.

A fécula e a polpa da batata, as batatas cozidas, a farinha de trigo e o leite cozido ao fogo, conhecem-se fazendo derreter a manteiga em banho maria com 10 vezes o seu peso d'agua; todas essas materias se precipitarão no fundo da vasilha e se reunirão sob a acção do calor em uma massa grumulosa. A mistura da manteiga com o sebo de vitella reconhece-se pelo cheiro da mesma e elevação de sua fusão que sóbe de 65 a 70 graus. O carbonato de chumbo, que é nocivo, é facil de reconhecer pela simples fusão da manteiga. Precipita-se no fundo da vasilha e será facilmente descoberto pelos reativos ordinarios. A manteiga de qualidade inferior é muitas vezes coberta de uma camada de manteiga superior. Concebe-se o meio facil de reconhecer essa fraude, por meio de uma sonda que se faz penetrar no interior della.

Pelo que respeita a sua coloração artificial não offerece senão o conveniente de enganar o consumidor sobre a qualidade do producto; toleram-n'a em consequencia das qualidades innocentes das materias colorantes de que se se servem, taes como o açafraão, as bagas de espargos, as flores de malmequeres, o succo de cenouras, etc. etc."

Todas as manhans, deve a boa dona de casa, ler os jornaes e procurar quaes foram os negociantes multados pelo serviço de fiscalisação da Hygiene Publica e nunca adquirir qualquer mercadoria em um estabelecimento cujo proprietario foi multado, pois esse homem que expõe generos deteriorados ou falsificados a venda é capaz de tudo, até de substituil-os por drogas venenosas para não deixar de vender.



VI. “Como organizar a minha casa: a cozinha ideal” - 1924

Revista Feminina, set. 1924, n. 124, p. 4.

O artigo traz alguns pontos em comum que já foram vistos anteriormente. Dessa vez, a ideia de “cozinha modelo” ou “cozinha moderna” aparece aqui como “cozinha ideal”, mas os princípios gerais que a conformam são os mesmos: “Limpa, clara e alegre, são os tres principaes requisitos de uma boa cozinha”.

Quanto à limpeza, entende-se que “as paredes de uma cozinha devem ser de azulejo, marmore ou cimento, conforme a posse de cada um, da base até a dois metros de altura e dahi para cima, oleo de côr clara”. As cores escuras são rejeitadas porque se configuram como “o attestado mais eloquente de falta de asseio”.

A respeito das disposições internas da cozinha, o texto explicita a necessidade de janelas de abrir e portas de vidro, ambas amplas para garantir “uma facil circulação e renovação constante do ar”. Essas não devem estar em paredes opostas, para não criar correntes de ar internas que possam deixar a cozinheira doente. É indicado que ela fique na parede oposta ao fogão, equipamento que, assim como a pia, é indispensável para pensar a organização interna da cozinha.

O interessante de todas essas instruções é que a *Revista Feminina* está considerando uma casa em construção, logo, que poderia ter suas instalações pensadas juntamente com a dona de casa. Sobre isso, a Revista defende que os maridos tenham “um pouco de bom senso em pedir os conselhos das suas companheiras quando se trata de prover os diversos aposentos da casa em construção”. Mas, na falta de consulta à mulher, esta deve pensar a disposição do fogão e pia de forma que o primeiro fique a direita da entrada e a pia à esquerda.

Interessante é notar também que a figura que ilustra essa página não segue a maioria das instruções escritas. Por exemplo, a altura dos azulejos está bem abaixo dos dois metros indicados. As paredes restantes parecem escurecidas, ao que a Revista responde: “Perdão, as paredes são brancas, porem devido a impressão ellas

apresentam essa côr”. Também, apesar de toda a discussão a respeito da posição entre janela e portas, não há clareza em relação à localização da janela na figura. A Revista explica que “Em vista do tamanho da pagina, de onde tiramos a gravura que illustra essa secção, não nos foi possível apanhar a janella, mas podemos dizer que ella está quasi que por cima da mesa”. Por fim, a posição relativa entre fogão e pia também não corresponde à sugerida, uma vez que ambos estão alinhados ao mesmo lado em relação à entrada.

De qualquer forma, a figura ilustra bem os princípios mais importantes da organização da cozinha, racionalização do trabalho e higiene do espaço. O piso ladrilhado aparece novamente, facilitando a limpeza. Os objetos pendurados e organizados por tamanho e função indicam uma organização funcional, assim como a presença de diversos recipientes enfileirados, organizados e identificados de acordo com seu conteúdo.

Como organizar a minha casa

A COZINHA IDEAL

Limpa, clara e alegre, são os tres principaes requisitos de uma boa cozinha. Tendo essas tres qualidades, naturalmente terá todas as demais, pois a limpeza, como é seu requisito principal, se entende que as paredes de uma cozinha devem ser de azulejo, mármore ou cimento, conforme a posse de cada um, da base até a dois metros de altura e dali para cima, oleo de cor clara. E' um mau habito se pintar um apartamento de cores escuras, pois alem de torná-lo sombrio, ainda faz com que seja mais difficil a hygiene.

Tem muito espirito e excellente cunho de verdade a affirmação de uma certa dona de casa, quando diz que uma cozinha pintada de escuro é o attestado mais eloquente de falta de asseio.

As cores claras tem a desvantagem de atrahir as aranhas, porém é só; quando, o marrom, o cinzento, o pardo e o roxo terra são um chamariseo para baratas, mosquitos e todos os insectos da minúsculos. E depois ainda se torna difficil a limpeza, pois não se pode precisar com segurança quando a parede está suja. Mas essa limpeza pode ser feita todos os dias, dirão. E' hom

verdade que pode ser feita todos os dias, mas deve-se fazer pelo menos uma vez por dia, de manhã, em se tratando de paredes claras e agora se tratando de uma que seja pintada de roxo-terra por exemplo, quantas vezes teremos de limpá-la, desde que não se pode precisar qual o local onde o sabão ou a lixívia é mais necessario, pois ella se confunde com a imundície?

Objectarão, quem sabe, que as paredes da cozinha, cujo cliché nos dá um exemplo, são cinzentas? Perdão, as paredes são brancas, porem devido a impressão ellas apresentam essa cor.

Clara, é o segundo requisito de uma boa cozinha. Entende-se evidentemente que se trata de janellas e portas, que devem ser amplas, sendo preferivel que estas sejam de vidro e aquellas de abrir e nunca de systema guilhotina, que alem de deselegantes e

mesmo desgraciosas, impedem uma facil circulação e renovação constante do ar.

Dissemos porta com folhas de vidro, sim, porque geralmente as cozinhas só tem uma janella e esta quasi que sempre em frente á porta, isto é, em posição opposta, o que é um mal e muito grande, pois expõe a cozinheira a apanhar uma pneumonia ou viver eternamente constipada, pois o vento se encana da janella para a porta, ou desta para aquella, obrgando então a pessoa estar sempre com uma ou outra fechada.

As janellas devem ser dispostas lateralmente, quasi que no fundo da parede em frente ao fogão. Em vista

do tamanho da pagina, de onde

tiramos a gravura que il-

lustra esta secção, não nos

foi possivel apanhar a

janella, mas podemos

dizer que ella está

quasi que por cima

da mesa,

por sua vez

collocada

sob a ba-

teria de

cozinha.

Alegre

é o ter-

ceiro re-

quisito

tão ind-

ispensavel

quanto

os ou-

ros. En-

tende-se

por ale-

gría em

uma co-

zinhá

uma sa-

lba e har-

moniosa

disposi-

ção das

peças que

compõem

esse aparta-

mento

indispensavel

de

uma casa.

Muitas senhoras se

preocupam tão somen-

te quanto á d'sposição do

fogão, se descuidando de de-

terminar o lugar que deve oc-

cupar a pia para lavagens. Referimo-nos ao facto

de se mandar fazer uma casa para moradia e quando os maridos tem um pouco de bom senso em pedir os conselhos das suas companheiras quando se trata de prover os diversos aposentos da casa em construção. Mas, é preciso que a dona de casa, mesmo quando não seja consultada pelo esposo, determine a posição que deve ocupar o fogão e a pia. Aquelle sempre á direita de quem entra e este sempre á esquerda, um pouco em diagonal.

E' mui pratico o uso das prateleiras de mármore ou de cimento armado, collocadas, uma na parte superior, á direita do fogão, na altura de 1 metro e 80 do solo e outra na parede opposta, com a mesma altura, porem mais comprida.



VII. "Uma cosinha bem montada" - 1925

Revista Feminina, mar. 1925, n. 130, p. [70-72].

O último artigo a ser estudado é muito bem ilustrado e traz informações importantes. Ele inicia analisando as grandes transformações que ocorreram no ambiente doméstico, especialmente na cozinha. Para isso, detalha como se conformava de cinquenta anos antes:

No fundo de uma casinha, composta de algumas dependencias sufficientemente espaçosas e agradaveis á moradia, esconde-se a cozinha, qual [sic] uma parente pobre, acolhida por caridade, mas dissimulada aos olhos dos visitantes. Medindo apenas dois ou tres metros quadrados, ella vê a metade do seu tamanho occupada por um grande fogão que desprende calor consideravel.

Na nova cozinha, os melhoramentos trouxeram "um pouco mais de conforto e de facilidade" e beneficiaram o "esforço dispendido":

Dotou-a de melhoramentos e de enfeites o bom gosto dos nossos constructores. É uma dependência espaçosa, banhada pelos raios de sol. Paredes, tectos, moveis e prateiras, tudo é branco, de um branco leitosa que lhe dá um aspecto de limpeza e de alegria.

A partir desse ponto, o texto retoma outros aspectos já vistos anteriormente, como a parede ladrilhada até a altura de 2 metros, assim como chão. Há a presença de dois fogões: "um grande fogão de lenha, junto a um outro, menos, servido a gaz". Um fogareiro elétrico também está presente, para o preparo de refeições rápidas. Assim, o texto segue com descrições detalhadas de toda a disposição da cozinha, salientando os aspectos funcionais e higiênicos.

Analisando a primeira imagem, vemos que esta corresponde à descrição do texto. A cozinha espaçosa tem o chão e as paredes ladrilhados, o que garante a limpeza fácil. Veem-se, também, dois fogões em disposição linear ao lado de uma pia.

Ao fundo, diversos suportes para se pendurar panelas e outros utensílios. Sua organização por tipo e tamanho facilita a visualização e escolha do mais adequado.

Acima deles, as prateleiras recebem diversos recipientes de tipos variados, seguindo a mesma lógica já apresentada de identificação do conteúdo pela embalagem, seja pelo seu tamanho ou formato. À direita, em uma prateleira exclusiva para seu uso, está o relógio. Além de sua importância para “o horário e a exatidão das refeições”, seu lugar de destaque sugere mais uma vez que os métodos de controle do tempo para otimização do trabalho, já influenciavam o ambiente doméstico.

Na segunda página, as imagens detalham a utilização desse espaço. O armário conta com muitas gavetas e nichos de diversos tamanhos, para acomodar os “mil ‘bibelots’ necessários á vida quotidiana”. Outro destaque se dá para pia, que possui um suporte acima para colocação da louça molhada. Existe ainda “preso á parede, um filtro de vidro” que “recebe diretamente, por meio de um cano, a água da torneira, livre assim de uma boa porção de microbios e impurezas”.

No entanto, o texto ressalta que a respeito dos melhoramentos na cozinha, “estamos ainda muito longe dos paizes estrangeiros, onde os laboratórios culinários funcionam com uma perfeição quasi ideal”. Isso leva a crer que o modelo apresentado aqui foi extraído de uma fonte estrangeira, sendo publicado na *Revista* como ideal a ser buscado.

Por fim, o artigo vê um futuro promissor com a chamada “cozinha electrica”, mas “muito ainda temos que realizar, nesse sentido, antes de conhecer o conforto simples e pratico” dessas cozinhas. Para a *Revista Feminina*, “quando for resolvido o meio de os installarmos [os pequenos fogareiros electricos] em nossas casas, tudo se tornará, em matéria de cozinha, muito mais simples e fácil”.

ISTA FEMININA



Uma cosinha bem montada

Entre os melhoramentos que nestes últimos cincoenta annos vieram trazer á nossa vida um pouco mais de conforto e de facilidade, a cozinha sobretudo parece ter, em grandes proporções, beneficiado o esforço dispendido.

Infelizmente, a esse respeito estamos ainda muito longe dos paizes estrangeiros, onde os laboratórios culinarios funcionam com uma perfeição quasi ideal.

No fundo de uma casinha, composta de algumas dependencias sufficientemente espaçosas e agradaveis á moradia, esconde-se a cozinha, gual uma parente pobre, acolhida por caridade, mas dissimulada aos olhos dos visitantes.

Medindo apenas dois ou tres metros quadrados, ella vê a metade do seu tamanho occupada por um grande fogão que desprende calor consideravel.

Depois do desapparecimento dos ultimos vestígios das velhas cozinhas, entrámos finalmente no templo moderno da “gourmandise”.

Agora dotou-a de melhoramentos e de enfeites o bom gosto dos nossos constructores. É uma dependencia espaçosa, banhada pelos raios de sol. Paredes, tectos, moveis e prateleiras, tudo é branco, de um branco leitoso que lhe dá um aspecto de limpeza e de alegria.

Até uma altura de dois metros, a parede é coberta, assim como o chão, de ladrilhos igualmente brancos, rodeados, todavia, por um lindo friso vermelho cereja. Mais acima, junto ao tecto, corre á volta uma fileira de fructas: os

fomates e as cerejas abi misturam suas côres vivas ao ouro das laranjas e dos melões.

A um canto, um grande fogão de lenha, junto a um outro, menor, servido a gaz, necessarios ambos aos requisitos da cozinha moderna. A' direita, um fogareiro electrico serve para o preparo rapido, em panellas apropriadas, de lauches e das refeições ligeiras.

O forno ou, melhor, a assadeira, é reconhecidamente indispensavel ao preparo dos pratos de maior accitação entre os “gourmets”. Independente do fogão, sua tampa negra se encaixa, um pouco alto, na parede branca. Um systema de ventilação interior vem beneficiar-a, afastando de dentro della a fumaça e os maus odores.

Os moveis de faia branca, de uma simplicidade absoluta, ornamentam-se apenas de modestas molduras. Para o alto, um ligeiro friso, reproduzindo “au pochoir” os fructos amarelos e vermelhos, dão-lhe um ar de parentesco com os moveis dinamarquezes ou noruegueses.

Ao longo das paredes, um engenhoso dispositivo de nickel recebe as bellas baterias de cobre ou de aluminio. Ahí se dependuram as caçarolas com suas tampas, a “sauteuse”, os pratos ovaes de cobre nas extremidades, dois tachos e duas frigideiras. Mais modesta, uma segunda fileira é occupada pelas differentes colheres e espumadeiras, algumas panellas e pratos de aluminio.

Numa prateleira, acima do dispositivo nickelado, estão alinhadas as vasilhas de tempe-

ros, etc. Pequenas e grandes, trazem suas inscrições em letras modernas e são enfeitadas na base por desenhos floridos de uma só cor. Ao centro da prateleira, massivos e quadrados estão os potes destinados ao sal e à pimenta do reino. Mais ao fundo, juntam-se o moinho de café, o passador de carne, e os bules e cafeteiras de "faience" clara.

Brilhante de mil fogos, o tacho para doces toma lugar com sua esmaltadeira na prateleira superior, a ultima, ao lado da chaleira e do caldeirão. Também ali estão outros utensílios, como sejam a "turbotière" de ferro batido, para peixe, o condor em esmalte branco, etc.

É em frente, junto ao fogão, que nós encontramos os utensílios menos decorativos e cuja necessidade se impõe.

Ao lado das formas e da marmita a vapor destinada a cozinhar as batatas estão collocados o passador de folha, a bacia onde se lavam os



legumes, as peneiras, frascos de azeite e vinagre.

Do lado esquerdo da cozinha, em frente à janella, eis alinhadas as fôrmas para bolos e sorvetes, na maioria feitas de Flandres.

A vasilha para ferver o leite e o balde de alumínio para gelo completam esta prateleira.

No interior do armário prateado, guardam-se ainda os utensílios nickelados de tamanho reduzido. As minúsculas panellas para fritar ovos, os pilões, os rolos, o "preuc-purée", o ra-

lador de queijo, etc.

Na grade, collocada acima da pia, acha-se a pequena bacia de mão. E sobre a prateleira, mais no alto, duas bacias maiores onde se lavam os pratos e os talheres. Um lado livre permite ainda receber a sorveteira um pouco incommoda, ao passo que, dissimulada sob esta mesma pia, a caixa de verduras não tenha sido esquecida.



Peso á parede, um filtro de vidro recebe de estamento, por meio de um cano, a agua da torneira, livre assim de uma boa porção de microbios e impurezas.

Em frente á pia, o caixilho é occupado por uma taboa de cozinha que sustenta um facão ou um pequeno machado.

Nas gavetas e nos armarios, advinham-se o mil "bibelots" necessarios á vida quotidiana... Nesse mesmo movel, rodeada por seus pesos, brilha a imponente balança de pratos de cobre.

No centro do tecto, descendo por um fio e terminada por uma tulipa, a lampada electrica illumina o ambiente.

Eis enfim, em face ás cortinas de quadros vermelhos e brancos, o relógio cuja ausencia muito compromette o horario e a exactidão das refeições.

Sem duvida, muito ainda temos que realizar, nesse sentido, antes de conhecer o con-

forto simples e pratico que nasceará amanhã com o uso da cozinha electrica. Certo, os pequenos fogareiros electricos, de applicações diversas, já não são nos dias de hoje apenas uma chimera. Mas, afóra um pequeno numero de hotéis, mantidos a peso de ouro, elles se encontram em regra geral nos hospitais modelos ou nos grandes estabelecimentos.

A última feira de Paris expoz, reduzidos e accessíveis, alguns engenhosos specimens desses minúsculos fogões. Quando for resolvido o meio de os installarmos em nossas casas, tudo se tornará, em materia de cozinha, muito mais simples e facil. E acabará de vez a crise das cozinheiras, pois, dispondo de fogareiros electricos, as modernas donas de casas envergarão os aventaes de "mestre Cook", sem a minima indecisão...

As crianças e o cinema

A Liga Patriótica de Buenos Aires, havendo recebido denuncia de que muitas casas de espectáculos cinematographicos daquela capital, as quaes não possuem os necessarios requisitos hygienicos de salubridade, no tocante á ventilação e arejamento das salas, recebiam crianças a quem offereciam films improprios ao ensinamento moral da infancia, abriu, recentemente, um inquerito, para averiguar da procedencia dessas denuncias.

O inquerito provou a verdade das affirmativas e aquella Liga acaba de remetterlo á Intendencia da mesma cidade, acompanhado de um officio em que mostra que, em virtude de não existir uma regulamentação especial concernente á materia, podem essas casas de diversão se apresentar nas condições alludidas, com grave e permanente perigo para a saúde physica e moral da criança.

E ao mesmo tempo que a Liga Patriótica pede providencias, pleiteia o augmento dos jardins, parques de recreio e outros logradouros publicos da capital, afim de que a peizada tenha, á tarde, onde passar algumas hors de distracção, ao ar livre e ao sol, esquecidas das infectas salas cinematographicas.

Eis ahí uma lembrança opportunissima, que está a calbar para nós.

Quer-nos parecer que já seria hora de cuidar seriamente desse urgente problema, de que depende o futuro caracter de nossos filhos.

Seria inutil querer negar que o cinema faz hoje parte das nossas occupações habituaes e a sua acção se tem exercido de tal maneira absorbente que não ha exaggero em se affirmar ser elle um factor educativo tão importante, ou talvez mais que a propria escola.

Entretanto, esse factor, á falta de orientação conveniente, só se tem desenvolvido no mau sentido, apresentando resultados deletorios.

A experiencia ensina, por conclusões insophismaveis, que o augmento da criminalidade infantil tem no cinematographo um poderoso incentivo e um aliado formidavel.

E tudo por causa dessa excessiva, dessa quasi criminoso liberdade que se ha consentido na frequencia de menores a essas casas de diversão.

Ainda é tempo, contudo, de emendar a mão.

Se o cinema é um factor educativo de primeira ordem e se os seus resultados não tem sido bons, o que ha a fazer é applicar aquella norma de bom senso que o preceito latino condensava: "oblata causa tollitur questio". Supprimir o contacto entre a criança e os films que ensinam todas aquellas coisas que o código penal condemna, é eliminar a questio.

A Camara Municipal já mostrou, neste anno, o desejo de resolver o problema da disseminação de parques infantis pela cidade, de maneira a dar ás crianças os seus logradouros, e bem poderia, com mais um pouco de esforgo e boa vontade, completar a obra, estatuinto normas e regras para a frequencia da infancia aos cinemas.

É verdade que essa iniciativa caberia, melhormente, ao Congresso do Estado, cujas decisões teriam de ser respeitadas em toda a circumscripção. Mas, enquanto os deputados não se resolvem a nos dar a lei, com a amplitude que se faz mister, parece-nos que só haveria vantagens em restringir essa liberdade de frequencia dos menores pelo menos no municipio da capital.

Os espectáculos destinados á infancia demandam programmas cuja organização precisa ser presidida por dedo pedagogico.

Não é a qualquer empresario, isto é, o primeiro cavalheiro cujas posses lhe permita montar uma empresa, que se deve commetter tarefa de tamanhas consequencias, que pôde, por mal dirigida, inutilisar a obra das escolas, e criar, pelos exemplos vivos que o cinema facultta, uma mocidade viciada e viciosa, em vez de forte e sadia no corpo e no espirito.

E não é propriamente nas crianças que mais nefastos se fazem sentir os efeitos do cinema. É nos puberes, que iniciam a vida dos sentidos, antes de possuir as facultades inhibitorias do raciocínio.

O problema é grave e demanda estudo. Mas esse facto não pôde ser impecilho a que alguma coisa de fecundo se faça nesse sentido.

Nós já até esperamos de mais.



6. Eficiência e racionalidade: outras aplicações

I. Objetos domésticos

O discurso a favor da eficiência e da racionalidade não aparecia apenas vinculado às discussões a respeito da espacialidade do lar. Era também vinculado aos seus objetos – utensílios, equipamentos, maquinário doméstico no geral.

A diferença entre essas aplicações nas páginas da *Revista Feminina* se dá, principalmente, pelo uso do discurso da eficiência como argumentação para venda de desses produtos. O maior momento de aparição de objetos domésticos nas páginas da *Revista Feminina* ocorre por meio dos inúmeros anúncios, que muitas vezes se aproveitam da busca por maior eficiência e economia de tempo e esforços para convencer a consumidora.

Não cabe aqui registrar toda a diversidade de produtos e serviços anunciados nas páginas da *Revista Feminina* ao longo de dez anos, tamanha a variedade. Assim, serão destacados apenas três anúncios: o “Apparelho para sirgir e tecer ‘ANÃO’” (ver imagem p. 76), de 1921, o ferro automático vendido pela Costa, Malta & Cia (ver imagem p. 76), de 1925 e o “ferro de engommar” da Westinghouse (ver imagem p. 77), de 1925. Vale dizer também que, apesar das datas, os anúncios não eram pontuais, sendo replicados por diversos meses e até anos.

No caso do aparelho “Anão”, prevalece é o discurso de praticidade e economia:

O manejo é muito fácil e sempre o mesmo, quer sejam meias, roupas, tecidos, etc. É muito econômico, pois quantas meias ou roupas não se perdem, que com o “Anão” com facilidade e alguns minutos poderiam ser remendadas!

O anúncio do ferro automático foca nos aspectos práticos: é possível deixá-lo ligado à rede elétrica o tempo todo, sem riscos de incêndio. A ilustração busca mostrar as vantagens desse produto, quando comparado a outros convencionais.

Indispensavel para qualquer senhora e dona de casa

é o novo e pratico

Apparelho para sirgir e tecer "ANÃO"



Este aparelho é uma novidade muito pratica. Sirge meias, tecidos, etc., de lã, algodão, linho, seda, etc., fazendo um tecido perfeitissimo, de uma ou mais cores, fino ou grosso.

Dispensa machina de costura; é muito simples, não sendo necessario pratica alguma, conseguindo-se um trabalho limpo e perfeito de todos os remendos que apparecem em casa.

O trabalho é duravel e tem um aspecto como novo. O manejo é muito facil e sempre o mesmo, quer sejam meias, roupas, tecidos, etc. E' muito economico, pois quantas meias ou roupas não se perdem, que com o "Anão" com facilidade e alguns minutos poderiam ser remendados! Com poucos manejos o trabalho é feito de um modo admiravel e perfeito, fazendo com que o trabalho de sirgir seja um prazer. Até meninas de pouca idade poderão fazer remendos no aparelho.

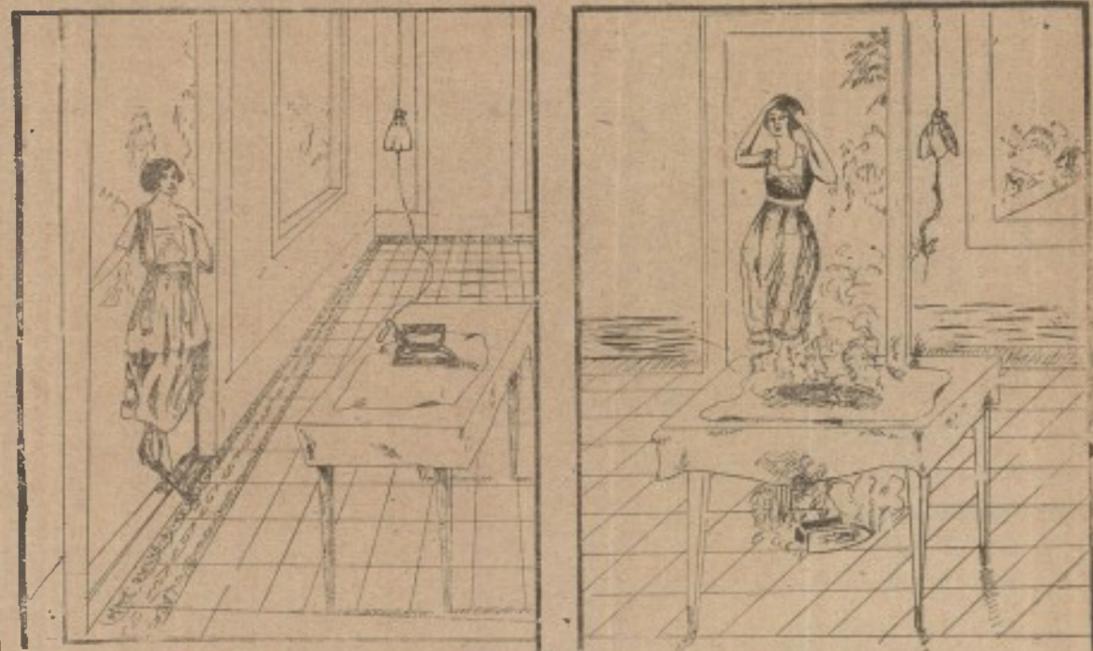
QUEIRA RECOMMENDAR ESTE APARELHO A'S SUAS AMIGAS E CONHECIDAS QUE NATURALMENTE HA DE INTERESSAR-LHES!

Todo o aparelho é fornecido com um trabalho começado e as respectivas instruções

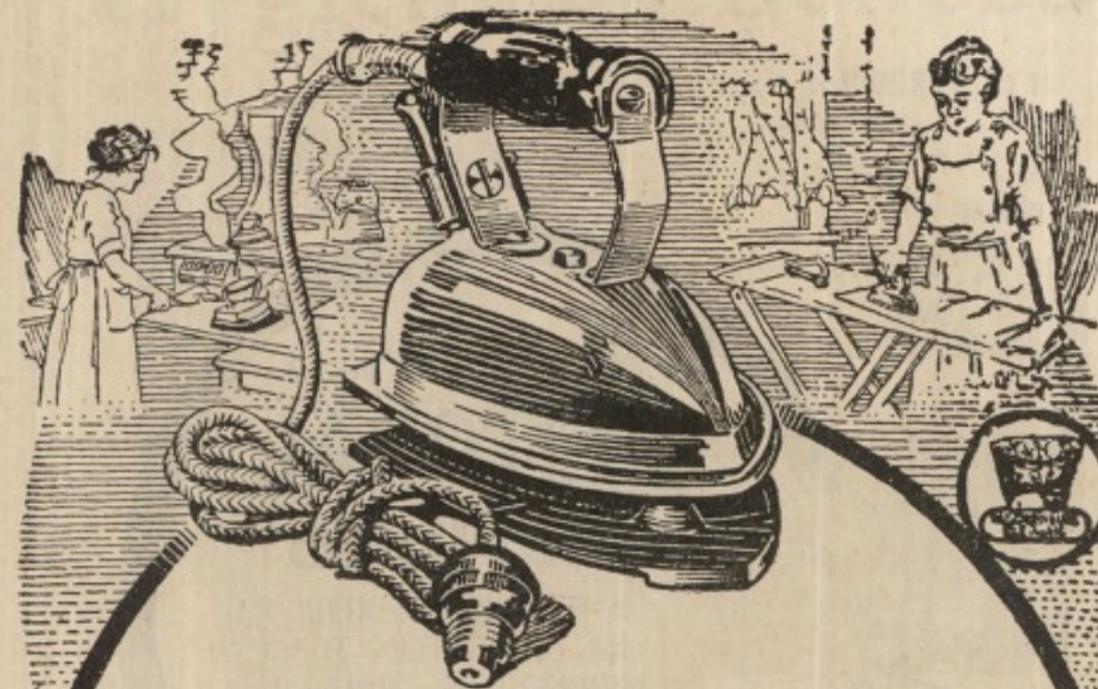
O preço do mesmo com registro do correio é Rs. 5\$500

Pedidos dirija-se á BRUNO GROBEL, Rua Aurora, 3, S. Paulo

FERRO AUTOMATICO — Garantido por um anno



Liga e desliga automaticamente evitando incendio, desperdicio de corrente, não queima a roupa. Póde-se deixar ligado dia e noite. — PREÇO — 60\$000 — COSTA, MALTA & C.^{ia} — R. Boa Vista, 44 — DESEJAMOS AGENTES EM TODO O BRAZIL.



Ha uma certa differença entre diferentes ferros de engommar electricos

DOS muitos aparelhos electricos que teem sido inventados para facilitar as tarefas da humanidade, não ha nenhum em que se encontre tanta differença em qualidade como no ferro de engommar electrico.

Um ferro pode ser nickelado e polido como outro, porem os elementos de que consta podem ser tão diferentes como o dia é da noite. Nos ferros de engommar Westinghouse esses elementos recebem o mesmo cuidado e esmero que se dedica á construcção de qualquer machina ou aparelho electrico intrincado.

Quer seja um ferro para o lar ou um ferro pesado para alfaiate, obter-se-ha longa duração e bom serviço de qualquer ferro que leve a marca 

Para preços e outros pormenores dirigir-se a

BYINGTON & CO.

S. Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Rio Grande, Curitiba.

Westinghouse

Por fim, o ferro elétrico da Westinghouse se coloca entre os “muitos aparelhos electricos que teem sido inventados para facilitar as tarefas da humanidade”, e ganha notoriedade dentro da *Revista* pelo impacto causado por seu anúncio que ocupa uma página inteira do periódico.

O elogio aos aparelhos elétricos e à praticidade trazida por eles, aparece, não apenas nos anúncios, como também nos artigos. Como já visto, os artigos que discutem a eficiência dos espaços e suas conformações também esbarram nas questões de eficiência dos objetos.

O texto “Economia domestica: objectos que interessam toda a boa dona de casa” (ver imagens p. 79 e 80) informa a leitora a respeito de diversos objetos domésticos com base, principalmente, na argumentação de “emancipação das donas de casa” em relação ao serviço dos empregados. Como já visto anteriormente, a “crise dos criados” implicava em algumas mudanças no cotidiano das famílias mais ricas, fazendo com que as donas de casa, mais acostumadas às atividades de gerência e direção do lar, tivessem que executar os trabalhos sem o auxílio de empregados.

Segundo a *Revista Feminina*, essa “emancipação da dona de casa” seria auxiliada pela indústria e pelos “utensílios e artefactos, com que, sem sacrifício de suas mãos, nem grande fadiga muscular, possam levar a cabo as tarefas domesticas mais urgentes”. Desses objetos, destacam-se “machinas de varrer, lavar e esfregar” que já começaram a se popularizar, mas também objetos para fins culinários.

Dentre esses últimos, o artigo cita aparelhos para cozinhar batatas, para banho Maria, para preparar legumes ao vapor e também um disco para conservar pães. Além disso, o texto divulga um tipo de fogão a gás alemão, após afirmar que:

Um dos mais difíceis problemas da culinária domestica é o aproveitamento do calor. Não se encontrou, ainda, o fogão ideal, como também o combustível que com o menor custo proporcione o maior numero de calorios. O carvão é caro, do gaz nem é bom falar, a electricidade, é de custosa installação.

Economia domestica

OBJECTOS QUE INTERESSAM TODA A BOA DONA DE CASA

A crise dos creados, de quando em quando se faz sentir, mais ou menos intensamente. Muitas pessoas que se dedicavam a essa profissão por circumstancias que não vem aqui explicar, preferem buscar em outro genero



Uma lição pratica de cozinha, na Allemanha: a preparação das conservas.

de trabalho os meios da propria subsistencia; outras ievadas pelo falso conceito de inferioridade social que implica o exercicio dessas funções, esquecidas de que todo o trabalho honra, dedicam suas energias a outras actividades; de forma que, muitas vezes a dona de casa vê-se em palpos de aranha para trazer seu lar em perfeita ordem, e os serviços inherentes a elle, executados a tempo e lugar.

Accresce estas difficuldades, muitas vezes, não o desejo da boa “menagere”, mas a verdadeira impossibilidade em que se acha de poder attender a essas necessidades domesticas, ou por falta de tempo ou por falta de especiaes aptidões.

E’ assim de grande necessidade, na resolução deste problema, a emancipação das donas de casa, nos limites do possível.

A industria muito auxilia, neste ponto as donas de casa, proporcionando-lhes utensilios e artefactos, com que, sem sacrificio de suas

mãos, nem grande fadiga muscular, possam levar a cabo as tarefas domesticas mais urgentes, prescindindo de creadas, ou pelo menos, libertando-se dellas até certo ponto.

Além das machinas de varrer, lavar e esfregar que começam a se vulgarisar amplamente em todos os meios sociaes, existem muitos utensilios de utilidade, principalmente culinaria, que pódem ser usados vantajosamente pelas donas de casa.

Temos, por exemplo, o aparelho para cozinhar batatas que consiste em uma caçarola funda, com compartimento solto onde se põem as batatas, apenas raspadas e lavadas; enche-se de agua a caçarola até o compartimento, de forma que resulta um



Um bello pudim.

verdadeiro banho Maria. Um dos mais difíceis problemas da culinaria domestica é o aproveitamento do calor. Não se encontrou

ainda, o fogão ideal, como também o combustível que com o menor custo proporcione o maior numero de calorios. O carvão é caro, do gaz nem é bom falar, a electricidade, é de custosa installação.

Parece que até certo ponto resolve a questão um novo modelo de fogão a gaz, fabricado por uma casa allema, cujas principaes vantagens consistem em que a chamma não só aque-



Outra lição pratica de cozinha: a preparação da geleia de fructas.

ce o fundo das vasilhas, como, por meio de uma especie de tubos, bate, aquecendo-as, nas paredes lateraes.

Outra novidade em utensilios de cozinha, é o banho Maria, universal, que segundo se deduz do respectivo cliché, consiste em uma caçarola muito funda, de estanho ou de aluminio, nunca de cobre ou ferro. No interior desta caçarola é collocado á altura de tres quartas partes do fundo, um disco de ferro inoxidavel, de uns 15 centimetros de diametro, provido de pés, para sustentá-lo, ao ser retirado da vasilha. Sobre este disco, em vasilhame que varia de formas e dimensões, segundo os fins a que se destinam, são collocados os alimentos. Quando se trata de legumes, ou outros comestiveis miudos, usa-se uma placa sem furos.



O aparelho para Banho Maria.

conserva durante alguns dias, tão macio e fresco como ao sahir do forno. A preparação de conservas, compotas e escabeches de legumes, etc., é, tambem um elemento de grande importancia na economia domestica, é necessario, porém, nesta materia pôr de parte todos os processos empiricos, cujas receitas, na maioria dos casos são erradas, ou puramente theoricas.

Este ramo da arte culinaria requer conhecimentos especiaes para cuja aquisição são quasi sempre insufficientes os manuaes de cozinha e confeitaria. A pratica, sob a direcção de uma pessoa comptente no assumpto, é ainda o melhor factor de successo. Assim, por exemplo, na fabricação das compotas, é absolutamente necessario conhecer o gráo de maturação em que se deve colher as fructas, sua qualidade, época de colheita, tempo certo em que devem ser submettidas á acção do fogo, quantidade e qualidade do assucar, além de muitas outras circumstancias e pormenores, que parecem insignificantes, mas que em verdade são indispensaveis para o feliz exito da operação. O fogão economico de que acima falamos, pôde ser utilizado tambem, com vantagem para a confecção de toda a especie de compotas, geleias, xaropes, etc., e afim de

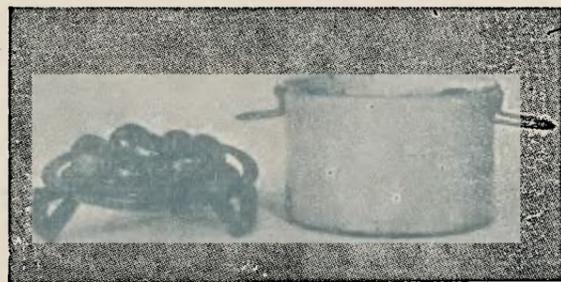
adestrar as jovens em tão interessante modalidade da culinaria domestica, foram ha tempos, installadas em Berlim, algumas escolas especiaes, onde se matricularam numerosas senhorinhas desejosas de adquirir conhecimentos sem os quaes difficilmente uma boa dona de casa dará conta de seus misteres neste ramo tão importante da vida domestica.



Apparelho para preparar legumes ao vapor de agua.

Por meio do vapor de agua que fica quasi á altura do disco, realiza-se a coção, onde são aproveitadas todas as substancias nutritivas sem grande consumo de combustivel.

Pelo que se refere ao pão, tão caro hoje em dia, convem economisá-lo, evitando que se que demasiadamente. Durante o prolongado bloqueio dos aliados, os alemães lançaram mão, para isto, de um simples quanto engenhoso aparelho consistente em um disco metallico protector, de bordos encurvados, onde se colloca o pão, que se



Outro modelo de aparelho para banho Maria.



Disco protector, para a conservação do pão.

Apesar de considerar custosa a instalação de rede elétrica nas casas, a ponto do uso dos fogões elétricos não serem a opção mais viável – algo que também foi apontado no artigo “Uma cozinha bem montada” (ver imagens p. 71 a 73) –, apenas três meses depois, a *Revista Feminina* publica o artigo “Notas de economia domestica: a electricidade na cozinha” (ver imagens p. 82 e 83), citando as diversas vantagens dos aparelhos elétricos.

Segundo o texto, a eletricidade transformou as funções de diversos objetos domésticos “de pesadas e desagrangeis em fáceis e simplíssimas”. Para a dona de casa, isso foi muito proveitoso, uma vez que muitas dessas tarefas agora podem ser realizadas “no menor tempo e com um mínimo de esforço”. Outra qualidade muito importante dos aparelhos elétricos levantada pelo texto é em relação a “suas pequenas dimensões e fácil manejo. Cabem em qualquer lugar e podem ser manejados por uma creança”.

Os aparelhos elétricos também ajudam no sentido de “eliminação de todo o todo o vehiculo de sugidade, e a diminuição, já que não é possível a completa supressão, do trabalho manual”. Uma vez que os aparelhos elétricos simplificam trabalhos que “por sua natureza eram quasi que incompatíveis com o decoro pessoal de uma senhora de fina educação”, agora é possível “substituir sem nenhum inconveniente qualquer pessoa de servir, sem que por esse facto tenha que quebrar com seus hábitos de ‘toilette’”. Mais uma vez, os argumentos de emancipação da dona de casa em relação aos criados aparecem.

Por fim, o artigo elogia as “conquistas da sciencia, que por seu relativo pouco custo, por seu facil manejo, e pelos resultados produzidos” são fatores de “bem estar domestico, de economia de tempo, e de perfeita hygiene do lar”. Citando exemplos de progresso internacionais, destaca: “O tempo, como dizem os ingleses, gente pratica em todas as manifestações da vida, é dinheiro. A boa dona de casa deve saber aproveitar o seu tempo da melhor forma possível”.

Notas de economia domestica

A ELECTRICIDADE NA COZINHA

Ha pouco mais de meio seculo ninguem teria previsto os prodigiosos serviços que a electricidade prestaria á sciencia e á industria em todas as suas modalidades, desde as industrias extractivas ás da locomoção e transportes.

A electricidade applicada á economia domestica, nestes ultimos annos tem apresentado verdadeiras maravilhas.

Inumeros são os objectos de uso domestico cujas funções a electricidade tomou a si, transformando-as, de pesadas e desagradaveis em faceis e simplissimas.

Grande parte dessas pequenas tarefas que, apesar de insignificantes tomavam á dona de casa a maior parte de seu tempo, são realizadas, agora, no menor tempo e com um mínimo de esforço graças ás machinas de uso domestico ultimamente inventadas.



Machina para triturar carne

todo o vehiculo de sugidade, e a diminuição, já que não é possível a completa suppressão, do trabalho



Machina electrica para espremer o succo das fruetas

Por isso em todos os numeros desta revista vimos tratando do assumpto, que para as boas "menageres" têm o maior interesse.

O ideal da optima dona de casa é a eliminação de

manual. O forninho electrico, que substituiu com vantagem o fogão a gaz, veio simplificar extraordinariamente alguns trabalhos domesticos, que por sua natureza eram quasi que incompativeis com o decoro pessoal de uma senhora de fina educação. A este respeito a dona de casa achava-se á discreção absoluta dos creados.

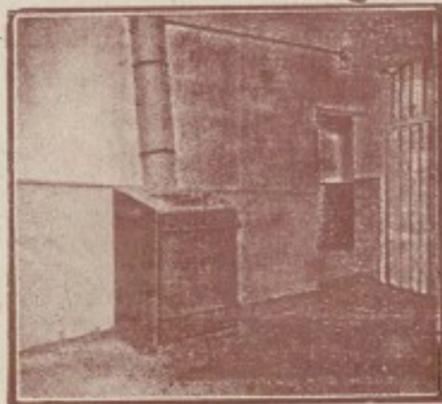
Hoje, com a applicação da electricidade á maioria dos objectos e pequenos machinismos de uso domestico, a "menager" pode substituir sem nenhum

inconveniente qualquer pessoa de servir, sem que por esse facto tenha que quebrar com seus habitos de "toilette".

A cozinha, com as installações electricas modernas, é um verdadeiro laboratorio de arte culinaria, sem fumaça, sem cinza, limpo, arejado, brilhante de metaes, mesmo de assoalho eucorado, como qualquer outro aposento.

Certo, nas pequenas localidades onde a energia electrica custa mais que a lenha ou que o carvão, a economia manda que se continue a adoptar o velho systema do fogão a lenha.

Nas cidades, porém, onde a electricidade constitua artigo ao alcance de todos, as vantagens destas installações são indiscutíveis.



Apparelho para moer o lixo

Existem, actualmente, no mercado, aparelhos electricos para todos os misteres caseiros, desde a vasoura que absorve o pó, ao guarda-pão.

E são pequenas machinas para triturar carne, para ralar pão ou queijo, para limpar talheres, para moer café, etc.

Uma das maiores vantagens destes utilissimos aparelhos de uso domestico consiste em suas pequenas dimensões e facil manejo. Cabem em qualquer lugar e podem ser manejados por uma creança.

Nestas paginas, damos a reprodução graphica de alguns desses aparelhos.

Por essas gravuras verão as queridas leitoras o insignificant lugar que esses esplendidos auxiliares da dona de casa occupam, assim como a simplicidade dos mesmos.

E aquellas que os desejem adquirir não tem mais que se dirigir a uma das tantas casas especialistas no genero, ou por intermedio de nossa secção de compras e remessas.

O tempo, como dizem os inglezes, gente pratica em todas as manifestações da vida, é dinheiro.

A boa dona de casa deve saber aproveitar o seu tempo da melhor forma possível.

Não resta a menor duvida que as nossas velhas cozinhas, patriarchaes, eram muito mais poeticas, si assim nos podemos exprimir, mas, tambem muito menos hygienicas que as modernas installações do genero.

De resto, qualquer destas pequenas machinas que a maravilhosa fada, que é a electricidade, move e anima a nosso bel prazer, pode sem grande inconveniente ser montada nas cozinhas antigas.

Isto quer simplesmente dizer que ao lado do passado o presente póde perfeitamente ter o seu lugar.

Em alguns paizes europeus e americanos como a Inglaterra e os Estados Unidos as cozinhas e seus respectivos accessorios têm ultimamente passado pelas mais radicaes

transformações. E' o progresso. E, emfim, si quizermos estar dentro do nosso tempo somos obrigados a acompanhá-lo... pelo menos no que elle tenha de bom.

E' o que aconselhamos ás gentis leitoras.

No entanto, apesar de todas as grandes vantagens e real utilidade que estas pequenas machinas de uso domestico offerecem a toda a boa dona de casa, em nosso paiz sua diffusão tem sido relativamente insignificant.

O temperamento do nosso povo é essencialmente conservador. Existem certos habitos tão inveterados entre nós, que apesar de demonstrada amplamente o quanto são prejudiciaes e fóra do nosso progresso continuam a ter força de lei.

O culto das tradições constitue, certamente, uma das grandes e mais bellas virtudes dos povos. E' preciso, porém, saber distinguir entre conceitos de moral e de justiça, por exemplo, que devemos a todo custo conservar, e certas aberrações de nãa se conceder ao progresso material dos nossos tempos.

Existe, assim, muita gente que nutre por muitas conquistas da actual industria, taes como estas machinarias de uso domestico e outras, uma desconfiança verdadeiramente intempestiva. E' preciso reagirmos contra essa, nossa encesstral tendencia de negar "a priori" toda a conveniencia que temos em adoptar

muitas pequenas conquistas da sciencia, que por seu relativo pouco custo, por seu facil manejo, e pelos resultados produzidos são outros tantos factores de bem estar domestico, de economia de tempo, e de perfeita hygiene do lar.



Machina para limpar talheres



Pequeno moedor electrico para café

A "Revista Feminina" é o mais completo repositório de conhecimentos domesticos, sobre hygiene do lar e da familia; de labores femininos, e de educação geral.

O custo de sua assignatura (anual) é uma verdadeira insignificancia: 15\$000. Assim, só por assignatura.

um lamentavel descuido deixarão as familias brasileiras de

Os pedidas, acompanhados da respectiva importancia, podem ser dirigidos á rua Conselheiro Christóvão N.º 1 - S. Paulo.

II. As menções a Henry Ford

Além das discussões mais explícitas a respeito dos métodos científicos de gestão do lar que estão presentes, na maior parte das vezes nos artigos ilustrados, mas também na forma de elogio à eficiência e praticidade nos anúncios, outra situação implícita gerou reflexões durante essa pesquisa: as menções a Henry Ford nas páginas da *Revista Feminina*.

Segundo Giedion (1978, p. 129), ao mesmo tempo em que Taylor desenvolvia e aplicava seu método científico em suas fábricas, Ford (1863-1947) também realizava seus estudos de linha de montagem. Ao ponto que, quando Taylor morre em 1915, Ford já tinha sua linha de montagem aplicada na sua fábrica em Highland Park. Apesar dos estudos coincidentes, Henry Ford nunca mencionou o trabalho de Frederick Taylor.

Por conta dessa coincidência tempo-espacial, a pesquisa, já em andamento, considerou importante relatar as menções ao trabalho de Ford na *Revista Feminina*, uma vez que isso poderia indicar alguma aproximação das leitoras do periódico também com o conhecimento dos conceitos de Taylor.

Assim, existem duas situações na *Revista Feminina* que valem a pena serem relatadas: a primeira, os anúncios do “Automovel ‘FORD’” (ver imagem p. 85) em 1916 e 1917, e a segunda, o artigo “A influencia feminina na vida de Henry Ford” (ver imagens p. 86 e 87) no exemplar de outubro de 1925.

Os anúncios dos automóveis produzidos por Ford tiveram grande destaque nos exemplares de 1916 e 1917, aparecendo, inclusive em uma das poucas páginas coloridas da *Revista*, sua quarta capa. Junto às imagens dos carros, a frase “O mais barato, mais elegante, mais leve e mais economico que ha” ressalta as qualidades do produto, atraindo o consumidor.

Automovel "FORD"

O mais barato, mais elegante, mais leve e mais economico que ha

O "FORD" transita em qualquer estrada por peior que seja

Unicos Agentes:
SOCIEDADE INDUSTRIAL E DE AUTOMOVEIS "BOM RETIRO"
Largo de S. Francisco N. 3
SÃO PAULO

Peçam catalogos

Automovel "FORD"

O mais barato, mais elegante, mais leve e mais economico que ha;

O "FORD" transita em qualquer estrada, por peior que seja

Unico Agente:
Sociedade Industrial e de Automoveis "Bom Retiro"
LARGO de S. FRANCISCO N. 3 - São Paulo

Peçam catalogos

Preço 3:500\$000

TYPOGRAPHIA H. GROBEL — RUA AURORA, 3 e 5

A influencia feminina na vida de Henry Ford

O livro, que melhor synthetiza a época moderna, transição de renascimento, de deslocação, é, sem duvida, aquelle em que o formidável industrial americano Henry Ford narra a sua vida e explana a sua obra. Como a maioria dos vultos, que dominam o mundo a esta hora, elle subiu da miséria á opulência, galgou os degraus do fausto após ter comido o pão negro dos desherdados da sorte. O que, porém, o differencia dos seus collegas de **arrivismo** é a influencia assombrosamente benéfica que exerce no seio da sociedade. Maneja o mais avultado dos rendimentos actuaes, e, no entanto, despreza o dinheiro. Considera-o uma força bruta, que não deve, em tempo algum, escravizar e dominar a intelligencia do trabalho.

A intelligencia do trabalho é a sua idéa matriz, sua preocupação constante, seu objectivo fixo e de todo instante. Em todas as usinas, em todos os estabelecimentos por elle fundados, sente-se o olhar vigilante do mestre, perpassando por todos os recantos, preocupado em tirar de tudo o maior proveito e de proporcionar ao operario maior conforto possível. Um dos grandes segredos de seu successo é a consideração que dispensa aos trabalhadores: — encara-os como seus collaboradores, como seus socios; dá-lhes o maior salario possível. Com effeito, o minimo ordenado, em suas fabricas, é de 6 dollars por dia. Procura empregar os mutilados de toda especie, até os cegos. Lança-o ao trabalho e gera nas officinas o estímulo, o unico estímulo justo e real: — o da capacidade. Triunpham os mais habéis; são recompensados os mais déstros. Também o resultado é espantoso. A alegria reina, perpetua, entre as fileiras dos seus proletarios os quaes não aspiram melhorias sinão dentro das proprias officinas, em que labutam. Desprezam as associações trabalhistas e nunca sonham com reivindicações á mão armada. A politica não os inquieta, porque em nada della dependem. Não dependem tão pouco dos banqueiros e dos emprestimos a juros altos, — operações que são a mais dolorosa das pragas do operariado, pois o salario basta-lhes para viver. Desta fórma, conseguin Henry Ford arrancar ao circulo vicioso da divida milhares de operarios, que enfrentam agora, corajosos, a

existencia, graças á protecção, que encontram nesse novo systema industrial. — systema industrial, que levou Henry Ford a estudar o problema dos judens, os quaes, aliás, se ligaram para enfraquecelo e arrastal-o á ruína, cuja tática elle condemna, por ser contraproducente. Acha que a industria nunca deve se sujeitar aos banqueiros, nem o trabalho ao dinheiro. E como tudo quanto adianta em seu livro em materia de theoria não é sinão a expressão daquillo que já realison praticamente lembra, então como ao findar da guerra, tendo que deslocar os artigos de fabricação de material bello para material industrial, foi forçado a lutar amargamente, desesperadamente contra a crise que se lhe deparava. Venceu, e venceu sem um só emprestimo, apenas com a suppressão das despesas superfluas e com a intensificação de produção em suas officinas.

Tanto valor empresta Ford ao trabalho, que em um hospital de beneficencia por elle fundado, não quiz, de modo algum, conceder tratamento gratuito a quem quer que fosse. Exige pagamento, modico embóra, o minimo possível, talvez tendo isso por objectivo conservar no individuo, mesmo doente, a noção de sua responsabilidade, o habito de se manter á sua custa, o dever de pensar e de reflectir na obrigação estricta de trabalhar para viver. Ford não é um simples mecanico, favorecido pela sorte. É um pensador, que raciocina; um sociologo, que perscruta as necessidades do povo, Sociologo e pensador, — mas eminentemente pratico. Despreza a literatura ficticia para basear todo o seu saber na experiencia. Em contacto diuturno com centenas e centenas de homens, mulheres e crianças, estuda-lhes as tendencias para poder conhecer, de perto, a alma humana. E por surprebender muita miseria, muita desgraça, é que se applica, sem tréguas, a melhor a situação do pobre, a dar-lhe conforto e bem estar. Prediz a evolução, que se ha de realizar com a nova era de renascimento da industria agricola e define a sociedade futura uma democracia, na qual não de imperar os mais capazes, os mais dotados. Chegado ao apogeu da fortuna, Henry Ford confessa, com singeleza, que,

(Cont. em "Miscellanea").

vezes basta para afundar um homem no lódo. Deus soube o que fazia quando em Babel baralhou as linguas.

Oxalá esta confusão durasse ainda! Assim nos entenderiamos por escripto, e soffreriamos deste modo menos desenganos.

A pena é muito mais prudente do que a lingua e, sobretudo, mais verídica.

Tão pouco caso faço já das palavras, que conheço os homens mais pelo que calam do que pelo que dizem.

Das mulheres, não falo, pois a essas não se conhecem nem mudas nem a falar. Si as mulheres não **falassom**, seriam anjos!

Para fazer a mulher, Adão deu uma costella, o Amor todos seus attrativos. Deus toda sua belleza, e o demonio, que tinha obrigação de contribuir com qualquer coisa, deu-lhe a lingua.

(Cont. de VIDA DE HENRY FORD)

dades, dos tempos, em que, humildemente tateava nas trévas para achar o caminho, que o levasse ás descobertas planejadas. O tempo mais feliz da sua vida, diz elle, foi esse em que trabalhava, a seu lado, a sua esposa. Nos fundos da sua humilde morada havia um chalet, um pobre hangar, em que, bem tarde, após as fadigas do dia, se retirava com ella e trabalhava pela noite a dentro, avidos ambos de rasgar os véos do desconhecido, que sondavam. Quanta vez, consultavam technicos e sabios. E delles recebiam negativas e desillusões. A esposa, porém, velava junto a elle. Amparava-o nas horas de desfalecimento, e, confiante, incentivava-o a não desanimar. Qual não foi a alegria de ambos, quando Edison, ouvido a proposito dos inventos que o perseguiam, respondeu que eram viáveis, que eram possíveis, a poder de tempo e de paciencia!

Paciencia, não lhes faltava. Mais intrepidos, aventuraram-se os dois na seára das experiencias. Não falhou a descoberta. Não faltou o successo. E o preito de admiração, que rendemos a Ford, deve, por certo, estender-se igualmente áquella que o secundou na luta e o ajudou com o seu risonho optimismo, e com a sua extraordinaria força de vontade.

MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT

(Cont. de QUESTÕES FEMININAS)

Parafraseando este mesmo pensamento; diremos do "muito que é preciso saber, e do mui-

Chypre de POLLY
A
MELHOR AGUA DE COLONIA

AVISO UTIL A TODAS AS MÃES

Em **5** minutos
passa
a **Dor de Dente**,
com a
Cera D'Alustosa
NÃO QUEIMA A BOCCA
EXIJAM ESTA MARCA
NÃO ACEITEM SUBSTITUIÇÕES

to bem que é preciso pensar e raciocinar, para educar uma criança".

Aos educadores compete o papel quasi de criação, que dá aos iniciadores o prazer de chamar uma alma á comprehensão do mundo exterior, assistindo com o desvanecimento ao desabrochar da intelligencia e á comprehensão deslumbrada da vida; mas para bem gosar esse favor do destino é necessario que seja merecido pela souma do bem prestado áquelles que lhes estão confiados.

ANNA DE CASTRO OSORIO.

BASTA!...

Basta!... Tanto sangue, tanta dor, e nem um proveito real; apenas o homem tornado "bruto" e a sua victima dignificada pelo soffrimento.

Com que direito essa massa de carne, com fórma de homem, sem sentimentos de moral, fria, estúpida, cynicamente enterra a faca no corpo de um vivente de carne e osso como o seu algoz? Porque não se queixa a victima, privada da palavra? ou porque, não estando á mesma altura intelectual, nem ao menos sabe usar das armas que lhe deu a Natureza, de força physica, de coragem, de nobreza? Covardia! Povo de S. Paulo! Gente de tradição gloriosa! Deixe-os sozinhos em campo, a essa casta de bandidos, usurpadores do angue innocente! Não leveis o vosso dinheiro, e muito menos a vossa presença e o vosso applauso á arena de Campo Belle.

Allviemos a posteridade do peso dessa culpa enorme e vergonhosa de uma crudelissima escravidão infligida aos animaes, "nossos irmãos", no dizer do verdadeiro santo: Francisco de Assis. É tempo de acordar. É tempo de começar. Sim, começar, digo, pois num paiz onde se permite o espectáculo de touradas, a mais infamante atrocidade, tudo está ainda por fazer.

Stael de Carvalho Palhinha.

S. Paulo, 24 de Setembro de 1925..

PARA ENGORDAR E GANHAR SAUDE

VANADIOL

ACONSELHADO PELOS MEDICOS, COMO
O MELHOR FORTIFICANTE

Apesar do impacto dos anúncios, o que chama a atenção mesmo é o artigo de quase duas páginas “A influencia feminina na vida de Henry Ford”. Em um primeiro momento, o título instiga a pensar qual influência feminina seria essa, e se Ford teria entrado em contato com os estudos das reformadoras do lar, como Catherine Esther Beecher.

No entanto, a hipótese não se confirma. O texto, na verdade, relata um pouco da vida de Henry Ford, dando destaque para seu modelo industrial e suas influências na sociedade: “O livro, que melhor synthetiza a época moderna, transição de renascimento, de deslocação, é, sem duvida, aquelle em que o formidável industrial americano Henry Ford narra sua vida e explana sua obra”. Fica claro, também, que os conceitos de aproveitamento de tempo e de economia de esforços – ou pelo menos, parte deles –, eram assimilados e aplicados também por Ford:

A intelligencia do trabalho é a sua idéa motriz, sua preocupação constante, seu objectivo fixo e de todo instante. Em todas as usinas, em todos os estabelecimentos por elle fundados, sente-se o olhar vigilante do mestre, perpassando por todos os recantos, preocupado em tirar de tudo o maior proveito e de proporcionar no operario maior conforto possivel.

Finalmente, a influência feminina aparece no momento em que o industrial afirma que “o tempo mais feliz da sua vida [...] foi esse em que trabalhava, lado a lado, a sua esposa”:

Nos fundos da sua humilde morava havia um chalet, um pobre hangar, em que, bem tarde, após as fadigas do dia, se retirava com ella e trabalhava pela noite a dentro, ávidos ambos de rasgar os véos do desconhecido, que sondavam. Quantas vezes, consultavam technicos e sábios. E delles recebiam negativas e desilusões. A esposa, porém, velava junto a elle.

Essa informação leva a crer que a esposa de Henry Ford não apenas acompanhava e apoiava seu marido em seus negócios – como era esperado que as esposas fizessem –, como também se envolvia ativamente na evolução do seu sistema industrial. Logo, seria possível levantar a hipótese de que essa mulher esteve

em contato direto com as discussões de eficiência do trabalho e economia de tempo e esforços, podendo, também, ter levado essas reflexões para o ambiente doméstico.



7. Considerações finais

Uma das primeiras hipóteses desse trabalho era a de que as mulheres paulistanas das décadas de 1910 e 1920 já tivessem entrado em contato com manuais de dona de casa americanos que reproduzissem conceitos de eficiência e racionalidade do espaço doméstico. Um questionamento que surgiu nesse momento da pesquisa foi quanto à possibilidade de existência, no Brasil, de manuais nacionais que se assemelhassem aos americanos. No entanto, em uma troca de correspondências publicada no “Jardim Fechado”, essa hipótese foi colocada em dúvida.

No exemplar de março de 1919, uma mulher, identificada apenas como “A assignante n. 5.539”, pede para que as outras participantes do “Jardim Fechado” indiquem “autores dos melhores tratados de Economia domestica que conhecerem”. No exemplar do mês seguinte, outra mulher, identificada como Iracema e que escreve de São Paulo, responde:

Não conheço, em nossa lingua, nenhum autor de economia domestica, e creio que os não ha. Conheço, em língua franceza, um livro sobre esse assumpto. Li-o cuidadosamente, e, francamente, não aproveitei nada. Demais, a economia, em França, é muito diversa da economia entre nós. São até coisas oppostas. Nesse livro encontrei conselhos que são absolutamente inapplicaveis em nosso paiz. Eu acho que a economia domestica é uma arte ou sciencia que deve ser cultivada segundo os recursos de cada um. É o que penso. Quem for econômico, conhece os meios de exercer a sua economia. Isso é uma questão de indole. (Revista Feminina, 1919, n. 54, p. [37]).

Apesar de a leitora alegar desconhecimento de manuais em português, os trabalhos de Vera Cleser e Julia Lopes de Almeida já circulavam, sendo que as duas autoras não eram presença rara na *Revista Feminina*. De qualquer forma, os manuais brasileiros que pensavam a racionalização do espaço especificamente poderiam não estar em grande circulação ainda, mas a discussão desses conceitos já vinha

aparecendo progressivamente em outros meios mais “leigos” – na própria *Revista Feminina*, como foi visto anteriormente.

Mas a observação talvez mais importante seja sobre a possível aproximação entre os estudos de Christine Frederick e as editoras da *Revista Feminina*. No segundo semestre de 1912, Frederick “uma das primeiras mulheres que se preocuparam em levar a ciência da eficiência para o lar” publicou uma série de artigos no *Ladies Home Journal*, importante periódico feminino americano. Houve grande interesse pelos seus textos e os editores “encabeçaram cada artigo com uma referência à gestão científica” (GIEDION, 1978, p. 526).

A possível conexão se dá pelo fato de que o *Ladies Home Journal* foi algumas vezes citado ou elogiado pela *Revista Feminina*:

Entre as revistas americanas destaca-se, nos Estados Unidos, a *Ladies Home Journal*, revista dedicada exclusivamente às senhoras, e que tem uma edição – ouçam bem! – de um milhão e quinhentos e noventa e dois mil exemplares!!! Como chegou uma revista de senhoras a ter tão grande edição, edição verdadeiramente assombrosa? [...] As mulheres norte-americanas que tem a consciencia de seus direitos e que compreenderam desde logo que necessitavam de uma revista que lhes defendesse esses direitos, ao mesmo tempo que lhes desse leitura util, san e moralisadora, para a educação de seus filhos – puzeram-se em campo, pela “*Ladies Home Journal*”. (Revista Feminina, 1917, n. 34, p. [40]).

É possível, então, que as leitoras da *Revista*, ou pelo menos a própria redação, tenha tido contato com essas discussões contemporâneas nesse periódico estrangeiro e em outros também, tendo até mesmo lido os artigos de Christine Frederick. Apesar disso, ao ser feita a busca pelo nome dessa e de outras reformadoras do lar nos exemplares da *Revista Feminina*, o resultado foi sempre negativo.

De qualquer forma, as ideias já estavam circulando, seja pelos meios mais populares ou mais especializados, e o Brasil não estava totalmente isolado dessa questão. As discussões acerca da taylorização da casa, portanto, orientavam os debates e a configuração domésticos em São Paulo, e é necessário reconhecer o

papel e a importância que a *Revista Feminina* teve como articuladora dessas reflexões entre as donas de casa das primeiras décadas do século XX.



8. Referências

AGUILAR, Paula Lucía. *El hogar como quehacer: los saberes de la economía doméstica en el debate sobre la cuestión social (Argentina, 1890-1920)*. In: PÉREZ, Inés; SANTOS, Marinês Ribeiro dos (orgs.). **Gênero e consumo no espaço doméstico: Representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil**. Curitiba: Editora UFPR, 2017

ATIQUE, Fernando. **Arquitetando a “Boa-Vizinhança”: a sociedade urbana no Brasil e a recepção do mundo norte-americano, 1876-1945**. Tese de doutorado. São Paulo: FAU-USP, 2007.

BEGUIN, François. *As maquinarias inglesas do conforto* [1977]. **Espaços & Debates**, São Paulo: NERU, n. 34, pp. 39-54, 1991.

BESSE, Susan K. **Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero no Brasil, 1914-1940**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BITONI, Dulcília H. Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

CALDO, Paula. *Saberes femeninos: la cocina y la transformación de las recetas em los clivajes de las lógicas del consumo (Argentina, 1880-1945)*. In: PÉREZ, Inés; SANTOS, Marinês Ribeiro dos (orgs.). **Gênero e consumo no espaço doméstico: Representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil**. Curitiba: Editora UFPR, 2017.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e Artefato: O sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2008.

CORREIA, Telma de Barros. **A construção do habitat moderno no Brasil – 1870-1950**. São Carlos: RiMa, 2004.

COWAN, Ruth Schwartz. **More work for mother: the ironies of household technology from the open hearth to the microwave**. London: Free Association Books, 1989

ELEB, Monique. *Conforto, bem-estar e cultura na França*. In: NASCIMENTO, Flávia Brito do; SILVA, Joana Mello de Carvalho e; LIRA, José Tavares Correia de; RUBINO, Silvana Barbosa. **Domesticidade, gênero e cultura material**. São Paulo: Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017, pp. 159-173.

FORTY, Adrian. **Objeto de desejo – design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

GIEDION, Siegfried. **La mecanización toma el mando**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A., 1978.

LAURETIS, Teresa de. *A Tecnologia do Gênero*. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp. 206-242.

LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento. História e memória*. Coleção Repertórios. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LIERNUR, Jorge Francisco. *El nido en la tempestad. La casa en los manuales y artículos sobre economía doméstica (1870-1930)*. In: BALLENT, Anahi; LIERNUR, Jorge Francisco. **La casa y la multitud: Vivenda, política y cultura en la Argentina moderna**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2014.

MASCARO, Sonia de Amorim. **A Revista Feminina: imagem de mulher**. São Paulo. Dissertação de Mestrado, ECA-USP, 1982.

MOTA, André; SANTOS, Marco A. C. dos. *Entre algemas e vacinas: medicina, polícia e resistência popular na cidade de São Paulo (1890-1920)*. **Novos estudos**, São Paulo, nº 65/mar. 2003, pp. 152-168.

PEDRO, Joana Maria. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. São Paulo: Revista História, v. 24, n. 1, pp. 77-98, 2005.

PÉREZ, Inés. *Confort para el pueblo y liberación para el ama de casa: género, consumo y heladeras em Argentina (1930-1960)*. In: PÉREZ, Inés; SANTOS, Marinês Ribeiro dos (orgs.). **Gênero e consumo no espaço doméstico: Representações na mídia durante o século XX na Argentina e no Brasil**. Curitiba: Editora UFPR, 2017.

PRECIADO, Beatriz. *La celda posdoméstica: El apartamento para el soltero urbano*. In: **Pornotopía: Arquitectura y sexualidad em Playboy durante la guerra fría**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2010.

RAGO, Luzia Margareth; MOREIRA, Eduardo F. P. **O que é taylorismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

TAYLOR, Frederick Winslow. **The Principles of Scientific Management**. New York-London: Harper & Brothers Publishers, 1919.

Fonte das imagens

p. 18: “Fevereiro”.

Revista Feminina, 1916, n. 21, p. 5.

p. 21. Carta do Cardeal Arcoverde para Virgilina de Souza Salles.

Revista Feminina, 1917, n. 33, p. [35].

p. 25. “O menú de meu marido”.

Revista Feminina, 1920, n. 77, p. [34].

A seção “O menú de meu marido” é fixa na Revista Feminina a partir do ano de 1916, mantendo-se até o último exemplar analisado (dezembro de 1925). Aparece quase sempre com a diagramação idêntica à apresentada aqui, com a mesma imagem na parte superior e a descrição de algumas receitas abaixo, com exceção das primeiras edições, em que, em vez de trazer a imagem da família, trazia ilustrações dos pratos.

p. 29. “Nossa exposição de trabalhos”.

Revista Feminina, 1917, n. 35, p. [41].

p. 36 e 37. “Fevereiro (A mulher brasileira na guerra)”.

Revista Feminina, 1918, n. 45, pp. 11-12.

p. 42. “O lar de uma suffragette”.

Revista Feminina, 1917, n. 42, p. [24].

p. 76. Anúncio: “Apparelho para sirgir e tecer ANÃO”.

Revista Feminina, 1921, n. 80, p. [50].

p. 76. Anúncio: Ferro automático.

Revista Feminina, 1925, n. 129, p. [91].

p. 77. Anúncio: Westinghouse.

Revista Feminina, 1925, n. 130, p. [9].

p. 79 e 80. “Economia domestica: objectos que interessam toda a boa dona de casa”.

Revista Feminina, 1924, n. 117, pp. [8-9].

p. 82 e 83. “Noções de economia domestica: a electricidade na cozinha”.

Revista Feminina, 1924, n. 120, pp. 27-28.

p. 85. Anúncio: “Automovel FORD”.

Revista Feminina, 1916, n. 20, p. 3.

p. 85. Anúncio (colorido): “Automovel FORD”.

Revista Feminina, 1917, n. 34, p. [60].

p. 86 e 87. “A influencia feminina na vida de Henry Ford”

Revista Feminina, 1925, n. 137, pp. [27, 101].

